



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MESTRADO EM PSICOLOGIA

VINÍCIUS GRASSI VIEIRA RAMOS

**RELACIONAMENTOS AMOROSOS E INTEGRAÇÃO
SOCIOCULTURAL DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS DA UFES**

VITÓRIA - ES

2020

VINÍCIUS GRASSI VIEIRA RAMOS

**RELACIONAMENTOS AMOROSOS E INTEGRAÇÃO
SOCIOCULTURAL DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS DA UFES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação do Professor Doutor Agnaldo Garcia.

**UFES
VITÓRIA - ES
2020**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

R175r Ramos, Vinícius Grassi Vieira, 1987-
Relacionamentos amorosos e integração sociocultural de estudantes internacionais da Ufes / Vinícius Grassi Vieira Ramos. - 2020.
148 f. : il.

Orientador: Agnaldo Garcia.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Amor. 2. Estudantes estrangeiros. 3. Cultura. I. Garcia, Agnaldo. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

VINÍCIUS GRASSI VIEIRA RAMOS

**RELACIONAMENTOS AMOROSOS E INTEGRAÇÃO SOCIOCULTURAL DE
ESTUDANTES INTERNACIONAIS DA UFES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Dr. Agnaldo Garcia

Universidade Federal do Espírito Santo
Professor Orientador-Presidente da Banca Examinadora

Prof.ª Dr.ª Brunela Vieira de Vincenzi

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.ª Dr.ª Mariana Bonomo

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória-ES, 25 de março de 2020

Aos meus pais, Juraci Vieira Ramos e
Pedrinha Grassi. Agradeço por seu amor incondicional.
Obrigado por me ensinarem o valor
do trabalho duro e a acreditar em mim mesmo. Vocês são meus heróis!

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao Professor Doutor Agnaldo Garcia, meus mais sinceros agradecimentos.

Inicialmente agradeço por vosso interesse na proposta de pesquisa inicial, ainda no processo seletivo, e por ter aceitado ser meu orientador ao longo dessa jornada de dois anos.

Agradeço pelos ensinamentos recebidos, tanto durante as disciplinas realizadas quanto nas orientações individuais e em grupo, assim como também enquanto participante do comitê de organização da SIP, coordenada pelo senhor.

Obrigado Professor Agnaldo por sua disposição e disponibilidade. Por sempre mostrar-se acessível quando precisei de sua ajuda.

Obrigado também pela paciência e compreensão. Obrigado por acreditar no potencial desse trabalho e depositar sua confiança no sucesso dessa empreitada.

Por fim, obrigado pela calma e serenidade transmitidas, tão importantes e necessárias no decorrer dessa caminhada, marcada por desafios e superações.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me concede a cada dia o dom da vida. Se tenho tudo o que tenho e sou o que sou é graças as oportunidades que o Senhor me proporciona.

À minha família, em especial aos meus pais, meu irmão Victor, minha prima Nathalia e meus tios Gilberto, Genilza e Elcio, por compreenderem minhas ausências e me motivarem a seguir atrás de meus sonhos, objetivos e metas.

Ao meu amor Alessandra, obrigado pela compreensão e apoio incondicional. Incansável incentivadora. Por acreditar em mim quando em vários momentos eu mesmo tive dúvidas.

Aos colegas da turma de Mestrado PPGP/2018, obrigado por inúmeros momentos juntos, de trocas tão enriquecedoras.

Aos professores do PPGP, obrigado por compartilharem sua sabedoria, sempre acessíveis e dispostos a dividir, somar e multiplicar.

Às professoras integrantes da banca, obrigado por seu tempo e interesse na pesquisa. Suas dicas e orientações foram de grande valor para o sucesso desse trabalho.

Aos funcionários da secretaria do PPGP, em especial aos senhores Arin e Antonio, por sua cordialidade, paciência e disponibilidade.

À Secretaria de Relações Internacionais, em especial à coordenação de mobilidade para a UFES, por todas as informações disponibilizadas.

Aos participantes da pesquisa, que dedicaram seu tempo e atenção. Por depositarem sua confiança neste trabalho.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram, direta ou indiretamente, para o sucesso desse trabalho de pesquisa. Sem dúvida alguma, sozinho não haveria possibilidade de executá-lo.

“Jamais perca seu equilíbrio. Por mais forte que seja o vento da tempestade busque no seu interior o abrigo.” (Ponto de Equilíbrio)

RESUMO

Ramos, V. G. V. (2020). Relacionamentos amorosos e integração sociocultural de estudantes internacionais da UFES. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES.

A globalização e o avanço tecnológico na atualidade têm facilitado o contato e a comunicação entre pessoas de diferentes povos e nações, contribuindo também para a internacionalização da educação superior. O presente trabalho investigou os relacionamentos amorosos ou românticos de estudantes internacionais e seu possível papel em sua integração social e cultural ao país de destino, tema ainda pouco investigado. Participaram da pesquisa dez estudantes internacionais de cursos de graduação ou pós graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, que estavam ou estiveram envolvidos em relacionamentos amorosos nos últimos dois anos. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada narrativa episódica e gravados em áudio simultaneamente com a anuência do participante, sendo objeto de análise temática, utilizada para organizar, analisar e interpretar as transcrições das entrevistas. Os resultados foram organizados em três grupos temáticos: (a) relacionamentos românticos ou amorosos; (b) relações de amizade, e (c) fatores que facilitam e dificultam a inserção sociocultural. Os relacionamentos amorosos incluíram os seguintes temas: início, fatores de atração e desenvolvimento; pontos positivos e dificuldades no relacionamento romântico; relacionamento amoroso, inserção sociocultural e adaptação ao Brasil; diferenças culturais quanto a sexo e relacionamento romântico; mudanças em atitudes, crenças e expectativas sobre relacionamentos românticos; relacionamento e internet; e, relacionamento à distância. As relações de amizade incluíram os temas: amizade e relacionamento romântico; dificuldade para fazer amigos e relacionamento romântico e relações com familiares do parceiro. Entre os fatores que facilitam e dificultam a inserção sociocultural foram encontrados os seguintes temas: características individuais; diferenças culturais: idioma; relações interpessoais e outras dificuldades. Os dados obtidos foram comparados com a literatura. As temáticas identificadas durante a análise dos dados revelaram que os relacionamentos amorosos dos estudantes internacionais tanto podem ser vistos como aspectos positivos quanto aspectos negativos para sua inserção sociocultural. A riqueza dos dados obtidos através das entrevistas realizadas evidenciou uma diversidade de realidades e dinâmicas dos relacionamentos amorosos dos

estudantes participantes do estudo, desde a nacionalidade do parceiro até a modalidade de relacionamento (à distância ou não), incluindo temáticas relacionadas à sua inserção social e cultural.

Palavras chave: estudantes internacionais; relacionamentos amorosos; integração sociocultural; UFES; Universidade Federal do Espírito Santo; Robert Hinde.

ABSTRACT

Ramos, V. G. V. (2020). Romantic relationships and socio-cultural integration of international students at UFES. Master's Dissertation presented to the Graduate Program in Psychology at the Federal University of Espírito Santo. Vitória, ES.

Recently, globalization and technological advances have facilitated contact and communication between people from different cultures and nations, also contributing to the internationalization of higher education. The present work investigated the romantic relationships of international students and their possible role in their social and cultural integration to the destination country, a topic that has not yet been largely investigated. Ten international undergraduate or postgraduate students at UFES, who had been involved in romantic relationships in the last two years participated in the research. Data were collected through an episodic narrative semi-structured interview and recorded in audio simultaneously with the participant's consent, being the subject of thematic analysis, used to organize, analyze and interpret the transcripts of the interviews. The results were organized into three thematic groups: (a) romantic or loving relationships; (b) friendly relationships, and (c) factors that facilitate and hinder socio-cultural insertion. Love relationships included the following themes: initiation, attraction and development factors; positive points and difficulties in the romantic relationship; loving relationship, socio-cultural insertion and adaptation to Brazil; cultural differences regarding sex and romantic relationships; changes in attitudes, beliefs and expectations about romantic relationships; relationship and internet; and, distance relationship. Friendship relationships included the themes: friendship and romantic relationship; difficulty making friends and romantic relationships and relationships with family members of the partner. Among the factors that facilitate and hinder socio-cultural insertion, the following themes were found: individual characteristics, cultural differences: language; interpersonal relationships and other difficulties. The data obtained were compared with the literature. The themes identified during the data analysis revealed that the international students' love relationships can be seen as both positive and negative aspects for their socio-cultural insertion. The richness of the data obtained through the interviews made evident a diversity of realities and dynamics of the loving relationships of the students participating in the study, from the nationality of the partner to the type of relationship (distance or not), including themes related to their social insertion and cultural.

Keywords: international students; romantic relationships; sociocultural integration;
UFES; Federal University of Espírito Santo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Relações dialéticas entre níveis sucessivos de complexidade social

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Identificação dos participantes da pesquisa

Tabela 2. Caracterização dos relacionamentos amorosos dos participantes

SUMÁRIO

Resumo	8
Abstract.....	10
Lista de Figuras	12
Lista de Tabelas	13
Introdução.....	16
1. Apresentação.....	16
2. Estudantes Internacionais.....	21
2.1 Estudantes Internacionais no Mundo.....	21
2.2 Relacionamentos Amorosos de Estudantes Internacionais.....	34
3. Relacionamento Interpessoal: A Contribuição de Robert Hinde.....	42
4. Objetivos e Justificativa.....	45
Método.....	47
1. Participantes.....	51
2. Instrumento e Procedimentos de Coleta de Dados.....	60
3. Procedimentos de Análise dos Dados.....	65
4. Aspectos Éticos.....	69
Resultados.....	71
1. Relacionamentos Amorosos ou Românticos.....	71
1.1 Início, Fatores de Atração e Desenvolvimento.....	71
1.2 Pontos Positivos e Dificuldades no Relacionamento Amoroso.....	79
1.3 Relacionamento Amoroso, Inserção Sociocultural e Adaptação ao Brasil: Aspectos Positivos e Negativos.....	82
1.4 Diferenças Culturais Quanto a Sexo e Relacionamento Amoroso.....	85

1.5 Mudanças em Atitudes, Crenças e Expectativas sobre Relacionamentos	
Amorosos.....	88
1.6 Relacionamento e Internet: Aplicativos de Encontro.....	90
1.7 Relacionamento à Distância.....	91
2. Relações de Amizade.....	94
2.1 Amizade e Relacionamento Amoroso.....	94
2.2 Dificuldade para Fazer Amigos.....	101
2.3 Relacionamento Amoroso e Relações com Familiares do Parceiro.....	104
3. Fatores que Facilitam e Dificultam a Inserção Sociocultural.....	106
3.1 Características Individuais.....	107
3.2 Diferenças Culturais: Idioma.....	107
3.3 Relações Interpessoais.....	111
3.4 Outras Dificuldades.....	112
3.4.1 Burocracia e questões financeiras.....	112
3.4.2 Insegurança, violência e preconceito.....	113
Discussão.....	116
Considerações Finais.....	128
Referências.....	129
Apêndices	144
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	144
Apêndice B – Guia de Entrevista Semiestruturada.....	147
Apêndice C – Cartaz eletrônico para divulgação da pesquisa e recrutamento de participantes.....	150

INTRODUÇÃO

1. APRESENTAÇÃO

Por meio das informações coletadas nas entrevistas e na revisão bibliográfica que compõem essa dissertação de mestrado, busquei entender o papel dos relacionamentos amorosos de estudantes internacionais da UFES em sua integração sociocultural. Ainda que existam estudos que trabalhem outras modalidades de relacionamentos interpessoais (principalmente relacionamentos de amizade) de estudantes internacionais, não há muitos trabalhos investigando os relacionamentos amorosos desse público, especialmente em território brasileiro. Sem pretensões de esgotar a temática e consciente das limitações deste estudo, minha intenção foi colaborar com a construção do conhecimento sobre o tema em questão, proporcionando material para análises, sínteses e comparações com outros estudos sobre esse indivíduo que sai de sua terra natal e vai para outro país com o propósito de estudar, encarando uma realidade muito distinta da sua, sendo essa experiência, no mínimo, desafiadora.

Nos parágrafos que seguem nessa apresentação, falarei um pouco de pontos importantes da minha trajetória que julgo terem de alguma forma me conduzido e despertado interesse quanto ao assunto deste trabalho. Como muitos projetos de pesquisa surgem não apenas de lacunas identificadas na literatura mas também de ideias que nos envolvem e despertam nosso interesse, este é fruto de experiências e reflexões tanto no contexto pessoal quanto no cenário acadêmico.

Ao longo dos meus trinta e dois anos de vida acho que tive relativamente pouco contato com estrangeiros, levando-se em consideração a variável tempo. Todavia, de alguma maneira conhecer e me relacionar com essas pessoas me despertava bastante interesse. E foi principalmente no contexto acadêmico que vivenciei as experiências mais

marcantes. O estrangeiro me parecia (e ainda hoje tenho essa impressão) de alguma forma exótico, diferente, interessante. Conversar sobre suas origens, famílias, hábitos, costumes e valores me fazia sentir presente em suas respectivas terras natais. Era como se estivesse lá, em outros países e continentes; posso dizer que metaforicamente eu “viajava”.

Durante os períodos de ensino fundamental e médio estudei diretamente alguns anos com uma colega de sala chilena e durante um ano com uma colega argentina e uma outra sul coreana. Sem dúvida alguma esses períodos em que tive a possibilidade de conviver diariamente com essas pessoas foram bastante ricos, pois proporcionaram trocas ímpares, que não poderiam ocorrer com colegas brasileiros.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UFES, logo na aula inaugural, começo então a ter contato com duas estudantes estrangeiras do programa, doutorandas, sendo uma delas argentina e outra venezuelana. Ainda na aula inaugural descubro que as duas são, dentre outras, alunas orientandas do Professor Doutor Agnaldo Garcia, que foi também meu orientador ao longo de todo o mestrado.

Ressalta-se aqui o trabalho do Professor Doutor Agnaldo com estudantes internacionais; seja orientando-os no PPGP, seja conduzindo pesquisas com esse público alvo, contribuindo de maneira ímpar com a construção de conhecimento na área, sendo referência no campo de estudos sobre relacionamentos interpessoais.

Além deste valioso trabalho de produção acadêmica intelectual, o Professor Doutor Agnaldo também foi membro da Secretaria de Relações Internacionais (SRI) da UFES, órgão responsável por formular a política de internacionalização da Universidade. Destaca-se que algumas das responsabilidades da SRI são: (a) coordenar a mobilidade de estudantes da UFES para o exterior; (b) coordenar a mobilidade de estudantes estrangeiros para a UFES; e (c) coordenar acordos de cooperação científica entre a UFES e universidades do exterior. Grosso modo, podemos dizer que a SRI faz o papel de ponte

entre a UFES e universidades estrangeiras, ocupando um lugar de destaque na estrutura organizacional da universidade.

Ao ser admitido no PPGP da UFES, minha intenção inicial (defendida na carta de intenção e na entrevista durante o processo seletivo) era trabalhar aspectos da relação entre redes sociais virtuais e relacionamentos amorosos. Entretanto, admito que a proposta era ampla demais e precisava de delimitações e refinamento. Posso dizer que graças ao convívio com as estudantes internacionais do PPGP ao longo de todo o período do mestrado, ao conhecimento adquirido durante as aulas, as orientações do Professor Doutor Agnaldo e a participação como membro da organização da I Jornada da Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP) realizada na UFES, fui adquirindo interesse e obtendo o direcionamento, informações e orientações necessárias para a realização de uma pesquisa plausível.

No primeiro semestre de aulas, ao realizar os Seminários de Pesquisa em Processos Psicossociais I e II, ambos ministrados pelo Professor Doutor Agnaldo, estudamos o processo de internacionalização das universidades brasileiras, a internacionalização na área da Psicologia e a internacionalização da UFES. Também estudamos aspectos da cooperação científica internacional, especialmente o (a) panorama da cooperação científica latino-americana nas ciências do comportamento; (b) cooperação científica latino-americana nas ciências do comportamento: motivação, avaliação e dificuldades; (c) significados e propostas para a cooperação latino-americana em Psicologia; (d) cooperação e visibilidade na cooperação em Psicologia nos países ibero-americanos; (e) redes pessoais e participação institucional na cooperação científica latino-americana nas ciências do comportamento; e (f) redes de cooperação científica na Psicologia latino-americana.

Posso afirmar que a participação nesses seminários, especificamente, me fez pensar cada vez mais na importância que há em estudos, projetos e práticas que envolvem a internacionalização das universidades brasileiras e em especial a área de psicologia, visto que um programa de pós graduação considerado internacionalizado é mais bem conceituado e renomado pelos órgãos de fomento à pesquisa, tanto nacionais, como a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), como internacionais, e isso se traduz em mais recursos, visibilidade e qualidade de ensino. De alguma maneira, como aluno do PPGP da UFES, sentia que deveria dar minha contribuição dada a relevância do assunto e durante as orientações o projeto de pesquisa foi ganhando cara, cada vez com contornos mais nítidos.

Quando se fala em internacionalização de programas de pós-graduação e de universidades vários critérios são levados em conta. Alguns deles são (a) recebimento de alunos e professores estrangeiros; (b) envio de alunos e professores para programas no exterior; (c) disciplinas lecionadas em língua estrangeira; (d) alunos com doutorado sanduíche; (e) realização de eventos/seminários internacionais; e (f) artigos publicados em coautoria com estrangeiros. A UFES, através de seu documento intitulado “Plano de Internacionalização da Universidade Federal do Espírito Santo”, de abril de 2018, estabelece objetivos, estratégias e ações que norteiam os centros, núcleos e programas da universidade em busca da internacionalização. Algumas de suas metas são: (a) enviar o maior número de estudantes e acadêmicos para o exterior; (b) diversificar os destinos de estudo e estágio no exterior; (c) aumentar o número de acadêmicos estrangeiros na UFES; (d) divulgar instrução ampliada e aprimorada em idiomas estrangeiros; (e) aumentar o número de acordos institucionais firmados; e (f) prospectar, captar e divulgar bolsas externas com foco especial no envio de acadêmicos para o exterior.

Seguindo as diretrizes da SRI, o PPGP vem buscando fazer sua parte rumo a internacionalização do programa. Durante os dois anos da pós-graduação, presenciei e vivenciei uma série de ações com fins de internacionalização. Posso citar por exemplo (a) seminários internacionais, ministrados por professores estrangeiros convidados (como o Seminário Internacional de Verão, sobre o estudo das Representações Sociais, ministrado pelo Professor Doutor Giannino Melotti em conjunto com a Professora Doutora Mariana Bonomo; (b) coordenação e realização da Jornada da Sociedade Interamericana de Psicologia; (c) o envio de alunos para o exterior; (d) o recebimento de alunos estrangeiros (como as alunas doutorandas orientadas pelo Professor Doutor Agnaldo); e (e) o incentivo de projetos de pesquisa em coautoria com pesquisadores estrangeiros.

De todo modo, apesar da pesquisa com estudantes internacionais não se caracterizar propriamente como critério para avaliação da internacionalização do PPGP e da UFES, entendo que estou contribuindo para esse processo, visto que o trabalho dessa dissertação de mestrado não é fruto somente de ações isoladas minhas sob orientação do Professor Doutor Agnaldo, mas também dos próprios estudantes participantes da pesquisa, que dedicaram tempo e deram voz ao estudo e por isso são coautores do trabalho, visto que sem sua participação essa dissertação não existiria.

Por fim, num futuro breve, espero dar continuidade a essa caminhada ampliando minha rede de contatos com estudantes e pesquisadores estrangeiros, seja conhecendo-os no Brasil, seja conhecendo-os em seus países de origem ou ainda em outros países, em congressos, eventos ou através de uma pós graduação em formato sanduíche ou totalmente no exterior, participando de grupos de pesquisa ou realizando estudos em coautoria.

2. ESTUDANTES INTERNACIONAIS

2.1 Estudantes Internacionais no Mundo

Migrações internacionais têm sido observadas ao longo da história da humanidade, em todas as partes do planeta. Fugas de conflitos armados e guerras civis; perseguição política, étnica, racial e ideológica; busca por trabalho e melhores condições socioeconômicas; catástrofes naturais e procura por qualificação profissional e acadêmica têm sido alguns dos motivos que levam pessoas a saírem de seus países natais e dirigirem-se e permanecerem em outra nação, seja temporariamente ou por tempo indeterminado – *International Organization for Migration* - (IOM, 2016). O fenômeno migratório tem despertado o interesse de diversas áreas da ciência, como antropologia, sociologia, geografia e psicologia, assim como tem sido estudado ao longo dos anos a partir de diversos enfoques teóricos (Ojima, Aguirre, da Silva, & Lima, 2014).

Diante da complexidade do fenômeno dos fluxos migratórios, o presente estudo situa-se no contexto da migração de estudantes internacionais, estudantes estrangeiros ou estudantes migrantes, sendo uma das modalidades de migração que mais tem crescido nos últimos anos (Stallivieri, Pilotto & Gonçalves, 2015). Esses estudantes são caracterizados como estudantes que cruzaram um limite nacional e territorial com o propósito de estudar e se encontram matriculados fora de seus países de origem (UNESCO, 2018). Conforme Bochner (citado por Bello & Guerra, 2018), na literatura internacional, os estudantes internacionais são muitas vezes nomeados como “sojourners”. Para o presente estudo adotaremos o termo estudante internacional para nos referirmos a essa população.

Essa é uma modalidade de imigração caracterizada como temporária, visto que (teoricamente) há um período previamente estabelecido de permanência no país escolhido para realização dos estudos (Desidério, 2006; Gusmão, 2012; Lima & Feitosa, 2017), ao contrário de migrações nas quais não há planos e/ou previsão de retorno ao país de origem. Todavia, não é incomum relatos de estudantes que permaneceram ou têm a intenção de permanecerem no país de destino após a conclusão dos estudos, legalmente ou não, motivados por diversos fatores como a possibilidade de conseguirem bons empregos ou ingressarem em cursos de pós graduação, ou ainda por acreditarem que o país de destino seja um bom local para viverem, devido ao custo acessível e qualidade de vida que proporciona (Lima & Feitosa, 2017). No Brasil, o estrangeiro que chega com o objetivo de estudar deve vir com o visto de estudante temporário tipo IV, emitido pela Polícia Federal (Lei 13445, 2017). Caso contrário, é considerado imigrante em condição de ilegalidade, sujeito a sanções previstas na legislação pertinente. Ressalta-se que aos estudantes do PEC-G (Programa Estudante Convênio de Graduação – apresentado logo adiante) não é permitido o vínculo empregatício ou qualquer outra atividade remunerada – prática essa bastante comum em programas de educação superior internacional. Esses estudantes somente podem participar de estágios curriculares e atividades de pesquisa e extensão, conforme as diretrizes do programa. Entretanto, apesar da obrigação da comprovação de responsabilidade financeira (que precisam apresentar no ato da candidatura durante o processo seletivo), muitos desses estudantes acabam não conseguindo arcar com as despesas para se manterem no país anfitrião, recorrendo a bolsas de estudo e/ou buscando trabalho, sendo essa (dificuldade financeira) uma questão frequentemente verificada em estudos com esse público (Amaral, 2013; Leal & Moraes, 2018).

Características da sociedade moderna como a globalização e o avanço tecnológico têm diminuído distâncias entre fronteiras e facilitado o intercâmbio sociocultural, permitindo o contato e comunicação entre pessoas dos mais variados povos e nações (Garcia, 2012a; Stallivieri, Pilotto & Gonçalves, 2015). Acordos internacionais, blocos políticos e econômicos (Mercosul e União Europeia por exemplo), tecnologias de informação e comunicação e popularização de viagens aéreas são alguns dos fatores que promovem o encurtamento de distâncias e facilitam encontros interculturais.

Todavia, o contato entre pessoas de diferentes países e culturas, sob o pano de fundo da educação não é fenômeno recente e segundo estudos remonta a séculos passados. Conforme Teichler (2003), no século XVII, na Europa, estudantes já faziam intercâmbios. Já de acordo com Oliveira e Freitas (2016), a internacionalização do ensino nas universidades inicia-se ainda mais cedo, na Idade Média, com a criação das *universitas* – assim denominadas as escolas na época, nas quais estudantes e professores de distintas regiões e países da Europa se reuniam objetivando a construção de conhecimento.

Já no cenário nacional a cooperação universitária internacional inicia-se entre 1920 e 1930 com a criação das universidades federais do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo e divide-se em quatro períodos. O primeiro (entre as décadas de 1930 e 1950) é caracterizado pela vinda de professores visitantes, oriundos da Europa. O segundo período (entre as décadas de 1960 e 1970), pela presença de consultores americanos e pela disponibilização de bolsas de estudo para cursos de mestrado e doutorado no exterior. O terceiro (entre as décadas de 1980 e 1990) pela ênfase em aspectos acadêmicos e mercadológicos, com aumento de pesquisas de ponta e investimentos em áreas estratégicas. E o quarto (a partir do ano 2000) pelo início da internacionalização pela iniciativa privada e pelo amadurecimento da gestão da

internacionalização pelas instâncias governamentais (Oliveira & Freitas, 2016). É fato então que a internacionalização do ensino não é fenômeno recente.

Estudantes internacionais são um público que vem crescendo exponencialmente ao longo das últimas décadas, passando de oitocentos mil estudantes internacionais em 1975; para dois milhões e oitocentos mil em 2005; e somando quatro milhões e cem mil estudantes em 2013 (UNESCO, 2015a).

Analisando o fluxo migratório dos estudantes internacionais, entre 2001 e 2010, Bermúdez Rico (2015) aponta que os principais países de destino deste público foram, preferencialmente, Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Japão, Rússia, Canadá, China, Itália, Áustria, Coreia do Sul, África do Sul, Espanha, Malásia e Singapura. Diante de tais dados observa-se que os estudantes internacionais escolhem como países de destino predominantemente aqueles considerados do “norte”, ditos desenvolvidos, em detrimento aos países do “sul”, considerados subdesenvolvidos e/ou em desenvolvimento, possivelmente, dentre outros fatores, devido a qualidade e reputação das universidades e instituições de ensino desses países, muitas das quais reconhecidas e prestigiadas internacionalmente.

Conforme Stallivieri (2009), a mobilidade acadêmica internacional é classificada pela UNESCO em duas categorias, denominadas mobilidade vertical e mobilidade horizontal. A diferença entre as duas procede das diferenças econômicas entre os países envolvidos na mobilidade, sendo a mobilidade vertical a forma mais escolhida pelos estudantes internacionais, na qual estudantes procedentes de países mais fracos deslocam-se para países economicamente mais fortes.

Com relação a sua origem, Bermúdez Rico (2015) aponta que os estudantes internacionais são provenientes principalmente das seguintes regiões: Ásia Oriental e região do Pacífico; América do Norte e Europa; Ásia Meridional e Ocidental; África Sub-

Saariana; e América Latina e Caribe. Quando identificados os países de origem dos estudantes internacionais, temos os seguintes como os que mais enviam estudantes ao exterior: China, Índia, Coreia do Sul, Alemanha, França, Malásia, Estados Unidos, Rússia, Turquia, Vietnã, Canadá e Marrocos.

Tratando-se de alunos internacionais de origem latino-americana, as principais regiões de destino escolhidas por eles são, por ordem de preferência: América do Norte e Europa; América Latina e Caribe; e por fim Ásia Oriental e região do Pacífico (Bermúdez Rico, 2015). A mesma autora informa ainda que, em 2010, os seis países latino-americanos que mais enviaram estudantes internacionais foram Brasil, México, Colômbia, Peru, Venezuela e Argentina, nesta ordem. Além da preferência hegemônica por países da América do Norte e Europa como destinos mais procurado pelos estudantes internacionais, e da prevalência de asiáticos, europeus e norte-americanos compondo essa população, Bermúdez Rico (2015) enfatiza ainda a pouca participação da América do Sul e Caribe nesse fluxo migratório, tanto como região escolhida pelos estudantes internacionais como destino, quanto com relação a origem dos estudantes, pela baixa representatividade nesse contexto.

Com relação a estudantes universitários internacionais brasileiros, em 2015 os dez principais destinos escolhidos por estes foram, em ordem de preferência: Estados Unidos, Portugal, França, Alemanha, Reino Unido, Austrália, Canadá, Espanha, Itália e Suíça. Ainda em 2015, considerando de onde vêm os estudantes universitários internacionais que escolhem o Brasil como país anfitrião temos os dez principais países que mais enviaram estudantes: Angola, Colômbia, Peru, Paraguai, Argentina, Guiné Bissau, Bolívia, Portugal, Japão e Estados Unidos (UNESCO, 2015b). Tais dados vão ao encontro dos resultados trazidos por Bermúdez Rico (2015) quanto a escolha do destino dos

estudantes internacionais no mundo todo, preferencialmente por países da América do Norte e Europa Ocidental, além da Austrália.

Quanto à origem dos estudantes universitários internacionais que escolhem o Brasil para realizarem seus estudos, Ojima et al. (2014), em seu trabalho sobre a análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil, relatam que alguns dos principais fatores relacionados a prevalência de estudantes de origem africana e latino-americana desta população são: acordos de cooperação com países da América Latina e africanos de língua portuguesa, através de programas como PEC-G (Programa Estudante Convênio de Graduação) e PEC-PG (Programa Estudante Convênio de pós Graduação), dentre outros; proximidade geográfica e participação em blocos econômicos (Mercosul) com relação a países da América Latina; semelhanças históricas e culturais; e o português como língua oficial, para os estudantes de países africanos de língua portuguesa (PALOP), visto que a necessidade de avaliações de proficiência em língua inglesa tende a ser um fator dificultador de entrada desses estudantes nas principais e mais renomadas universidades do mundo.

Ainda no contexto brasileiro, ressalta-se a importância do PEC-G e do PEC-PG, como programas de convênio entre o Brasil e países em desenvolvimento, principalmente sul-americanos e africanos. Esses são os principais programas nacionais que buscam proporcionar a cidadãos de países que possuem acordos educacionais ou culturais com o Brasil a oportunidade de realizarem cursos superiores (graduação e pós graduação) em território brasileiro. Devido ao aumento do número de estrangeiros no Brasil nos anos 1960, o PEC-G foi idealizado e concebido para dar conta desses estudantes no Brasil, de forma a normalizar sua condição e proporcionar-lhes condições de atendimento adequadas junto as instituições de ensino superior. Seu primeiro protocolo foi instituído em 1965 e desde 2013, com o Decreto Presidencial 7948, o PEC-G ganhou mais força

jurídica. Atualmente, participam do programa 60 países, sendo 26 africanos, 25 da América Latina e Caribe e 9 asiáticos. Entre 2000 e 2017, o programa já selecionou mais de nove mil estudantes internacionais. Desse total, 76% (7373) dos selecionados são oriundos de países africanos, com destaque para Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola; 2271 são provenientes de países da América Latina e Caribe, com destaque para a participação de paraguaios, peruanos, equatorianos e hondurenhos; e cerca de 65 são oriundos de países asiáticos, com destaque para o Timor Leste, conforme dados do Ministério das Relações Exteriores (MRE, 2018). Conforme Barbosa, citado por Silva (2018), entre 2010 e 2018 foram oferecidas aproximadamente 26500 vagas através do programa, sendo selecionados cerca de 10162 estudantes neste mesmo período. O mesmo autor relata ainda que atualmente participam do programa dez Instituições de Ensino Superior do Centro-Oeste, vinte e três da região Nordeste, oito na região Norte, quarenta e uma na região Sudeste e vinte e sete na região Sul do Brasil.

Em seu estudo intitulado “ Política Externa Brasileira, Cooperação Sul-Sul e Educação Superior: O Caso do Programa Estudante-Convênio de Graduação”, Leal e Moraes (2018) trazem contribuições importantes acerca da história do PEC-G, sendo esse o programa de cooperação internacional de Educação Superior mais antigo criado pelo governo brasileiro, que representa uma importante ação no campo da política externa do Brasil. Segundo Leal e Moraes (2018), no contexto de sua criação, um ano após o golpe militar de 1964, o programa foi concebido levando-se em conta o viés da segurança nacional, como política de controle, visto que em suas diretrizes iniciais trazia aos estudantes estrangeiros uma série de responsabilidades, deveres e compromissos, proporcionando ao regime ditatorial brasileiro condições de identificá-los e localizá-los em território brasileiro, visto que poderiam ser uma “ameaça” à segurança nacional. Posteriormente, todavia, ao longo dos anos, foram feitas atualizações através de decretos

que tornaram o PEC-G mais flexível quanto a sua política de controle e atribuíram maior autonomia e responsabilidade às universidades.

Ressalta-se que, de modo distinto da ajuda norte-sul, em que países ricos e industrializados disponibilizam recursos financeiros, materiais e/ou serviços para o desenvolvimento dos países receptores, menos desenvolvidos economicamente, a cooperação sul-sul baseia-se (pelo menos teoricamente) em premissas de reciprocidade e horizontalidade entre os países envolvidos, onde não deveria haver condicionalidades nem tampouco caracterizar um vínculo assistencialista. Contudo, não é incomum verificar as mesmas assimetrias identificadas na ajuda tradicional (norte-sul), assim como é um equívoco pensar que a cooperação sul-sul seja despolitizada (Leal & Moraes, 2018). No caso do PEC-G por exemplo, o Brasil é quem estabelece a totalidade da agenda do programa, sem levar em consideração a real necessidade e demanda dos países participantes, assim como costuma exigir um tratamento diferenciado perante a estes países, ações estas que vão de encontro às premissas de igualdade, solidariedade e simetria da cooperação sul-sul. O aumento na participação de estudantes africanos no programa entre 2010 e 2015 por exemplo, reflete a política externa brasileira no período, permeada por interesses políticos e econômicos no continente africano. Conforme Leal e Moraes (2018), a história mostrou que o estreitamento das relações entre o Brasil e países do sul ocorreu em períodos nos quais essa aproximação era oportuna, conforme o interesse de seus representantes, e que os anos 2000, período no qual o Brasil foi presidido por um governo de esquerda e vivia uma ascensão econômica, mostrou-se propício a política externa voltada à cooperação sul-sul.

Na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, onde foi realizada a presente pesquisa, o primeiro estudante PEC-G ingressou em 1973 e desde então a universidade recebeu cerca de 377 alunos, com destaque para o ano de 1987, no qual recebeu a maior

quantidade de estudantes (29). Destacam-se também os anos de 1981 e 2001, nos quais não foram recebidos nenhum estudante convênio.

Atualmente, o órgão da UFES responsável pelo atendimento e apoio aos estudantes internacionais é a Secretaria de Relações Internacionais - SRI, criada em 2012, com o intuito de efetivar a internacionalização da universidade. Localizada no Campus de Goiabeiras, na cidade de Vitória - ES, no térreo do prédio da reitoria, atualmente a SRI está estruturada da seguinte forma: (a) Comissão permanente de internacionalização; (b) Secretaria administrativa; (c) Coordenação de mobilidade para o Exterior; (d) Coordenação de mobilidade para a UFES; (e) Coordenação de acordos de cooperação; e (f) Coordenação de Idiomas. A coordenação de mobilidade para a UFES, além de responsável por estudantes internacionais que desejam realizar cursos de graduação e pós-graduação, também fornece diretrizes para pesquisadores estrangeiros interessados em desenvolver atividades de mobilidade ou em atuar como professores visitantes.

Além da SRI, na universidade existem ainda alguns programas de apoio ao estudante internacional, que visam auxiliá-lo durante sua estadia na UFES, através de auxílio voluntário da comunidade acadêmica, apoios financeiros e assistencialistas e também projetos extraclasses. São eles o Programa “Anjos”, o Programa Institucional de Apoio Acadêmico (PIAA) e os Programas da Pró Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Silva, 2018).

A UFES, por meio da SRI, disponibiliza o Guia do Estudante e do Pesquisador, documento destinado a estudantes e pesquisadores estrangeiros com informações relevantes sobre o estado do Espírito Santo e sobre a UFES. Dentre as informações presentes no guia, ressaltam-se: (a) orientações sobre requerimento e emissão de documentos, como visto, cédula de identidade do estrangeiro (CIE) e cadastro de pessoa física (CPF); (b) abertura de conta bancária; (c) orientações sobre matrícula; (d) utilização

do restaurante universitário (RU); (e) orientações sobre o uso da biblioteca; (f) informações acerca de passe escolar (transporte público urbano); (g) diretrizes sobre curso de português para estrangeiros; e (h) dicas de saúde e segurança (ex: importância do uso de repelente contra insetos no campus; precauções ao andar sozinho em determinados horários com menor circulação de pessoas).

Voltando aos programas de incentivo/apoio a estudantes internacionais, nos mesmos moldes do PEC-G, o PEC-PG foi criado oficialmente em 1981 com o intuito de possibilitar que estudantes de países em desenvolvimento e com acordos culturais e educacionais junto ao Brasil pudessem realizar cursos de pós graduação strictu senso (mestrado e doutorado) em instituições de ensino superior no território brasileiro. Atualizado em 2006, o programa é administrado conjuntamente pelo Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Educação, e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Informação. Atualmente participam do programa 56 países, sendo 25 americanos, 24 africanos e 7 asiáticos. Entre 2005 e 2016 houve mais de 2300 alunos selecionados. Destacam-se países latino-americanos, como Peru, Colômbia e Argentina, com cerca de 75% das candidaturas; outras 20% das candidaturas são provenientes de países africanos, com destaque para Moçambique, Cabo Verde e Angola; e 5% das candidaturas são provenientes de países asiáticos, com destaque para o Timor Leste, com o maior número de inscritos e selecionados (MRE, 2018).

Além do PEC-G e do PEC-PG, há ainda outras maneiras de estudantes internacionais ingressarem na UFES, tanto para realização de cursos de graduação quanto para realização de cursos de pós graduação. Com relação a cursos de graduação, através do programa de “Mobilidade”, estudantes estrangeiros interessados em realizar parte de seus estudos na UFES , provenientes de instituições com as quais a UFES mantém convênio, podem realizar disciplinas em cursos de graduação ou conduzir atividades de

pesquisa em laboratórios ou núcleos de pesquisa da UFES, por um ou dois semestres letivos, que podem ser estendidos por até mais dois semestres dependendo da concordância da instituição de origem do estudante. Para participarem do processo seletivo, através da Secretaria de Relações Internacionais responsáveis por eles, em suas universidades de origem, precisam juntar e enviar a seguinte documentação ao setor “ Mobilidade para a UFES” , através do endereço eletrônico incoming@ufes.br, obedecendo prazo específico (Para ingresso em 2020/2 por exemplo, devem se inscrever de 16 de março até 30 de abril de 2020) : (a) *Application Form* (modelo UFES); (b) Plano de estudo (modelo UFES); (c) cópia da página principal do passaporte; (d) 1ª carta de recomendação do professor; (e) 2ª carta de recomendação do professor; (f) carta de indicação da universidade de origem; e (g) histórico escolar (UFES, 2020a). Ainda para ingresso em cursos de graduação, obedecendo seus respectivos critérios de inscrição e seleção, os estudantes estrangeiros podem concorrer a vagas através do: (a) Sisu (Sistema de Seleção Unificada – Sistema Informatizado do Ministério da Educação, por meio do qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas a candidatos do Enem – Exame Nacional do Ensino Médio); (b) Transferência Facultativa (destinada a candidatos oriundos de outras instituições de ensino superior que desejam concluir seu curso de graduação na UFES); e (c) Novo Curso Superior (para candidatos que já concluíram um curso superior de graduação e que desejam fazer novo curso de graduação na UFES).

Com relação aos cursos de pós-graduação, além do PEC-PG, os estudantes podem participar dos processos seletivos dos Programas de Pós-graduação da UFES. Para tal, devem ficar atentos aos editais divulgados nos sites dos próprios programas e também ao site da PRPPG (Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação), onde são divulgados dados como pré-requisitos, data de inscrição, etapas do processo seletivo, número de vagas,

provas, etc). Apesar de possuírem autonomia para estabelecerem a melhor época para realização de seus processos seletivos, a maioria dos programas faz sua seleção no segundo semestre do ano para ingresso no início do ano seguinte.

Por fim, através do Programa de Alianças para a Educação e Capacitação (PAEC) - programa de iniciativa conjunta da Organização de Estados Americanos (OEA) e do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), estudantes internacionais também podem ingressar na UFES para realizarem cursos de mestrado e doutorado. O PAEC-OEA é um programa que tem em vista a internacionalização da formação de estudantes com nacionalidade e/ou residência nos estados membros da Organização dos Estados Americanos, com exceção do Brasil. Lançado em 2011, constitui-se em uma das mais importantes iniciativas de cooperação regional no âmbito educacional para o desenvolvimento da América Latina e do Caribe e tem como objetivo principal contribuir para a integração e o fortalecimento regional das Américas, por meio da concessão de bolsas de estudo integrais para cursos de pós-graduação *strictu sensu* (Mestrado e Doutorado), oferecidas pelas Universidades Brasileiras associadas ao GCUB a estudantes oriundos de 34 países-membros da OEA, exceto o Brasil. No PAEC-OEA são selecionados estudantes de alto nível acadêmico, com trajetória de liderança e com elevado potencial de impacto em seus países de origem. Esses estudantes vivenciam o intercâmbio científico e cultural e retornam aos seus países de origem com a missão de contribuir para seu desenvolvimento socioeconômico (GCUB, 2020).

Além das possibilidades de ingresso de estudantes internacionais em cursos de graduação e pós graduação na Ufes anteriormente citadas, ressalta-se também o papel da universidade com relação ao movimento de refugiados que acontece no Espírito Santo. Caso tenham interesse em realizar curso de graduação na Ufes, refugiados políticos podem protocolar o pedido na Pró-Reitoria de Graduação (Prograd). Para tal, devem

apresentar o requerimento e cédula de identidade expedida pela Polícia Federal, indicar o curso pretendido e comprovar sua escolaridade por meio de documentação hábil. Por sua vez, a Prograd direciona as solicitações aos colegiados dos cursos, responsáveis pela análise e seleção. É ainda responsabilidade dos colegiados estabelecerem o número de vagas para refugiados políticos. Desde 2010, através da resolução 66/2010 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), a Ufes proporciona o ingresso de refugiados políticos, bem como de seus ascendentes, cônjuges, descendentes e demais membros do grupo familiar que dependam economicamente do refugiado político, desde que se encontrem em território nacional.

Através da Cátedra Sérgio Vieira de Mello na Ufes, uma parceria da universidade com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados, são oferecidos serviços de apoio a esse público, comumente marginalizados e invisibilizados, inclusive àqueles interessados na realização de curso de graduação na Ufes, conforme descrito acima. A criação da Cátedra é uma reação ao movimento migratório de refugiados no Espírito Santo. Com a guerra civil na Síria, o estado passou a receber muitos refugiados e é de interesse da Ufes e do Alto Comissariado das Nações Unidas que essas pessoas não passem por situações traumáticas no Brasil (UFES, 2020b).

A Cátedra Sérgio Vieira de Mello é implementada desde 2003 pelo Alto Comissariado das Nações Unidas, em cooperação com centros universitários nacionais e com o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). Ao longo dos anos a Cátedra tem sido essencial para ajudar refugiados e solicitantes de refúgio quanto aos seus direitos e acesso aos serviços no Brasil, ajudando-lhes no processo de integração ao país. Atualmente 22 universidades fazem parte da rede, sendo a Ufes uma delas. Além de difundir o ensino sobre temas relacionados ao refúgio, a Cátedra promove a formação acadêmica e capacitação de professores diante da temática do refúgio, assim como

fomenta o acesso e permanência ao ensino, a revalidação de diplomas e o ensino da língua portuguesa para refugiados (ACNUR, 2020).

2.2 Relacionamento Amoroso de Estudantes Internacionais

Apesar da existência de trabalhos com estudantes universitários internacionais no Brasil com foco em relações interpessoais de amizade, como o de Garcia, Goes, Moura e Pepino (2010), assim como de estudos sobre amizades interamericanas (Garcia, Brandão, Costa & Togatlian, 2010), amizades intercontinentais (Garcia, Dettogni, Costa & Togatlian, 2010), e amizades internacionais (Garcia, Neto, Moura & Pepino, 2010; Souza & Sedyiama, 2012) de universitários, há uma lacuna na literatura de estudos envolvendo relacionamentos amorosos de estudantes universitários internacionais em universidades brasileiras, assim como seu papel na integração sociocultural ao Brasil, que é o foco da presente pesquisa.

Alguns estudos com estudantes internacionais têm evidenciado tais questões, todavia, como os objetivos dessas pesquisas são distintos dos objetivos do presente estudo, a temática ligada aos relacionamentos amorosos dos estudantes internacionais é trazida superficialmente, sem muito aprofundamento. Um exemplo é o estudo sobre os sentidos produzidos por estudantes estrangeiros latino-americanos acerca das concepções de gênero em seus países de origem e no Brasil, realizado por Rodrigues e Strey (2010), no qual concluíram que a temática da sexualidade perpassa o discurso dos participantes. Alguns homens mencionaram estranhamento ao “ficar” com mulheres brasileiras em comparação com as práticas de namoro de seus países. Da mesma forma, as participantes mulheres afirmaram que as brasileiras são mais rápidas para namorar, quando comparadas as mulheres de seu país natal.

Outro estudo, como o de Garcia (2012b), investigou amizades internacionais de universitários brasileiros constatando que assuntos amorosos e sexo são alguns dos

interesses em comum compartilhados nesse tipo de amizade. Já em sua pesquisa sobre amizades de estudantes africanos residindo no Brasil, Garcia e Goes (2010) apontaram casos em que o ciúmes que uma companheira de um estudante africano tinha de algumas de suas amizades foi uma influência negativa em relação à adaptação do estudante ao Brasil.

Além dos estudos anteriormente citados realizados em âmbito nacional, temos ainda outros, como o de Garcia, Pereira e Oliveira (2013), sobre amizade e educação internacional; e os trabalhos de Barreto (2001) e Seyferth (2007), que abordam o contexto das imigrações contemporâneas no Brasil, assim como estudos que problematizam as relações e programas de intercâmbio cultural e educacional, como o PEC-G e PEC-PG entre o Brasil e países africanos que têm o português como língua oficial e países latino americanos (Desidério, 2006; Gonçalves, 2004; Gusmão, 2008; Kaly, 2001; Mungoi, 2006; Subhuana, 2005; Vida, 2001).

Destacam-se também pesquisas com estudantes internacionais no Brasil que buscaram descrever sua experiência na assistência prestada pelo Sistema Único de Saúde – SUS (Barbosa, Celino, Carneiro & Costa, 2016) e hábitos de saúde e higiene bucal (Silva, Benedito, Joaquim, Sousa & Leite, 2018); e outros que investigaram sua experiência, adaptação, satisfação, bem estar e dificuldades e facilidades percebidas durante sua experiência no Brasil (Andrade & Teixeira, 2009; Bello & Guerra, 2018; Lima & Feitosa, 2017; Maciel, 2017; Silva & Morais, 2012; Stallivieri, Pilotto & Gonçalves, 2015; Subuhana, 2007; Subuhana, 2009).

Infelizmente, o preconceito, principalmente racial, explícito ou sutil, sofrido e/ou percebido por estudantes internacionais africanos no Brasil, é um tema bastante comum nos estudos com essa população, sendo essa uma das principais dificuldades relatadas por eles durante sua estadia em território brasileiro, tanto nos espaços da universidade (sala

de aula, corredores, refeitório), como fora dela, em aeroportos, praças públicas e restaurantes, por exemplo. Segundo os estudantes africanos, eles sofrem preconceito por conta da origem africana, da cor da pele, do cabelo, das roupas e ainda devido ao desconhecimento da pluralidade cultural do continente africano por parte dos brasileiros. (Amaral, 2013; Batista, 2015; Bizon, 2013; Cabral, 2015; Có, 2011; Coelho & Silva, 2015; Ferreira, 2018; Lima & Feitosa, 2017; Maciel, 2017; Mendes, 2019; Muller & Silva, 2016; Silva & Morais, 2012; Soweto & Martins, 2016; Souza, 2019; Souza & Malomalo, 2016; Stallivieri, Pilotto & Gonçalves, 2015).

Outros estudos, por sua vez, pesquisaram a experiência de estudantes internacionais brasileiros, assim como suas motivações, facilidades e dificuldades percebidas nos países de destino (Cavalcante, Guedes & Puschel, 2018; Oliveira & Freitas, 2016; Oliveira & Freitas, 2017). Todavia, apesar do enriquecimento científico proporcionado por tais pesquisas, não são mencionadas relações e /ou influências entre relacionamentos amorosos e inserção sociocultural, bem estar e satisfação percebida pelos estudantes.

Já no contexto latino americano podemos citar estudos como o de Mera, Martínez-Zelayaa, Bilbao e Garrido (2017), que verificou a percepção de ameaça e bem estar social de chilenos diante da presença de imigrantes. Outros estudos (Perugini & Solano, 2014; Solano & Perugini, 2013; Sosa, 2016; Sosa & Zubieta, 2015; Sosa, Fernández & Zubieta, 2014) investigaram preditores de adaptação acadêmica e psicológica em função de variáveis sociodemográficas, culturais e psicológicas; adaptação sociocultural; o papel do estado com relação a políticas públicas educativas que impactam a população de migrantes; identificação com endo e exogrupo e níveis de contato e apoio social percebido; e estratégias de aculturação psicológica e percepção de bem estar social.

Há ainda pesquisas interessantes realizadas em Portugal com estudantes internacionais que têm buscado investigar seu bem estar diante da experiência de imigração (António, 2013); práticas disciplinares do Estado e negociações e lutas de poder (Chalinnor, 2014); e percepção dos imigrantes e sociedade de acolhimento, com relação a questões como aculturação, ameaças e barreiras linguísticas (Souza & Gonçalves, 2015).

Somado aos resultados e contribuições dos estudos supracitados, especialmente os que têm focado relações interpessoais de amizade no Brasil, o conhecimento produzido a partir do estudo dos relacionamentos amorosos e seu papel na integração de estudantes universitários internacionais da UFES proporcionará possibilidade de contribuição para entendimento e análise de sua integração social e adaptação a cultura local. Segundo van Zantvliet, Kalmijn & Verbakel (2015), envolver-se em relacionamento romântico pode ser considerado um bom indicador de integração social do imigrante ao país de destino, principalmente quando esse relacionamento ocorre com um nativo, ao invés de também com um imigrante.

De acordo com Rodrigues e Strey (2006), grande parte de estudos no campo da Psicologia Intercultural buscam compreender como o ser humano se comporta em sua adaptação à contextos culturais distintos, sendo um desafio a este campo de pesquisa a identificação de fatores que facilitam e/ou dificultam esse processo de adaptação. Conforme Stallivieri, Pilotto e Gonçalves (2015), a cultura pode ser vista como um fenômeno coletivo baseado em um conjunto de crenças e valores partilhados por um grupo social, nação ou comunidade, que influencia suas características e sua conduta, e que está em constante processo de mudança. Ressalta-se, contudo, que há muitas definições de cultura e que apesar de muitas serem bastante semelhantes, não há consenso quanto à definição do termo. Assim como também há uma gama de definições ao termo

inserção sociocultural. Para o presente estudo, todavia, ao utilizarmos o termo inserção sociocultural estamos nos referindo o processo no qual o indivíduo possui condições e habilidades de conviver de maneira eficiente numa cultura diferente da qual foi socializado (Haslberger, 2005).

Espera-se ainda que o presente estudo preencha uma lacuna da literatura ao focar no fenômeno dos relacionamentos amorosos de estudantes universitários internacionais dentro do contexto brasileiro, em uma universidade do estado do Espírito Santo, ao invés de em um país europeu ou norte americano, como têm sido a maioria das pesquisas realizadas. Estudos que têm trabalhado temática semelhante o fizeram em países como Estados Unidos (Delevi & Bugay, 2013; Gillum, 2016; Hynie, Lalonde & Lee, 2006; Kim & Sung, 2016; Levin, Taylor & Caudle, 2007; Nesteruk & Gramescu, 2012), Canadá (Popadiuk, 2008; Samuel, 2010), e países da União Europeia (González-Ferrer, Hannemann & Castro-Martín, 2016; van Zantvliet et al., 2015). A investigação desse fenômeno em um país da América Latina enriquecerá a literatura acerca da temática e proporcionará material para possíveis comparações e análises futuras, nas quais poderão ser observadas possíveis semelhanças ou diferenças, e distintos contextos socioculturais.

De acordo com Oberg (citado por Stallivieri, Pilotto & Gonçalves, 2015), o relacionamento amoroso pode influenciar a adaptação à nova cultura, sendo que o estudo dos relacionamentos amorosos no contexto da imigração tem privilegiado determinados temas. Black et al. (2015), Gillum (2016) e Kim e Sung (2016) enfatizam a violência doméstica que permeia esse tipo de relacionamento, principalmente direcionada as mulheres. Gillum (2016), buscando dar conta de uma lacuna na literatura acadêmica a respeito da violência entre jovens casais imigrantes africanos nos Estados Unidos, refere altos índices de violências (física, psicológica, etc) nesse contexto, assim como a falta de programas e políticas públicas direcionadas à prevenção e também ao acolhimento dessas

pessoas. O estudo mostra que jovens imigrantes africanas estão numa posição de risco e vulnerabilidade de serem vítimas de violência cometida por parceiro íntimo, seja ele também um imigrante ou não, possivelmente (mas não só) devido a cultura de “submissão” da mulher ao homem, comum em seus países de origem.

Kim e Sung (2016), ao trabalharem os efeitos da aculturação sobre violência cometida por parceiros íntimos entre imigrantes chineses nos Estados Unidos, mostraram que os status socioeconômico e nível de assimilação da cultura americana estão relacionados a severidade, frequência, duração e tipo de abuso cometido pelos homens contra suas companheiras. O estudo mostra que mulheres que dependem mais financeiramente de seus companheiros tendem a sofrer mais agressões. Paradoxalmente, todavia, o fato da mulher trabalhar ou a possibilidade de iniciar um emprego são fatores de risco associados às agressões. Entende-se que isso pode se dar devido ao empoderamento que o contexto profissional traz a mulher, trazendo insegurança a seu parceiro íntimo, na medida em que a torna menos dependente e submissa ao mesmo (Kim & Sung, 2016).

Outros estudos, como o de González-Ferrer, Hannemann e Castro-Martín (2016), discutem a formação e dissolução de relacionamentos amorosos de mulheres imigrantes de várias origens na Espanha e os comparam com relacionamentos amorosos de nativas espanholas. Os resultados mostram, dentre outros achados, que mulheres imigrantes apresentam maior probabilidade de dissolução das uniões do que nativas espanholas. Esse dado poderia ser explicado, dentre outros motivos, pelo fato de um casal intercultural enfrentar desafios maiores que um casal monocultural. O estudo relata ainda que mulheres espanholas tendem a casarem-se em idade um pouco superior que as imigrantes, tendo como prioridades antes do casamento carreira e estabilidade econômica, por exemplo.

Com relação aos aspectos envolvidos na escolha do possível parceiro e

estabelecimento ou não de relacionamentos amorosos (namoro, casamento), estudos têm levantado uma série de questões. Pesquisas mostram que grau de aculturação familiar, gênero, religião, ordem de nascimento, nível de escolaridade e status socioeconômico dos pais, e presença ou não de nativos na vizinhança e no contexto escolar têm certa influência no estabelecimento desse tipo de relacionamento e na escolha do possível parceiro (Gillum, 2016; Nesteruk & Gramescu, 2012; Samuel, 2010; van Zantvliet et al., 2015).

Samuel (2010) e Nesteruk e Gramescu (2012) ao estudarem imigrantes de origem asiática em países ocidentais, referem que de modo geral jovens imigrantes preferem relacionar-se afetivamente com alguém com mesmos valores e cultura. Todavia, principalmente mulheres imigrantes, querem ainda que seu parceiro esteja também bem familiarizado com a cultura do país anfitrião, quando também imigrante, para que não fique “preso” a cultura de seu país de origem, evitando assim principalmente práticas machistas patriarcais, relacionadas a dominação e inferiorização da mulher, conflituosas teoricamente com a cultura ocidental que promove maior independência e empoderamento feminino. Nesteruk & Gramescu (2012) trazem ainda que jovens imigrantes por vezes acabam mentindo ou escondendo de seus pais seus relacionamentos amorosos no país anfitrião, quando seus companheiros são nativos e/ou pertencem a um grupo social distinto dos deles, para evitarem conflitos familiares e críticas de seu grupo étnico racial.

De acordo com Hinde (1997), relacionamentos românticos ou amorosos ocorrem quando as pessoas envolvidas vivenciam ou esperam vivenciar amor. Entretanto, o significado do que é amor pode ser muito diferente para pessoas distintas. Enquanto alguns associam amor a companheirismo, compromisso e reciprocidade, outros podem associá-lo a contato íntimo sexual. Conforme Hinde (1997), apesar de possuir bases

biológicas, o amor é expressado de formas distintas em culturas diferentes. De certa forma, os indivíduos reconhecem que suas relações são relacionamentos amorosos quando elas assemelham-se ao que eles acreditam que o relacionamento amoroso seja, de acordo com suas crenças, conforme sua cultura. O autor nos diz ainda que o significado e a expressão do que é amor pode variar para uma mesma pessoa, em diferentes momentos ao longo de sua vida.

Conforme Hinde (1997), há mais estudos sobre amor e relacionamentos amorosos do que sobre quaisquer outros aspectos de relacionamentos sociais, devido a sua importância em uma série de relações, como por exemplo o relacionamento entre pais e filhos, entre irmãos, amizades, e entre jovens casais e casais de longa data. Portanto, a literatura é extensa e riquíssima. Todavia, como o objetivo deste trabalho não é estudar por exemplo quais são os significados ou representações sociais de amor e relacionamentos amorosos para os estudantes internacionais, não nos aprofundaremos mais em tais conceitos e definições. Entretanto, é relevante para o entendimento desse estudo o que queremos dizer quando utilizamos o termo “relacionamentos amorosos”.

Sendo assim, para o estudo em questão definiremos como relacionamentos amorosos relacionamentos afetivo-sexuais, com ou sem coito, monogâmicos ou não, heteros ou não, presenciais ou à distância e sem duração mínima definida. Esse conceito aceita as definições de namorar, “ficar” e “pegar”. Estes dois últimos termos têm ganhado espaço nos últimos anos, especialmente entre adolescentes e jovens adultos.

Consideramos que os relacionamentos amorosos de estudantes internacionais, quando seus respectivos parceiros são estrangeiros de outra nacionalidade ou nativos do país de destino podem ser denominados como relacionamentos amorosos interculturais, pois envolvem pessoas de culturas distintas.

Conforme Pepino (2014), muitos termos têm sido utilizados no estudo de relacionamentos entre pessoas de diferentes origens. Alguns deles são: relacionamentos interracialis, interétnicos, multiculturais, transnacionais, binacionais e biculturais. Entretanto, ainda conforme a autora esses termos apresentam certos problemas e limitações, não dando conta da complexidade da questão e sendo insuficientes.

Para o presente trabalho, acreditamos que a denominação relacionamento amoroso intercultural é a que melhor traduz os relacionamentos amorosos de estudantes estrangeiros com pessoas que não do seu país de origem, devido a suas experiências culturais distintas.

Ainda que o objetivo principal deste trabalho não tenha sido investigar apenas os relacionamentos amorosos interculturais dos estudantes internacionais, mas sim também relacionamentos amorosos com conterrâneos, essa modalidade de relacionamento amoroso é bastante relevante para os interesses da pesquisa, pois coloca frente a frente pessoas com diferentes bagagens culturais, sendo esse encontro ímpar.

3. RELACIONAMENTO INTERPESSOAL: A CONTRIBUIÇÃO DE ROBERT HINDE

O embasamento teórico utilizado para o presente estudo foi a obra de Robert Aubrey Hinde, que tem sido utilizada para o estudo dos relacionamentos interpessoais (Garcia & Maciel, 2008), mais especificamente seu livro *Relationships: A Dialectal Perspective* (Hinde, 1997). Nesta obra Hinde discute questões fundamentais no campo dos relacionamentos e sugere possíveis caminhos para a integração do conhecimento científico acerca das relações humanas, diante da variedade de teorias e estudos sobre o tema. Para tal, analisou cerca de 1.600 estudos provenientes de diversas disciplinas, publicados principalmente nas últimas décadas que antecederam o lançamento do livro (entre 1970 e 1990), propondo então uma organização do saber a respeito dos

relacionamentos interpessoais.

A obra *Relationships: A Dialectal Perspective* (Hinde, 1997), considerada uma das mais importantes do autor, divide-se em cinco seções. Na primeira são apresentados aspectos relevantes do self para a dinâmica das interações e dos relacionamentos. Nessa seção, o autor também discute o que chama de “obstáculos para uma ciência dos relacionamentos interpessoais”, apresentando problemas de “dentro” (como questões metodológicas) e de “fora” da ciência.

Na segunda seção Hinde (1997) trabalha as características dos relacionamentos. Além de reservar espaço para a reflexão sobre a necessidade e as dificuldades de sua descrição, discute questões acerca do conteúdo, diversidade, qualidade, frequência e padrão de interações. Ainda nessa seção trabalha temáticas como reciprocidade, complementaridade, diferenças, conflito e poder, além de privacidade, satisfação e compromisso nas relações.

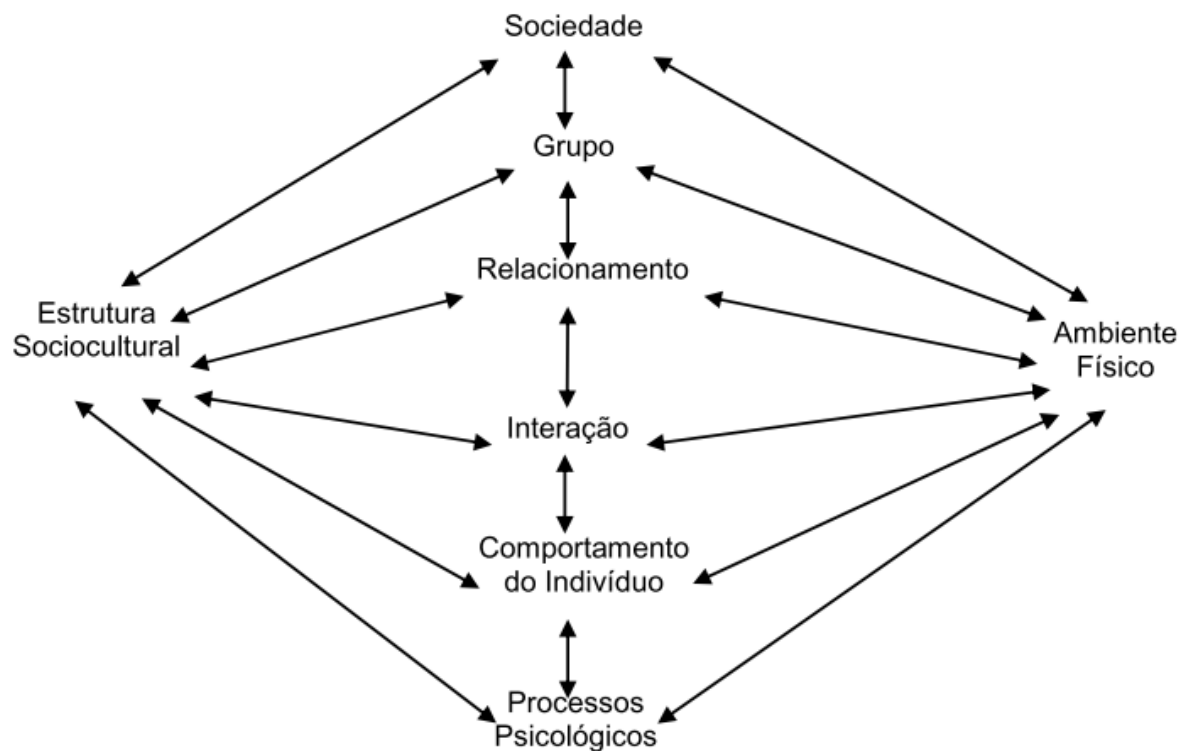
Na terceira seção do livro o autor apresenta certos princípios para o entendimento do progresso dos relacionamentos. Características dos indivíduos como aspectos da personalidade, influências socioculturais e feedback positivo e negativo são alguns dos assuntos abordados. Na quarta seção Hinde (1997) trabalha aspectos de relacionamentos amorosos e de amizades e por fim na quinta discute mudanças nos relacionamentos; seu desenvolvimento, manutenção, declínio e dissolução.

Com base na Etologia Clássica, fundamentação teórica adotada para a condução de seus trabalhos, o autor propõe diretrizes e princípios para a elaboração de uma ciência dos comportamentos, enfatizando a descrição e análise de distintos níveis de complexidade e suas relações dialéticas. Segundo Hinde (1997) os relacionamentos fazem parte de um sistema de relações de diferentes níveis de complexidade, em que influenciam e são constantemente influenciados por comportamentos individuais,

processos psicológicos, interações e características dos grupos e sociedade nos quais os indivíduos estão inseridos. O autor aponta ainda a influência do ambiente físico e das estruturas socioculturais (crenças, valores, instituições) nos relacionamentos interpessoais (Figura 1). Dessa forma, cada um dos níveis (desde o comportamento individual) deve ser considerado não como uma entidade isolada, mas dentro de um processo de relações dialéticas envolvendo todos os demais (Hinde, 1997).

Figura 1

Relações dialéticas entre níveis sucessivos de complexidade social (Hinde, 1997)



A obra de Hinde vem sendo utilizada com sucesso em pesquisas envolvendo relacionamentos interpessoais internacionais e/ou interculturais, como a pesquisa de Pepino (2014) acerca do relacionamento romântico entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros e em especial, trabalhos sobre relações de amizade (Garcia, 2012a, 2012b; Garcia & Goes, 2010).

Robert Hinde foi um dos autores que mais contribuiu para a organização e crescimento da ciência dos relacionamentos interpessoais. Nascido em 26 de outubro de 1923 em Norwich, cidade do condado de Norfolk, na Inglaterra, viveu até os 93 anos, quando veio a falecer em 23 de dezembro de 2016. Ao longo de sua vida foi amplamente reconhecido pelas contribuições à ciência dos relacionamentos ocupando posições acadêmicas importantes, além de recebido prêmios e homenagens devido ao seu trabalho. Foi diretor honorário da unidade do conselho de pesquisa médica sobre desenvolvimento e integração dos comportamentos da St. John's College, em Cambridge. Membro da Royal Society e membro honorário do Colégio Real de Psiquiatria e da Sociedade Britânica de Psicologia. Também foi associado honorário estrangeiro da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos e membro honorário estrangeiro da Academia Americana de Artes e Ciências.

4. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

Este estudo teve como objetivo principal descrever e analisar os relacionamentos amorosos de estudantes universitários internacionais da UFES, de graduação e pós-graduação, e seu papel em sua integração sociocultural. Os objetivos específicos foram os seguintes: (a) descrever os relacionamentos amorosos de uma amostra de estudantes universitários internacionais no Brasil; (b) discutir a (possível) influência dos relacionamentos amorosos na integração sociocultural do estudante, de acordo com o ponto de vista dos participantes do estudo.

A relevância deste trabalho se dá devido à escassez de estudos científicos envolvendo relacionamentos interpessoais de estudantes internacionais, especialmente relacionamentos amorosos e principalmente em território brasileiro. Apesar do número de estudantes internacionais aumentar a cada ano, no Brasil e no mundo, devido a

expansão da internacionalização do ensino superior, ainda são poucos os estudos acerca dessa experiência de migração.

Espera-se também que os resultados desta pesquisa somem-se aos resultados de estudos envolvendo outras modalidades de relacionamentos interpessoais de estudantes internacionais, especialmente relacionamentos de amizade. Estudos com foco em relacionamentos de amizade de estudantes internacionais têm evidenciado que essas relações têm papel significativo em sua experiência de migração, sejam essas amizades com nativos brasileiros, com estrangeiros de mesma nacionalidade ou ainda com estrangeiros de outra nacionalidade.

Por fim, o material obtido a partir dessa pesquisa pode servir às universidades e seus respectivos programas e núcleos como a secretaria de relações internacionais (SRI), assim como também a outras instituições e serviços públicos como o sistema único de saúde (SUS), que constantemente acolhem os estudantes internacionais.

MÉTODO

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, baseada numa concepção construtivista, na qual foram realizados estudos de caso múltiplos, nos quais as unidades de análise em questão foram os estudantes internacionais entrevistados. Trata-se de um método coerente com as questões de pesquisa do estudo (“como” ou “por que” uma modalidade de relacionamento próximo pode se relacionar com a inserção sociocultural do estudante internacional no país anfitrião); além de ser bastante utilizado para o estudo de eventos e fenômenos contemporâneos nos quais o pesquisador tem pouco ou nenhum controle sobre tais eventos e fenômenos ou comportamentos (ao contrário, por exemplo, de experimentos quantitativos, em que as variáveis do estudo são controladas). De maneira geral, no estudo de casos múltiplos, os dados são coletados através da observação dos eventos e de entrevistas com os participantes (Yin, 2010).

Conforme Yin (2010), no passado o estudo de casos múltiplos já foi muito confundido com outros métodos como a etnografia e/ou observação participante e que também era (e ainda hoje é, equivocadamente) visto somente como um estágio exploratório de um outro método de pesquisa. Todavia, apesar dos métodos (tanto qualitativos quanto quantitativos) muitas vezes não possuem limites rígidos e eventualmente se sobrepõem, ainda assim, cada qual possui características únicas. Yin (2010) nos diz ainda que essa é uma abordagem na qual busca-se a investigação de fenômenos contemporâneos em profundidade dentro de seu contexto real, essencialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto são pouco claros.

Para o alcance dos objetivos propostos nesta pesquisa foram realizadas entrevistas narrativas episódicas nas quais o participante foi solicitado a apresentar narrativas e respostas a perguntas referentes a situações consideradas relevantes por ele relacionadas a sua integração sociocultural, a partir de um guia de entrevista com roteiro

semiestruturado, construído exclusivamente para o presente estudo, que abrangeu também dados sociodemográficos dos participantes (Apêndice B). Tendo em vista as características das entrevistas semiestruturadas, narrativas e episódicas, acreditamos que a integração entre as três foi uma boa estratégia metodológica. De acordo com Riessman (2005), distintas abordagens podem ser combinadas, tendendo então a favorecer a realização de uma pesquisa rica e abrangente.

Atualmente, o interesse cada vez maior na utilização de entrevistas semiestruturadas em pesquisas qualitativas ocorre porque acredita-se que “é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou um questionário” (Flick, 2009, p.144). Entende-se que a utilização de questões abertas em detrimento ao uso de questões fechadas comuns em escalas e questionários de pesquisas quantitativas é mais efetiva no alcance da subjetividade e profundidade dos construtos dos participantes entrevistados na pesquisa. Geralmente, usa-se um guia para a condução das entrevistas, que ao invés de engessá-las e torná-las rígidas e burocráticas, serve de apoio ao entrevistador verificar se todos os tópicos planejados foram mencionados e trabalhados durante a entrevista.

Já na entrevista do tipo narrativa, através de uma clara questão gerativa de narrativa, pede-se ao entrevistado que apresente, na forma de narrativa, a história da área de interesse da pesquisa da qual o entrevistado tenha participado (Flick, 2009). Um exemplo de questão gerativa de narrativa poderia ser a seguinte: “Gostaria que você me contasse a história do seu percurso enquanto estudante internacional/estrangeiro/migrante. Uma boa maneira de fazer isso seria começar por quando ainda estava em seu país natal e despertou interesse em estudar num outro país, relatando todo o caminho que percorreu desde então, um passo após o outro, até os dias

de hoje, as dificuldades encontradas, o apoio recebido e os pontos positivos, com todos os detalhes que achar relevantes. Fique à vontade para levar o tempo que achar necessário. Nós não temos pressa”.

Após a finalização da narrativa pelo entrevistado, a fim de complementá-la e dar conta de questões que não tenham sido trabalhadas com detalhes e profundidade suficientes durante a narrativa, o pesquisador pode ainda fazer perguntas diretas ao entrevistado, obviamente com a devida sensibilidade, tomando cuidado para não enviesar ou direcionar as respostas. Por exemplo, o entrevistador pode dizer ao entrevistado: “Você me disse antes como foi quando você conheceu sua atual namorada quando estava na praia. Poderia por favor me contar esse momento da sua história com mais detalhes?” Desse modo, as entrevistas narrativas permitem então ao pesquisador investigar aspectos do saber do entrevistado de uma maneira mais abrangente.

Na entrevista episódica, parte-se do pressuposto de que “as experiências de um sujeito sobre um determinado domínio sejam armazenadas e lembradas nas formas de conhecimento narrativo-episódico e semântico” (Flick, 2009, p.172). Trata-se de uma forma que vincula dados tanto da narrativa – para termos acesso ao conhecimento narrativo-episódico – quanto de questões concretas – que nos dão acesso ao conhecimento semântico.

Na situação de entrevista, solicita-se ao entrevistado repetidamente a apresentação de narrativas de situações (por exemplo, “Pelo que você consegue lembrar, como foi a primeira vez que você fez amizade ou teve um relacionamento amoroso com nativo brasileiro? Você poderia, por gentileza, relatar essa experiência?”). Pode-se também solicitar que o entrevistado mencione séries de situações (“Por favor, você poderia relatar como foi seu dia hoje, onde e como o contato com sua namorada fez parte dele?”). Ainda é possível pedir ao entrevistado que fale sobre suas fantasias e projeções para o futuro

(“Em um futuro próximo, após finalizar seus estudos no Brasil, o que você pretende fazer, se ainda estiver namorando com um(a) brasileiro(a)?”).

Geralmente prepara-se um guia de entrevista que orienta o pesquisador quanto aos tópicos que precisa desenvolver e antes de iniciar a entrevista propriamente dita, com o intuito de deixar o participante a vontade e familiarizá-lo com essa modalidade de entrevista, são feitas algumas explicações acerca desse método (por exemplo: “Nesta entrevista, vou pedir, por inúmeras vezes, que você relate situações nas quais você interagiu com nativos brasileiros”). É importante que o pesquisador tenha consciência de que algumas pessoas possuem mais dificuldades que outras para elaborarem narrativas e que diante dessas dificuldades, precisa estar preparado. Uma boa estratégia, por exemplo, seria o ensaio e dramatização de entrevistas teste, se possível gravadas, analisadas e discutidas entre pesquisadores (Flick, 2009).

Nas entrevistas, atenção especial foi direcionada a situações ou episódios nos quais os entrevistados tiveram experiências relevantes as questões do estudo – seus relacionamentos amorosos e seu papel em sua integração sociocultural. Além dos incentivos narrativos e a fim de complementá-los, foram realizadas perguntas acerca de questões subjetivas dos entrevistados. Tais questões têm como objetivo abordar elementos semânticos do conhecimento cotidiano. De acordo com Flick (2009), essa modalidade de entrevista objetiva aproveitar tanto as vantagens das entrevistas narrativas quanto as vantagens das entrevistas semiestruturadas. Sendo assim, o alcance das experiências subjetivas dos participantes do estudo não se restringiu aos elementos do conteúdo de suas narrativas, visto que o entrevistador tinha opção de intervir (e assim o fez) através da realização de perguntas-chave relativas aos conteúdos narrados, ampliando e enriquecendo a situação de entrevista. Desse modo, associando as narrativas

com séries de perguntas e respostas, o método proporcionou a triangulação dos dados coletados, resultando em maior fidedignidade e validade aos resultados do estudo.

1. PARTICIPANTES

Conforme informações da Secretaria de Relações Internacionais, a UFES possui atualmente no ano de 2020 cerca de cinquenta e oito estudantes internacionais matriculados em cursos de graduação ou pós-graduação, nos campus de Goiabeiras, Maruípe, São Mateus e Alegre, sendo que a grande maioria realiza seus cursos na cidade de Vitória – ES (nos campus de Goiabeiras e Maruípe). Desse total, trinta e um estudantes estão matriculados através do PEC-G; vinte através do PAEC; e sete por meio do programa de Mobilidade, ambos já apresentados na introdução deste trabalho.

Quanto aos cursos de graduação realizados pelos estudantes internacionais atualmente matriculados, temos os seguintes: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia de Computação, Engenharia Elétrica, Engenharia de Petróleo, Engenharia de Produção, Engenharia Química, Fonoaudiologia, Geografia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Psicologia, Odontologia e Terapia Ocupacional.

Com relação aos cursos de pós graduação nos quais os estudantes internacionais estão matriculados, temos os seguintes: Doutorado em História, Doutorado em Letras, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Artes, Mestrado em Biotecnologia, Mestrado em Ciências Contábeis, Mestrado em Ciências Farmacêuticas, Mestrado em Direito Processual Civil, Mestrado em Educação Física, Mestrado em Engenharia Ambiental, Mestrado em Filosofia, Mestrado em Geografia, Mestrado em História, Mestrado em Letras e Mestrado em Química.

Quanto a origem dos estudantes internacionais, notamos que a grande maioria é de países africanos, latino americanos e de países da América Central e que alguns poucos são europeus e provenientes da América do Norte.

Oriundos da Europa, havia estudantes italianos (05) e franceses (02). Da África, havia estudantes de Cabo Verde (08), Camarões (03), Gana (02), São Tomé e Príncipe (02), Namíbia (01), Guiné Bissau (03), Benin (01) e Quênia (01). Com relação aos estudantes de origem latino-americana, havia provenientes da Bolívia (03), Chile (01), Paraguai (03), Peru (03), Colômbia (07), Equador (04) e Venezuela (03). Da América Central havia estudantes do Haiti (01) e Honduras (03) e proveniente da América do Norte havia um (01) estudante mexicano. Esses dados corroboram informações do estudo de (Silva, 2018), que verificou que a origem da maior parte de estudantes internacionais da UFES ao longo dos anos é latino-americana e africana de países que tem o português como idioma oficial (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe).

Para a presente pesquisa, o recrutamento de participantes ocorreu das seguintes formas: (a) através da divulgação de cartaz eletrônico (Apêndice C) em redes sociais como Facebook, Instagram, WhatsApp e lista de e-mails de alunos do PPGP; (b) através de contato via e-mail com a SRI, mais especificamente com a coordenação de mobilidade para a UFES; e (c) por meio de visitas do pesquisador em aulas de português para estudantes e não estudantes estrangeiros na UFES, onde a pesquisa era apresentada e o convite para participação era feito, após anuência do professor responsável pelas aulas.

Para a realização do estudo buscamos por participantes estudantes internacionais devidamente matriculados em cursos de graduação ou pós-graduação da UFES, que estivessem ou estiveram envolvidos em relacionamentos amorosos nos últimos dois anos, ininterruptos ou não, sem duração mínima, com o(a) mesmo(a) parceiro(a) ou não, seja

ele(a) um(a) nativo(a) brasileiro(a), estrangeiro(a) de mesma nacionalidade ou estrangeiro(a) de outra nacionalidade.

Ao todo dezessete estudantes responderam/aceitaram o convite para participar do estudo. Contudo, devido a questões como (a) conflito de horários entre as partes; (b) dificuldade de deslocamento do pesquisador para outra cidade (São Mateus e Alegre, onde residiam alguns dos estudantes interessados); (c) dificuldade de deslocamento de estudantes (residentes em Alegre e São Mateus) para a Grande Vitória; (d) posterior desistência do estudante em participar da pesquisa; e (e) não atendimento aos critérios de inclusão, ao término do estudo foram realizadas entrevistas com dez estudantes, homens e mulheres, de cursos de graduação (Arquitetura e Urbanismo, Administração, Direito, Engenharia Civil, Fonoaudiologia, Medicina e Odontologia) e pós graduação (Mestrado em Ciências Sociais; Doutorado em Letras), dos campus de Goiabeiras e Maruípe.

A idade dos estudantes entrevistados variou de 19 a 31 anos e seu tempo de residência no Brasil variou de três meses a sete anos (Tabela 01). Dos dez entrevistados, havia três italianos, duas caboverdianas, uma colombiana, um hondurenho, um venezuelano, uma alemã e um estudante beninense.

Tabela 1*Caracterização dos participantes*

Participante	País de Origem	Idade e Sexo	Tempo de residência no Brasil	Município de Residência	Com quem mora no Brasil
E1M	Benin	22 M	1 ano e 6 meses	Vitória	Estudante congolês
E2F	Alemanha	25 F	2 anos	Vila Velha	Mãe
E3F	Colômbia	31 F	2 anos	Vitória	Filha
E4M	Itália	24 M	3 meses	Vitória	Colega italiano
E5F	Cabo Verde	23 F	4 anos e 8 meses	Vitória	Caboverdianas e um brasileiro
E6F	Cabo Verde	19 F	8 meses	Vitória	Caboverdianas e um brasileiro
E7M	Itália	24 M	3 meses	Vitória	Brasileiros
E8M	Itália	23 M	3 meses	Vitória	Colega italiano
E9M	Venezuela	28 M	7 anos	Vitória	Mãe e colega brasileiro
E10M	Honduras	26 M	2 anos	Vitória	Brasileiros

Para preservar suas identidades optamos por não relacionar sua nacionalidade ao curso realizado na UFES. Entendemos que se assim o fizéssemos, a probabilidade de comprometimento do sigilo de suas identidades seria aumentada, visto que são todos estudantes da mesma universidade de potenciais leitores deste trabalho, que poderiam vir a identificá-los, como alunos e professores do PPGP, do curso de psicologia e de outros cursos; além de servidores da SRI e de outros órgãos da UFES, que lidam frequentemente com eles.

Quanto ao local atual de residência dos estudantes, nove deles moram na cidade de Vitória, em bairros próximos à universidade, sendo oito (E1M beninense; E4M italiano; E5F caboverdiana; E6F caboverdiana; E7M italiano; E8M italiano; E9M venezuelano; e E10M hondurenho) em Jardim da Penha e uma participante (E3F colombiana) no Bairro República. A estudante (E2F alemã) que não residia em Vitória morava na cidade de Vila Velha, no bairro Itapuã. A maioria dos estudantes entrevistados divide residência com outros estudantes; sejam brasileiros, estrangeiros de mesma nacionalidade ou ainda estrangeiros de outra nacionalidade. Desses, as duas estudantes

de Cabo Verde (E5F e E6F) dividiam residência com mais duas conterrâneas e um brasileiro. Dos três estudantes italianos, dois (E4M e E8M) moravam juntos. Já o terceiro (E7M) morava com outros brasileiros. O estudante beninense (E1M) morava com outro estudante africano, proveniente do Congo e o participante hondurenho (E10M) com outros estudantes brasileiros. Já o estudante venezuelano (E9M) residia com sua mãe e com um brasileiro colega de faculdade. A participante alemã (E2F) residia com sua mãe e, por fim, a estudante colombiana (E3F) morava com sua filha (que tem dupla nacionalidade, sendo também brasileira).

A participante colombiana E3F é um caso singular. É a única dentre os participantes que possui filhos, no caso, uma filha de cinco anos de idade, cujo pai é seu atual companheiro. Ressalta-se que a filha da E3F tem dupla cidadania (colombiana e brasileira), visto que nasceu em Cuiabá-MT, na época em que a estudante realizava o curso de mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Conforme Melo et al. (2018), há uma lacuna na literatura científica de estudos acerca da experiência de maternidade de estudantes internacionais no Brasil, apesar de não serem raros casos em que estudantes internacionais fiquem grávidas e tenham seus filhos em território brasileiro. Portanto, são necessários estudos relacionados a esse fenômeno, visto que a compreensão dessa experiência forneceria informações relevantes a universidades, órgãos, instituições, centros e programas de saúde que recebem e prestam assistência a essas mães.

Buscando dar conta desta lacuna, em seu estudo sobre as experiências de gestação de estudantes internacionais no Brasil, Melo et al. (2018) buscaram compreender como foi para estudantes internacionais gestarem e darem a luz em território brasileiro. Para tal, entrevistaram onze estudantes africanas (provenientes Guiné Bissau, Angola e São Tomé e Príncipe) matriculadas em uma universidade do Ceará, que engravidaram e tiveram seus

filhos enquanto cursavam a graduação. Os autores encontraram como resultados temas relacionados aos (a) desafios enfrentados pelas participantes em estudar e engravidar longe de seus países; (b) empoderamento e superação frente aos desafios enfrentados; e (c) diferenças no cuidado e choque cultural.

Com relação aos desafios enfrentados pelas estudantes são elencados a falta de apoio social (pois estão distantes de amigos e familiares como mães e irmãos que as ajudariam ao longo da gestação, parto e pós parto) e financeiro, além da queda do desempenho acadêmico, visto que necessitaram investir mais tempo e energia nos cuidados com os filhos, reduzindo seu tempo disponível de estudo. Quanto ao empoderamento e superação frente aos desafios enfrentados destacam-se relatos de amadurecimento e segurança proporcionados pela experiência de ser mãe, percepção e enfrentamento de julgamento tanto da família quanto da sociedade, importância de redes de apoio como amigos, professores e companheiros, dificuldades em encontrar lugar/alguém para cuidar da criança em momentos de aula e percepção positiva quanto a humanização e gratuidade da assistência médica recebida. Por fim, com relação as diferenças de cuidado e choque cultural, ressaltam-se as diferenças percebidas nos cuidados com o recém-nascido e puerpério, em comparação às práticas culturais de seus países de origem, como o uso de plantas medicinais, realização de massagens e orações. Nas seções reservadas a apresentação dos resultados, retornaremos a discussão acerca das experiências da participante colombiana E3F relacionadas a maternidade.

Quando ainda estavam em seus países natais sete estudantes (E1M beninense; E2F alemã; E3F colombiana; E5F caboverdiana; E6F caboverdiana; E9M venezuelano; e E10M hondurenho) disseram que residiam com seus familiares em diversas configurações (pai, mãe, irmãos, etc), dois participantes italianos (E4M; E7M) moravam com outros estudantes de mesma nacionalidade (em repúblicas) e o outro participante

italiano (E8M) morava sozinho. Ressalta-se aqui que durante as entrevistas, quando questionados sobre seus atuais locais de residência, não foi incomum relatos de estudantes que desde sua chegada ao Brasil acabaram se mudando algumas vezes, por diversos motivos, tais como: localização do imóvel (mais longe ou perto da universidade), valor do aluguel e identificação/interação com demais residentes do imóvel. Esses relatos corroboram estudos como os de Andrade e Teixeira (2009), Garcia (2012a) e Subuhana (2007), que identificaram a moradia (escolha, qualidade, localização) como um dos principais desafios e dificuldades encontradas por estudantes internacionais. Andrade e Teixeira (2009), em seu estudo com estudantes africanos em Porto Alegre – RS, identificaram que a assistência à busca por moradia seria um dos principais serviços de apoio que os estudantes procurariam, caso fosse ofertado pela universidade e/ou outro órgão de apoio.

Endossando os estudos acima citados, no relato da participante colombiana E3F fica evidente a dificuldade na procura de moradia, especificamente no caso dessa participante em especial, devido a negativa de proprietários de imóveis por conta de sua condição de gestante:

[...]primeiras semanas chegamos na casa de umas colombianas...e aí depois a gente alugou um quarto no começo e...mas a minha filha nasceria em junho e terminando maio a gente começou a buscar outro lugar e minha sogra, ela viria pra nos ajudar no parto neh, e essas coisas do cuidado de uma criança...que eu nem sabia nada, nem trocar uma fralda nem nada...e aí eu acho que isso foi uma dificuldade porque a gente procurou muito lugar e muitos proprietários falavam não pelo fato de eu tá grávida e o neném que ia nascer talvez ia chorar, a noite toda...incomodar os outros moradores...aí foi bem difícil...passar por vários fins de semana no sol, no calor [...] procurando uma moradia...e foi difícil...no final a gente achou...um pouco mais longe da faculdade, mas tudo bem. (E3F)

Também no relato da participante caboverdiana E5F fica nítida a dificuldade diante da questão da moradia, enfatizando uma situação muito delicada que passou junto com amigas conterrâneas:

[...] já tava tudo pronto pra vir pro Brasil, já tava tudo pronto...a questão: e agora? Até que um amigo nosso que tava vindo aqui pro Brasil, ele tinha um amigo que morava aqui que é de Cabo Verde e conversou com ele. Aí ele recebeu a gente, e...foi a nossa salvação, a gente veio pra cá e veio pra casa dele. A gente chegou aqui antes de começar o curso, a gente ficou cerca de 20 dias aqui. Então foi uma dificuldade muito grande porque primeiramente foi um homem que recebeu a gente. E ele não estava muito assim...com a gente...levar na Polícia Federal, tirar a documentação toda...e a gente ficou na dependência dele. Até que um dia aconteceu uma coisa tipo, ele deixou a gente na rua sem a chave, a gente ficou o dia inteiro sem comer, parecia um mendigo na rua e um amigo nosso, que já conhecia uma menina que morava comigo veio buscar a gente, levou na casa dele...aí a gente decidiu mudar daquela casa e voltar pra casa dessa pessoa. (E5F)

Quanto a já terem morado e/ou visitado outros países, oito estudantes afirmaram que sim e apenas as duas participantes caboverdianas (E5F; E6F) disseram que não, sendo a atual experiência no Brasil sua primeira viagem internacional. Dos estudantes que já haviam visitado e/ou morado em outros países, a maioria citou países fronteiriços ou ao redor de seus países de origem, havendo poucos relatos de viagens intercontinentais. De todos os estudantes entrevistados, apenas as participantes E2F (alemã) e E3F (colombiana) já haviam vindo ao Brasil, à passeio e por razões de estudo, respectivamente.

Questionados quanto as razões pelas quais decidiram candidatar-se a vaga de estudantes internacionais, as respostas foram em sua maioria homogêneas, sendo elas (a) realizar curso que não é ofertado em seu país de origem; (b) conhecer outro povo; (c) conhecer outro país; e (d) conhecer outra cultura. Quanto aos motivos para escolha do Brasil como destino para realização de seus estudos, as razões citadas foram (a) gratuidade da universidade e disponibilidade de auxílio financeiro; (b) oferta de curso não disponível em seu país de origem; (c) oportunidades de trabalho em sua área de formação; (d) oportunidade de aprendizado de um novo idioma; (e) maior facilidade de ingresso em universidades brasileiras, quando comparadas a universidades de países europeus e norte americanos; (f) possivelmente única oportunidade de conhecer um país que nunca tinha visitado, com uma cultura diferente, em outro continente; e (g) influência de amigos,

endossando os resultados do estudo de Lima e Feitosa (2017), acerca dos significados que circunscrevem a experiência de estudantes africanos internacionais do PEC-G em universidade do nordeste do Brasil.

Por fim, ressalta-se que o Brasil e a cidade de Vitória – ES não foram as primeiras opções de destino para alguns dos estudantes (E1M beninense; E2F alemã; E4M italiano; E7M italiano; E8M italiano; E10M hondurenho), mas sim segundas, terceiras e até quartas opções. Países europeus, norte americanos e a Austrália encabeçam os primeiros destinos escolhidos, endossando estudos como o de Bermúdez Rico (2015), que analisando o fluxo migratório de estudantes internacionais, percebeu preferência por países desenvolvidos como principais destinos em detrimento de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

Com relação as cidades de destino no Brasil, as primeiras escolhas foram cidades como Rio de Janeiro - RJ, São Paulo - SP e Cuiabá – MT. Muitos estudantes relataram que precisaram pesquisar na internet sobre o Espírito Santo quando souberam que viriam para o estado, pois praticamente nunca tinham ouvido falar a seu respeito. Em seu relato, a participante caboverdiana E5F disse o seguinte “E me botaram pra cá, pra Vitória. Eu fiquei assim, meu Deus, onde que é isso? Aí a gente foi pesquisando e tal...tanto é que eu saía e falava que eu ia estudar num lugar que chamava Maruípe[...]”.

Quanto ao curso realizado, trabalhos como o de Andrade e Teixeira (2009), sobre adaptação de estudantes africanos do PEC-G à faculdade, apontam que não é incomum estudantes internacionais não estarem matriculados em sua primeira opção de curso superior. No presente estudo, corroborando o trabalho dos autores anteriormente citados, a participante caboverdiana E5F ilustra essa situação através de sua narrativa, na qual diz que de acordo com os critérios de seleção do programa, acabou não conseguindo a matrícula na sua primeira opção de curso:

Eu queria muito medicina. Minha primeira opção, eu queria isso até o fim...só que lá em Cabo Verde, pra você entrar numa universidade... Eles olham...principalmente pra fora, eles olham a nota do seu ensino médio. Você não faz uma prova pra sair, eles olham a sua nota do ensino médio. A minha nota do ensino médio não dava pra fazer medicina. Então em cima da hora eu acabei desistindo de medicina...e não tinha nenhum outro curso, tipo assim, que eu queria fazer que não fosse isso. Daí eles deram a ideia de fazer odonto. Eu fiquei pensando, ah, seria legal, mas não tem lá. Peguei e saí. Eu já tava decidida que eu queria sair fora, que eu queria sair. (E5F)

Quanto a suas expectativas após o término dos estudos, alguns estudantes (E5F caboverdiana; E6F caboverdiana; E9M venezuelano; E10M hondurenho) relataram que gostariam de permanecer no Brasil, para continuarem seus estudos (especialização, mestrado, residência) e/ou para trabalharem, corroborando estudos como o de Lima e Feitosa (2017), que afirmam que após a conclusão dos estudos, é comum que os estudantes não queiram voltar de imediato a seus países origens, optando por estudarem e trabalharem no país anfitrião, dentre outros motivos para ficarem.

2. INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A estratégia de amostragem de participantes foi de conveniência e não probabilística, do tipo bola de neve, que utiliza cadeias de referência. Apesar de possuir limitações, assim como quaisquer outras formas de amostragem, é uma estratégia útil para a pesquisa de questões delicadas e particulares, pois necessita do conhecimento e indicação de pessoas pertencentes ao grupo em questão para localização de possíveis informantes para o estudo (Vinuto, 2014).

Trata-se de uma estratégia efetiva para a pesquisa com pessoas e grupos de difícil acesso, espalhados por uma grande área e que não se sabe o tamanho de sua população. Grosso modo, a partir de documentos ou informantes-chave (denominados muitas vezes de “sementes”) localizam-se pessoas com o perfil desejado para a pesquisa, dentro da população geral. Em seguida, pede-se as pessoas indicadas pelos informantes-chave/sementes que indiquem novas pessoas com as características desejadas, a partir de

seu círculo social, e assim sucessivamente, fazendo com que o quadro de amostragem cresça, a critério do pesquisador, ou atinja a saturação, momento este em que novos participantes ou informações não trazem novas contribuições a análise do problema de pesquisa (Vinuto, 2014).

Visto ainda que estudos anteriores (Garcia, 2012a, 2012b) relatam que estudantes internacionais tendem a criar vínculos mais fortes e redes de apoio com outros estudantes de seu país natal – pois esse convívio ajuda a diminuir sentimentos de solidão, saudades da casa, insegurança, estresse - buscamos informantes-chave da maior variedade possível de países, de modo que a possibilidade de narrativas mais plurais fosse maior (Vinuto, 2014).

Em consonância a natureza e objetivos do estudo, essa estratégia mostra-se efetiva visto que priorizamos o aprofundamento de determinadas questões com foco em sujeitos e casos únicos em detrimento a realização de generalizações a partir de uma grande e diversa amostra de indivíduos. Cientes ainda de que a amostragem perpassa várias etapas da pesquisa que não só a seleção de participantes, como também a escolha de materiais representativos e importantes para interpretação dos dados e apresentação das descobertas (Flick, 2009), buscamos selecionar os materiais (trechos das entrevistas, por exemplo) que melhor ilustraram e corroboraram as discussões realizadas.

O estudo foi realizado com estudantes internacionais da Universidade Federal do Espírito Santo. Trata-se de uma universidade com quatro campus universitários, nos bairros de Goiabeiras e Maruípe, na cidade de Vitória; na cidade de Alegre, no sul do estado; e na cidade de São Mateus, região norte do estado do Espírito Santo.

Atualmente a UFES possui cerca de 19.997 alunos em 103 cursos de graduação presenciais e 3174 matriculados na pós graduação. A universidade oferece 56 cursos de mestrado (acadêmico e profissional) e 26 cursos de doutorado e possui área total

construída nos quatro campus universitários de aproximadamente 302.000 m² (UFES, 2018).

O instrumento de pesquisa consistiu em um guia semiestruturado de entrevista (Apêndice B). Na primeira parte do instrumento foi reservado espaço para coleta de informações relacionadas a identificação e dados sociodemográficos do participante (idade, nacionalidade, estado civil, quantidade de filhos, curso que realiza na UFES, etc). Também havia questões (nacionalidade, idade, escolaridade, onde se conheceram, etc) relativas à identificação dos(as) parceiros(as)/companheiros(as) dos estudantes, tanto ex como atuais. Na segunda parte do instrumento havia uma questão que serviu como incentivo da narrativa e também questões abertas relativas aos relacionamentos amorosos dos estudantes e sua integração sociocultural.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em locais e horários previamente escolhidos pelos participantes, com a sua anuência para a gravação do material para posterior transcrição e análise. A maioria das entrevistas foi realizada no campus da UFES de Goiabeiras, em salas do prédio do PPGP e do prédio do IC II, no Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN). Também foram realizadas entrevistas na área verde da UFES, a céu aberto, em local próximo à biblioteca central. A única entrevista realizada fora do campus de Goiabeiras ocorreu em um bar, próximo a universidade, em uma avenida bastante conhecida e frequentada por jovens (estudantes da UFES ou não), conhecida popularmente como “Rua da Lama”, localizada nas imediações da residência do estudante. Quanto ao horário das entrevistas, todas ocorreram nos períodos vespertino e noturno, pouco antes, entre ou logo após as aulas dos estudantes na universidade.

Para que a interação entre entrevistador e entrevistado fosse efetiva ao interesse da pesquisa, certos cuidados foram tomados. Durante a realização da entrevista, tomamos o cuidado de iniciarmos os questionários com questões não estruturadas, seguidas por

questões semiestruturadas e por fim com questões estruturadas. Seguindo essa ordem, buscamos evitar e/ou diminuir as chances de que as referências do entrevistador influenciasses as respostas dos estudantes (Flick, 2009). Ao entrevistador cabia o exercício constante de aproximação e afastamento com o objeto da pesquisa, de modo que não fosse fonte de viés as respostas do entrevistado. Agir de maneira não-diretiva, evitar avaliações precipitadas e fazer as perguntas certas nas horas certas torna o contexto favorável para a expressão dos pontos de vista do entrevistado.

Outra importante questão de extrema relevância no contexto da entrevista foi o silêncio. Por vezes, os estudantes precisavam de tempo para pensarem e elaborarem suas respostas, ficando em silêncio por alguns momentos. Desta forma, atenção especial foi dada a tais momentos. Respeitando o silêncio necessário ao entrevistado evitamos finalizar determinadas questões que ainda não tinham sido concluídas pelo participante e assim diminuimos as chances de passarmos equivocadamente para outros tópicos da entrevista.

Ao longo da entrevista buscamos garantir que todos os tópicos relevantes da pesquisa tivessem sido explicitados e quando percebíamos que o entrevistado mudava o rumo da conversa ou evitava determinadas temáticas, não sendo trabalhadas em profundidade suficiente, os retomávamos, todavia respeitando o máximo possível o participante. Buscamos também deixar em aberto ao entrevistado a possibilidade de incluir novos tópicos próprios do mesmo ao longo da entrevista, que considerasse relevante a temática em estudo (Flick, 2009).

Não há um comportamento “ideal” para o entrevistador na situação de entrevista. O sucesso das mesmas depende especialmente da competência situacional do entrevistador, que pode ser maximizada “a partir da experiência prática da tomada de decisões necessárias em situações de entrevista, em entrevistas de ensaio e no treinamento

para entrevistas” (Flick, 2009, p.147). Seguindo tais orientações, buscamos realizar entrevistas piloto que foram gravadas em áudio e vídeo, que foram analisadas e discutidas quanto as dificuldades percebidas, com relação a interação com o entrevistado, utilização do guia e demais procedimentos essenciais ao sucesso da mesma.

Vale ressaltar aqui a importância das informações relacionadas ao contexto da entrevista. Durante e logo após seu fim, através de um diário de campo, anotações foram tomadas pelo pesquisador sobre impressões acerca do comportamento do entrevistado e também sobre seu próprio, especialmente o não verbal, das influências externas que ocorreram e também da sala/local no qual ocorreu a entrevista. Em algumas das entrevistas realizadas no prédio do PPGP ocorreram interrupções por parte de terceiros. Em outras, os participantes atenderam ligações telefônicas e enviaram mensagens de texto através de telefone celular. Já em outras situações, alguns participantes precisaram se ausentar para irem ao banheiro. Essas e outras informações foram úteis para a interpretação dos dados obtidos no decorrer da entrevista e serviram de base para comparação de situações diversas de entrevistas.

Alguns outros cuidados foram observados durante a condução das entrevistas. Buscamos não interromper ou obstruir os estudantes ou fazer perguntas durante a narrativa, nem tampouco realizar intervenções diretivas (“Mas você não poderia ter resolvido essa situação de uma outra forma?”) ou ainda avaliações (“Esse seu comportamento foi maravilhoso”). Ainda ao longo de toda a entrevista, o entrevistador tentou deixar claro ao entrevistado que era um ouvinte ativo e interessado no que estava sendo dito, demonstrando empatia, fazendo contato visual, acenando com a cabeça e concordando com “hms”, por exemplo. Conforme Flick (2009), essas e outras atitudes semelhantes tendem a fazer com que o entrevistado se sinta valorizado e importante para o sucesso da pesquisa.

Por fim, ressalta-se que todas as entrevistas foram gravadas em áudio simultaneamente por dois aparelhos (um gravador digital e um telefone celular). Tomamos essa precaução por segurança, visto que algum dos aparelhos poderia apresentar problemas técnicos ou ficar sem bateria durante as entrevistas e, assim, comprometê-las. De fato, isso acabou realmente acontecendo, quando em determinado momento da entrevista com a participante caboverdiana E6F por algum motivo o aplicativo de gravação de áudio do aparelho celular apresentou problemas e cessou a gravação. Por sorte (e precaução), o gravador digital realizou o registro da entrevista na íntegra.

3. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das entrevistas, todas as gravações foram transcritas com auxílio do software Microsoft Word. Ressalta-se aqui que a etapa de transcrição dos áudios acabou sendo mais difícil e demorada que o esperado, essencialmente devido aos sotaques dos estudantes internacionais, inclusive aqueles oriundos de países que tem o português como língua oficial (caboverdianos). Assim como há variação no português falado no Brasil em suas diversas regiões (norte, sul, nordeste e sudeste e centro oeste), também o português falado em outros países possui sua especificidade e possivelmente deve também variar dentro dos próprios países, em distintas regiões, com gírias, trejeitos, etc. Desse modo, precisamos por inúmeras vezes repassar vários trechos das entrevistas até que chegássemos ao melhor entendimento possível do que havia sido dito. Entretanto, apesar do tempo de transcrição previsto ter praticamente dobrado, a familiaridade com o corpo de dados acabou sendo ainda mais fortalecida nessa etapa da pesquisa.

Assim como as entrevistas, as transcrições dos áudios foram feitas pelo próprio pesquisador. Após realizadas, foram então confrontadas com o áudio original afim de verificarmos se havia precisão e fidedignidade do material transcrito. Vale ressaltar que

o processo de transcrição dos áudios não é simplesmente um ato mecânico mas proporciona ao pesquisador, como dito anteriormente, intimidade e familiaridade com o material de pesquisa. Todavia, ainda antes da fase de transcrição, a familiarização com os dados já inicia-se desde a realização das entrevistas, durante o registro de anotações e ideias iniciais em diário de campo.

A análise temática foi a proposta utilizada para organizar, analisar e interpretar as transcrições das entrevistas. Sendo uma abordagem bastante utilizada na pesquisa psicológica, é considerada acessível e flexível para a análise de dados qualitativos, fornecendo um conjunto rico, detalhado e complexo de dados (Braun & Clarke, 2006, 2012).

A análise temática costuma ser realizada em seis fases, sendo elas: (a) familiarização com os dados (transcrição dos dados, quando necessário, leitura e releitura, apontamento de ideias iniciais). De acordo com Souza (2019), “a fase 1 é a “pedra fundamental” para todo o resto da análise.” (p.50).; (b) geração de códigos iniciais (codificação de aspectos relevantes dos dados de maneira sistemática em todo o conjunto de dados, e coleta de dados importantes para cada código). Pode ser feita manualmente (anotações, canetas coloridas e/ou adesivos) ou através de programa de computador. Nessa etapa é fundamental que todo o banco de dados seja codificado e sejam dadas devida atenção e importância igualitária a cada item (Souza, 2019); (c) busca por temas (agrupamento de códigos em temas potenciais, agrupando informações importantes para cada tema potencial). Para ajudar na organização e classificação dos códigos em temas potenciais, podem ser utilizadas representações visuais como tabelas, mapas conceituais ou mesmo pedaços de papel com o nome e breve descrição de cada código, com o intuito de buscar organizá-los num mapa temático inicial. Nesta etapa, certos códigos podem se tornar temas principais e outros virem a ser subtemas, enquanto outros ainda podem ser

descartados (Souza, 2019) ; (d) revisão dos temas (conferência se os temas estão de acordo com os extratos codificados e em relação ao conjunto de dados inteiros, gerando um mapa temático da análise). Nesta fase, alguns candidatos identificados inicialmente como possíveis temas podem vir a não ser, enquanto um tema pode ser dividido em dois e ainda dois temas podem vir a unificar-se; (e) definição e nomeação de temas (nova análise para refinar os temas e a história geral contada pela análise. Geração de definições e nomes sucintos para cada um dos temas); e (f) Produção do relatório (seleção de exemplos convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, culminando com a produção do relatório de análise) (Braun & Clarke, 2006, 2012).

Importante ressaltar que a análise temática não é simplesmente um processo linear e que seus estágios não são rígidos mas sim orientações, visto que sua praticidade, aplicabilidade e flexibilidade permitem um constante movimento para frente e para trás no conjunto de dados (Braun & Clarke, 2006, 2012).

A análise temática tem como objetivo buscar, identificar, analisar e relatar temas ou padrões emergentes dentro do conjunto de dados. Conforme Braun e Clarke (2006, 2012), um tema revela algo importante sobre os dados em relação ao problema de pesquisa, e representa um certo grau de resposta ou significado padronizado dentro do conjunto de dados.

Devido a sua liberdade teórica, a análise temática é considerada uma abordagem acessível, útil e flexível, especialmente para pesquisadores em início de carreira, vista como um método fundamental da análise qualitativa. Aprender como realizá-la fornece ao pesquisador habilidades importantes para fazer pesquisas utilizando outros métodos qualitativos, como *grounded theory* (teoria fundamentada), análise de discurso e análise narrativa. (Braun & Clarke, 2012).

Entretanto, eventualmente e equivocadamente ainda é considerada não como um método em si, mas sim ferramenta/instrumento e/ou parte do processo de outros métodos qualitativos mais tradicionais (Braun & Clarke, 2006, 2012), apesar de já existirem trabalhos como os Souza (2019) e Braun e Clarke (2012), conceituando-a, delimitando-a e orientando como realizá-la. Nós, no presente estudo, a consideramos como um método em si, bem delimitado e com suas especificidades.

Após transcritas e confrontadas com seus respectivos áudios originais, as entrevistas, somadas aos registros do diário de campo, formaram o *corpus* de dados da pesquisa, sendo caracterizado por todo o conjunto de dados coletados para a o projeto de pesquisa. Depois de lidas e relidas, começamos então a gerar códigos a partir de ideias iniciais sobre o que considerávamos interessante no *conjunto de dados*, que se refere a todos os dados do corpus que estão sendo utilizados em uma análise particular. Cada entrevista é considerada como um *item* (cada parte individual dos dados recolhidos, que juntos formam o conjunto de dados ou corpus) e o termo *extrato* refere-se a uma parte individual codificada de dados, que tenha sido identificada e extraída, a partir de um item. De modo geral, haverá muitos extratos, provenientes de todo o conjunto de dados. Todavia, apenas uma seleção deles ganhará espaço na análise final, considerados mais representativos e ilustrativos das discussões realizadas (Braun & Clarke, 2006, 2012).

Durante esse processo, as entrevistas foram analisadas em meio físico e eletrônico. Quando em meio físico, após impressas, fazíamos uso de marcadores de textos e post-it's de diferentes cores. Já em meio eletrônico, lançamos mão de tabelas do software Microsoft Excel, que possibilitaram a visualização de códigos/temas e seus respectivos extratos considerados mais representativos e relevantes.

Para validação dos resultados, realizamos uma revisão por pares dos temas/padrões encontrados durante a análise das entrevistas, com o intuito de

verificarmos se havia o que Creswell (2010) chama de acordo entre colaboradores. Também havia a possibilidade inicial de solicitarmos feedback de alguns participantes do estudo com relação aos temas identificados mediante a análise das entrevistas, como forma de proporcionar ainda mais credibilidade e validade ao estudo. Entretanto, infelizmente devido a fatores como conflito entre horários, tempo e dificuldades de deslocamento entre estudantes e pesquisador, não foi possível colocar em prática essa ação.

4. ASPECTOS ÉTICOS

Partindo do pressuposto de que a ética é questão chave no planejamento e execução de quaisquer pesquisas envolvendo seres vivos humanos e não humanos, com o objetivo de respeitar o bem estar, a dignidade e direitos dos participantes, garantir o sigilo dos dados e a confidencialidade de suas identidades, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Espírito Santo, o qual por sua vez analisou o planejamento e os métodos de trabalho e emitiu o Parecer Consubstanciado aprovando o projeto de pesquisa, sob o número 3.589.333. O pesquisador responsável, por sua vez, somente iniciou a coleta de dados junto aos participantes após devolutiva do projeto pelo CEP devidamente aprovado.

As principais diretrizes relacionadas aos aspectos éticos de pesquisa que embasaram este trabalho foram as resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, órgão subordinado ao Ministério da Saúde; e o Código de Ética Profissional do Psicólogo, do Conselho Federal de Psicologia. Tais diretrizes têm como foco à regulação e mediação das relações entre pesquisadores e objetos/campos de estudo, enfatizando principalmente que os pesquisadores evitem causar quaisquer danos aos participantes, respeitando seus direitos e tendo a devida consideração por seus interesses e necessidades (Flick, 2009). Aos participantes foram apresentadas informações detalhadas sobre a

pesquisa e os que concordaram em participar assinaram e receberam uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A), que os deixou a par sobre o resguardo e sigilo de seus dados, dentre outras informações importantes.

O anonimato dos estudantes, assim como possíveis dados confidenciais que pudessem surgir durante a coleta de dados foram assegurados com a adoção da letra “E”, seguida pelo número sequencial da entrevista (1 a 10) e depois pelas letras “M” ou “F”, relacionadas ao sexo biológico do participante, masculino ou feminino. Por exemplo, o participante E1M é o estudante proveniente do Benin, do sexo masculino. Já o armazenamento adequado dos dados, como gravações em áudio e transcrições das entrevistas foi feito em local seguro, livre do acesso de pessoas não envolvidas no estudo. Estas foram, dentre outras, algumas das medidas adotadas como forma de preservar a identidade dos participantes.

RESULTADOS

O objetivo desse estudo foi compreender o papel dos relacionamentos amorosos ou românticos de estudantes internacionais da UFES em sua integração sociocultural. Os dados obtidos foram organizados em três temas principais: (a) relacionamentos amorosos ou românticos; (b) relações de amizade; (c) fatores que facilitam e dificultam a inserção sociocultural.

1. RELACIONAMENTO AMOROSO OU ROMÂNTICO

1.1 Início, Fatores de Atração e Desenvolvimento

Para alguns entrevistados ser estrangeiro facilita conhecer pessoas, seja para amizades, seja para relacionamentos amorosos, devido ao interesse que o brasileiro manifesta em pessoas de outros países. Nos relatos dos participantes E1M (beninense), E4M (italiano), E8M (italiano) e E9M (venezuelano) podemos visualizar essa percepção:

Interessante...ainda quando você é estrangeiro querem te conhecer. Isso é um fato mesmo quando você é estrangeiro...querem te conhecer, de onde você veio...perguntam muito...são curi...curiosas mesmo, são curiosas...isso também gostei, tipo quando você vai numa festa...ainda que você fala esse português né...esse português meio estrangeiro...ficar falando...quer conhecer de onde você veio, tudo isso. (E1M)

Aqui, se você é um estrangeiro, um gringo por exemplo...as pessoas querem falar contigo...querem ajudar-te...no início eu achei isso...no início é muito legal, pra umas pessoas conhecer...uma pessoa estar na outra parte do mundo...estar com outras pessoas sem estar sozinho...é bom...porque você tem que conhecer pessoas...aqui não é difícil, é fácil. (E4M)

A maior diferença é que aqui eu sou gringo. Então qualquer coisa que eu faço, que eu falo...a primeira coisa que eu sou gringo. Então é diferente...pode ser que uma mulher não gosta de mim...falando de amor e outras coisas, não de...conversar...E...só porque eu sou gringo ela pode se interessar. Eu não gosto disso. Então acho que aqui é mais fácil...buscar meninas que tem interesse em você, porque nós somos gringos. (E8M)

Todo mundo fica curioso com estrangeiro, então tipo assim, pra mim sexo era muito fácil. Então tipo, eu pegava os meninos, conversava com os meninos mais bonitos daqui, então isso ajudou também nesse processo de...de criar vínculos, criar relações. (E9M)

Ao longo das entrevistas identificamos diversas dinâmicas de relacionamentos amorosos dos estudantes participantes, desde relações com conterrâneos e estrangeiros de outra nacionalidade, assim como com brasileiros. Havia ainda relacionamentos à distância, com parceiros conterrâneos residindo também em outros países, por razões de estudo.

Quanto ao estado civil, com exceção da participante colombiana (E3F), todos os demais estudantes entrevistados afirmaram ser solteiros. Entretanto, apesar de juridicamente serem considerados solteiros, cinco estudantes (E1M beninense; E2F alemã; E5F caboverdiana, E6F caboverdiana; E8M venezuelano) estavam namorando no momento em que as entrevistas foram realizadas e uma estudante (E3F colombiana) estava em uma união estável, com parceiro conterrâneo. Desses cinco estudantes, dois (E1M beninense; E2F alemã) estavam namorando com brasileiros, dois (E6F caboverdiana; E8M italiano) com estrangeiros de mesma nacionalidade e uma (E5F caboverdiana) com estrangeiro de outra nacionalidade (Tabela 2).

Tabela 2

Caracterização dos relacionamentos amorosos dos participantes

Estudante	País de Origem	Status	Tempo de Relação	Residência atual do parceiro	Relação amorosa com brasileiro
E1M	Benin	Namorando (brasileira)	7 meses	Vitória	Sim
E2F	Alemanha	Namorando (brasileiro)	1 ano	Vitória	Sim
E3F	Colômbia	União Estável (colombiano)	7 anos	França	Não
E4M	Itália	Solteiro	-	-	Sim
E5F	Cabo Verde	Namorando (Angolano)	1 ano e 6 meses	Vitória	Sim
E6F	Cabo Verde	Namorando (Caboverdiano)	4 anos	Portugal	Não
E7M	Itália	Solteiro	-	-	Sim
E8M	Itália	Namorando	5 anos	Espanha	Não
E9M	Venezuela	Solteiro	-	-	Sim
E10M	Honduras	Solteiro	-	-	Sim

Dos dez estudantes participantes do estudo, seis deles (E2F alemã; E3F colombiana; E4M italiano; E5F caboverdiana; E6F caboverdiana; E8M italiano) estavam envolvidos em relacionamentos amorosos quando vieram para o Brasil, sendo cinco deles com conterrâneos e uma (E2F alemã) com estrangeiro de outra nacionalidade (australiano). No momento das entrevistas, no entanto, três desses estudantes (E3F colombiana; E6F caboverdiana; E8M italiano) mantinham os mesmos relacionamentos que tinham quando ainda estavam em seus países, antes de virem para o Brasil. Já os outros três (E2F alemã; E4M italiano; E5F caboverdiana) não estavam mais envolvidos nessas relações, apesar de as terem mantido ainda por algum tempo desde sua chegada ao Brasil, tendo esse tempo variado de cerca de trinta dias a seis meses.

A distância e a comunicação são fatores que devem ser considerados enquanto desafios para a manutenção do relacionamento. A participante caboverdiana E5F por exemplo, chegou ao Brasil namorando um conterrâneo que estava em seu país natal. Todavia, após cerca de seis meses esse relacionamento acabou, principalmente devido à dificuldade de comunicação entre o casal, conforme ilustra seu relato:

O meu país é um país que não tem muita tecnologia, digamos assim, a internet é uma coisa que estão trabalhando pra melhorar mas não é tão assim...era 3G, essas coisas, e o meu namorado entrava de vez em quando na internet e eu usava wifi, eu ficava o tempo todo. Então quando ele entrava, ele falava assim...as coisas básicas e eu vi que estava faltando diálogo entre a gente. Eu vi que isso era uma perda de tempo, a gente não ia chegar a lugar nenhum, aí a gente acabou terminando de uma forma bem triste, que até hoje a gente não se fala mais, mas era praticamente por causa da distância que isso não ia dar certo, não tinha diálogo, não tinha comunicação no nosso dia a dia, isso não é uma relação. (E5F)

Quanto à dinâmica dos relacionamentos dos participantes E3F (colombiana), E6F (caboverdiana) e E8M (italiano), são o que foram chamadas pelos próprios participantes de “relacionamento à distância”, quando o parceiro reside em outra cidade, estado ou país. Nessa modalidade de relação, os participantes se comunicam principalmente através de

aplicativos de mensagens instantâneas de texto e vídeo-chamadas, por meio de aparelho celular.

A participante caboverdiana E6F, de forma semelhante à sua conterrânea (E5F), também cita a dificuldade de comunicação como desafio no relacionamento. Apesar de toda a tecnologia existente atualmente, questões como a diferença de fuso horário impactam diretamente a qualidade/frequência da comunicação com seu namorado:

Dificuldade principalmente da gente se comunicar. A gente se via todo dia e tal e...é muito bom esse negócio de tecnologia e tal, mas não é a mesma coisa. O que impossibilita é o horário, são quatro horas de diferença, eu chego da faculdade ele tá quase indo dormir, então é muito difícil. (E6F)

Em ambas relações à distância os parceiros eram de mesma nacionalidade do estudante entrevistado, mas estavam também por razões de estudo em outros países; o namorado de uma das estudantes caboverdianas (E6F) estava em Portugal (realizando curso de graduação), a namorada de um dos estudantes italianos (E8M) estava na Espanha (realizando curso de graduação) e o companheiro da estudante colombiana (E3F) estava na França (realizando curso de mestrado) na época da realização da entrevista. Esse dado mostra-se bastante interessante. Podemos supor que o fato de compartilharem os mesmos objetivos e propósitos que seus respectivos parceiros, especificamente a realização de estudos no exterior, dentre outros, seja um fator protetivo ao relacionamento amoroso, havendo apoio, incentivo e preocupações mútuas, na medida em que ambas as partes vivenciam contextos semelhantes e compartilham os mesmos desafios como saudades de casa e dificuldade com o novo idioma, dentre outros.

Quanto aos quatro estudantes que estavam solteiros no momento da realização das entrevistas, o participante venezuelano E9M já havia namorado um brasileiro e se envolvido amorosamente com outros brasileiros. Já os outros três estudantes solteiros (E4M italiano; E7M italiano; E10M hondurenho) também já haviam tido pelo menos três experiências afetivo amorosas, também (e somente) com brasileiros.

Os estudantes E1M (beninense), E2F (alemã) e E5F (caboverdiana), que estavam namorando no momento de realização das entrevistas, também tiveram outros relacionamentos amorosos desde que chegaram no Brasil, antes dos que hoje mantêm com seus atuais parceiros. O participante beninense E1M afirmou já ter se envolvido com outras brasileiras, com o tempo de relacionamento variando entre um dia e um mês. Por sua vez, a participante alemã E2F relatou que já teve um outro namorado brasileiro, com o qual ficou por cerca de quatro meses.

Já a participante caboverdiana E5F, que atualmente namora um angolano, disse que já ficou com brasileiros e que teve outros dois namorados, também estudantes africanos, sendo um deles seu conterrâneo (caboverdiano) e o outro camaronês. Indo ao encontro de estudos como os de Samuel (2010) e Nesteruk e Gramescu (2012), que observaram que de modo geral jovens imigrantes preferem relacionar-se afetivamente com alguém com mesmos valores e cultura, a participante E5F deixou claro seu interesse por parceiros de origem africana para relacionamentos amorosos:

Em relação a relação amorosa, eu particularmente nunca namorei um brasileiro, é uma particularidade minha. Eu nunca me vi interessada por um brasileiro, sempre me interessei por pessoas de lá e tipo, eu sempre tive relações com pessoas de lá [África]. (E5F)

Os atuais parceiros dos estudantes tinham entre vinte e trinta e um anos de idade e no momento da entrevista todos realizavam cursos de graduação ou pós graduação, no Brasil ou em outros países que não os de sua origem. Com relação ao local de residência dos parceiros dos estudantes que residem no Brasil, dois (E1M beninense; E5F caboverdiana) moram no mesmo município de seus companheiros (Vitória – ES) e um (E2F alemã) mora em município distinto de seu parceiro (enquanto estudante entrevistada reside em Vila Velha o seu companheiro mora em Vitória), sendo a grande maioria (estudantes e parceiros) residentes do bairro Jardim da Penha, vizinho à universidade.

Sete dos dez estudantes entrevistados já haviam tido um relacionamento amoroso com brasileiros. Além de relatarem, por exemplo, que através de seus relacionamentos amorosos passaram a conhecer mais gente a partir da rede social de seus companheiros e assim obtiveram ganhos culturais através dessas interações, também relataram ganhos quanto ao aprendizado da língua portuguesa, através de outras amizades, que não aquelas iniciadas ou mediadas por seus parceiros românticos, como por exemplo as amizades iniciadas com colegas da universidade.

O início dos relacionamentos amorosos ocorreu no Brasil e/ou no país de origem dos participantes. A estudante colombiana E3F por exemplo, iniciou seu relacionamento na faculdade onde trabalhava e seu companheiro estudava, na Colômbia. Já o participante italiano E8M conheceu sua namorada em férias em praias da Itália. Por sua vez, a participante caboverdiana E6F conheceu o parceiro na escola onde estudaram em Cabo Verde: “ele é um ano mais velho, então é como um veterano” (E6F).

O participante beninense E1M conheceu sua atual parceira na praia, “num encontro com alguns amigos” (E1M). Apesar de se considerar uma pessoa reservada, de poucas palavras, acredita que essa característica chamou a atenção da parceira:

Eu sou uma pessoa muito reservada...não gosto de falar muito ... naquele encontro eu não tava falando muito, ...ela gostou disso...ela se aproximou, a gente conversou...pelo jeito que eu conversei...tipo...as ideias...a gente compartilhou algumas ideias, opiniões. (E1M)

Já a participante alemã E2F relatou que conheceu o parceiro em uma boate próxima à Ufes, por intermédio de um primo:

Eu conheci ele através do meu primo. Meu primo fez com ele...eles fizeram técnico no IFES...e eles participaram lá daquele programa lá de ir pra Singapura...aí depois trabalharam na Jurong juntos...aí eu conheci ele praticamente através do meu primo. (E2F)

Outros participantes mencionaram diferentes locais ou meios pelos quais conheceram seus diversos parceiros, como “praia, Tap House, festas, universidade, rua

da lama (bar) (E4M italiano), “universidade, festas, aniversários” (E5F caboverdiana), “universidade, aplicativos, festas, viagens” (E7M italiano), “viagem, universidade, aplicativos” (E9M venezuelano) e “boates, bares, aplicativos” (E10M hondurenho).

Quanto aos fatores de atração mencionados pelos participantes, percebe-se que geralmente estavam relacionados à aparência física:

Aparência...principalmente ... ele tem o semblante muito aberto, sabe? É muito positivo, carismático... simpático, fácil de conversar...aí então a gente... ele ficou de olho em mim desde que a gente tava na fila, então ele começou a dar em cima de mim, eu não achei ruim...foi tipo isso... (E2F alemã)

Ah ele era muito inteligente. Também a beleza, a simpatia... (E3F colombiana)

A aparência física também foi citada por E4M (italiano), E5F (caboverdiana), E6F (caboverdiana), E7M (italiano), E9M (venezuelano) e E10M (hondurenho), conforme evidencia o relato do participante E9M: “ah o brasileiro ele é muito bonito...a primeira coisa que chama minha atenção é a beleza, o corpo” (E9M venezuelano). Além da aparência física também foram citados inteligência (E5F caboverdiana), amizade e carinho (E6F caboverdiana), e simpatia (E8M italiano) como fatores de atração.

O aumento no número de interações (presenciais ou através de aparelho celular), início de gestação, contato com família do parceiro e pedido de namoro foram citados como fatores percebidos relacionados a passagem do contato inicial para o relacionamento amoroso: “ah...a gente foi se falando e vendo mais...falamos por telefone, por whatsapp...começamos a marcar encontros” (E1M beninense), “a gente foi saindo cada vez mais e no final do ano eu descobri que tava grávida” (E3F colombiana), “a gente se falava mais...se via mais...ia pra festas juntos...saía com amigos” (E5F caboverdiana), “a gente começou a se encontrar mais vezes fora da escola. Ele conheceu minha família” (E6F caboverdiana), “depois da viagem a gente continuou falando...já tinha seu telefone...aí começamos a falar e a nos ver...frequentemente, contato com família (E8M

italiano), “a gente começa a se falar mais, a se ver mais, a gente marca de sair...vai na casa um do outro” (E9M venezuelano).

Um outro tema relevante citado por alguns participantes foi o fato de serem estrangeiros e como essa condição implicaria no curso do relacionamento:

[...] no início foi um pouco difícil porque...claro que tinha aquele peso de...nossa, você é alemã...será que você vai voltar pra lá ou não...neh...e a gente conversou muito sobre isso...aí eu fui muito sincera com ele...eu falei, olha...não vou te prometer aqui agora que eu vou pra sempre ficar aqui no Brasil...a gente pode namorar...ta muito bom...a gente quer ter algo sério, a gente quer ter esse compromisso um com o outro...mas eu também não vou te prometer que não chegue o dia que eu talvez queira voltar, que enfim...aí ele também falou tipo, não...ele entende...e como é que a gente resolveu...a gente falou tipo assim...ah, o que for vai ser assim...ele também falou...ele também se vê saindo do Brasil...não quer dizer que a gente vai se mudar pra Alemanha, ou vai ficar aqui, ou vai pra outro país...igual...ele tem curso muito bom, ele fez engenharia...ele se encaixaria em vários cantos do mundo...então isso tipo, acho que deixou mais tranquilo sabe...sem ter essa pressão, nossa e depois, você vai voltar? E da certo aquela coisa de você saber, tipo, vai ter um fim? Então, foi que deu certo...aí ficou cada vez mais sério assim...eu diria...que a gente se via com frequência neh...a gente só se via, tipo ninguém tava com ninguém mais...e eu conheci a família dele, conheceu minha família, comecei a frequentar a casa dele e vice versa...aí o pedido em namoro. (E2F alemã)

De modo semelhante, as participantes E2F (alemã) e E6F (caboverdiana) apontaram o retorno para casa após os estudos como uma dificuldade em uma possível relação com brasileiro ou estrangeiro de outra nacionalidade:

Mesmo que eu não tivesse essa pessoa, eu não sei se eu estabeleceria um relacionamento amoroso com uma pessoa aqui, que fosse brasileiro ou de algum lugar que não Cabo Verde, porque eu moro com meninas que namoram...uma namora uma pessoa que não é brasileira mas também não é caboverdiano, e uma outra menina também, ela namora com um brasileiro...eu sempre fico pensando...e quando a gente acabar a graduação? Como é que fica? Se for uma coisa muito forte alguma das partes vai ter que abdicar eu acho, porque não dá pra...sei lá...você termina um curso de seis anos pra manter um relacionamento à distância? Como que você vai fazer isso? Eu fico pensando se eu não tivesse essa pessoa, ou se daqui há um tempo eu e essa pessoa a gente não for mais o que a gente é, se realmente eu vou querer ter um relacionamento sério com uma pessoa daqui, que esteja aqui e que não seja caboverdiano, que não tenha possibilidade de ir pra lá depois porque o meu objetivo é ir pra lá, o objetivo principal. (E6F caboverdiana)

Em alguns casos os participantes relataram que somente tiveram relacionamentos breves, como podemos observar na fala do participante italiano E4M:

Eu não tive relação...de namorar com elas...a gente só ficava...eu não fiquei muitas vezes com uma menina...algumas um pouco mais...mas não...quando eu achava interessante...bonita...eu ia lá e conversava. (E4M italiano)

1.2 Pontos Positivos e Dificuldades no Relacionamento Amoroso

Os pontos positivos do relacionamento romântico ou amoroso incluíram o apoio em relação ao domínio do idioma português e ao conhecimento da cultura local:

Ajudou bastante mesmo a melhorar meu português...a entender mais a realidade do Brasil...porque essas realidades são bem diferentes das minhas, que eu tinha...a entender também alguns aspectos né...das brasileiras daqui...posso falar que ajudou muito mesmo a entender a cultura brasileira...ajudou muito mesmo. (E1M beninense)

Além do apoio com questões de idioma e cultura, também foram apontados pontos positivos relacionados ao apoio emocional, ajudando a enfrentar situações estressantes, solidão, promovendo equilíbrio emocional. Características do parceiro que equilibram a relação (calmo, tranquilo, atencioso, empático), apoio diante de uma situação de doença na família e pra não se sentir sozinha (E2F alemã).

Os momentos mais importantes foram quando ele estava me apoiando quando a gente descobriu a doença do meu irmão e da minha mãe. Isso foi essencial pra eu ter forças pra não desabar. (E2F alemã)

Vários participantes apontaram esse apoio emocional diante de situações difíceis:

“Ah tem vezes que a gente sente saudade da família...do país...e é bom ter alguém assim, que ajuda em momentos complicados” (E5F caboverdiana); “acho que me ajuda a relaxar...ajuda a me divertir...também é alguém que eu posso contar” (E5F caboverdiana); “acho que em momentos difíceis saber que eu posso confiar nele, contar com ele...ter alguém assim, sabe?” (E6F caboverdiana).

Mesmo com os parceiros afastados geograficamente, os participantes nesta modalidade de relação (à distância) reconheceram como ponto positivo no relacionamento o apoio recebido para prosseguir diante das dificuldades ou para evitar o isolamento social: “ele me dá muito apoio. A gente se apoia muito. Mesmo distante a

gente incentiva. Pra gente o estudo é muito importante. Então um da força pro outro” (E3F colombiana). E ainda, “olha, ele sempre diz pra eu não ficar só em casa estudando. Diz que é pra eu sair com meus amigos e me divertir” (E3F colombiana).

A gente confia muito...eu sou tranquilo aqui porque confio nela...acho que pra ela também é isso...a gente também gosta de fazer muita coisa junto...como viajar ... Ela também tá fazendo intercâmbio então um apoia o outro. Tem a distância...tempo...complicado...a gente se fala bastante...todos dias...então eu sei que eu não to sozinho (E8M italiano).

A proximidade com o parceiro chega ao ponto da estudante considerá-lo como alguém de sua família:

A gente começou como amigos assim...e a gente começou a contar muitas coisas um pro outro e tal, e hoje em dia, assim, mesmo que a gente pare de se relacionar dessa forma, eu acho que ele sempre vai ser uma pessoa muito importante, porque eu considero que ele seja um membro da minha família praticamente. Ele é muito próximo da minha mãe, do meu irmão, então se eu fosse falar da minha família, assim as pessoas mais próximas mesmo, ele entraria nessa lista assim...tipo meu irmão, irmã, pai, mãe...e eu coloco ele nesse nicho assim...de família. (E6F caboverdiana)

Os participantes E4M (italiano), E7M (italiano), E9M (venezuelano), E10M (hondurenho), que não estavam em um relacionamento no momento da entrevista, mencionaram os pontos positivos dos relacionamentos anteriores, geralmente apontando que esses relacionamentos os ajudaram a conhecer e interagir com pessoas. Assim, para o participante italiano E4M, relacionar-se “foi bom porque eu conheci pessoas...conversei com elas...a gente se divertiu” (E4M italiano). Também se refere a “sair, me diverti...conhecer pessoas...conversar em português” (E4M italiano). O participante italiano E7M também se refere a relacionamentos anteriores:

Positivo porque eu conheci muitas pessoas...muitas pessoas daqui do Brasil, fiz também amigos...conversei muito ... sobre coisas que me interessam, da questão LGBT. (E7M italiano)

O mesmo foi percebido pelos participantes E9M (venezuelano) e E10M (hondurenho): “eu conheci meninos muito bonitos, interessantes, inteligentes” (E9M venezuelano), também mencionado “conversas, a diversão, os momentos que a gente

passa junto, foram todos bons” (E9M venezuelano). Fato semelhante foi narrado pelo participante E10M: “conheci pessoas, conversava pra caramba, saía muito” (E10M hondurenho) e “algumas pessoas marcaram...me diverti muito com elas...tive conversas muito boas” (E10M hondurenho).

Alguns participantes não mencionaram dificuldades no relacionamento atual (E2F alemã; E5F caboverdiana; E8M italiano). As dificuldades relatadas divergiram de acordo com a situação em que as pessoas estão no momento, especialmente se o parceiro vive no mesmo local ou em outro país ou se falam o mesmo idioma, entre outros. Entre as dificuldades durante o relacionamento estava a questão de ideias diferentes, o que apareceu no relato dos participantes E1M (beninense) e E3F (colombiana):

Tem ponto que a gente não consegue se entender...porque eu tenho outras...outras maneiras de entender algumas situações...ela também tem outras maneiras de entender...até que por causa disso já me separei com ela uma vez ... voltamos ainda juntos. (E1M beninense)

Sobre os cuidados da nossa filha...a gente não concordou. (E3F colombiana)

Para aqueles que estão afastados de seus parceiros geograficamente, as dificuldades incluem a falta de contato pessoal com os mesmos. Para a participante colombiana E3F a dificuldade é a ausência do parceiro “ah tem a distância né, tem dia que é difícil...que dá muita saudade” (E3F colombiana). Para a participante caboverdiana E6F, o afastamento gera insegurança além da dificuldade de se comunicar:

A gente se via todo dia e tal e...é muito bom esse negócio de tecnologia e tal, mas não é a mesma coisa. O que impossibilita é o horário, são quatro horas de diferença, eu chego da faculdade ele tá quase indo dormir, então é muito difícil, e é claro que porque as vezes bate insegurança e tal, sei lá, se ele tá conhecendo alguém, ou se eu to conhecendo alguém, então já ocorreram uns dois casos assim mas nada muito grave...coisa que a gente ficou abalado. (E6F caboverdiana)

Os participantes E4M (italiano), E7M (italiano) e E10M (hondurenho) relataram dificuldade de comunicação em função do idioma: “porque ainda to aprendendo português...então dificuldade pra comunicar” (E4M). Ainda que os participantes E4M

(italiano), E7M (italiano) e E10M (hondurenho) não estivessem envolvidos em relacionamentos amorosos no momento da entrevista também relataram dificuldades para se comunicar com parceiros anteriores:

Acho que dificuldade pra comunicar porque do português... É difícil falar na língua português...muitos meninos que conheci só falavam o português...aí não era fácil...se falasse inglês seria bom...mas não...então era complicado comunicar, principalmente no início. (E7M italiano)

A dificuldade que eu tive foi pra comunicar, mais no início, quando sabia muito pouco português ... A gente tentava conversar e não sabia muita coisa ... isso eu lembro que foi complicado...porque imagina...você precisa saber o português pra falar com o menino que eu interessei. (E10M hondurenho)

O estudante venezuelano E9M se refere a dificuldades em um relacionamento anterior, as quais atribuiu ao fato de ser estrangeiro, não pela diferença de idioma, mas aparentemente por diferenças culturais em torno da forma de se relacionar:

Então a gente...o relacionamento começou a criar mais tensão, porque aí se aproveitou do fato que eu sou estrangeiro, que sou dependente dele, pra tomar umas liberdades que eu não gostava, tipo...chegou um momento que a gente quase chegou a agressão, mas eu era mais forte que ele. Se eu batesse nele, desse na cara dele, você acha como que isso ia aparecer? Não podia fazer isso. Mas também não podia me submeter a aguentar as coisas dele. (E9M venezuelano)

1.3 Relacionamento Amoroso, Inserção Sociocultural e Adaptação ao Brasil:

Aspectos Positivos e Negativos

O relacionamento amoroso foi percebido como um fator positivo para a inserção sociocultural e adaptação ao Brasil, por motivos diversos. Entre os motivos estão o apoio com o idioma “ajuda muito com o português....eu falo com ela e aprendo a falar corretamente” (E1M beninense). Também ajuda como apoio social e emocional: “ajuda a não me sentir sozinho...porque eu não tenho família aqui...tenho amigos que me ajudam também” (E1M beninense).

Para a estudante alemã E2F, o relacionamento romântico facilita sua inserção sociocultural e adaptação ao Brasil, o que também é atribuído aos amigos:

Desde que eu to com o F. eu faço muito mais né...a gente se vê todo final de semana...faz alguma coisa...viaja...enfim...e inserção sociocultural que na medida que através dele eu conheci um monte de gente também né...muita gente que assim...a gente acabou se aproximando ... acho que atividade assim...querendo ou não quando você ta namorando você acaba sendo mais ativo, você sai...você viaja...vai correr ou sei lá...faz uns passeios...coisas assim, que hoje em dia...eu faço muito mais né...do que antes. (E2F alemã)

Apesar de dizer que não facilita, a participante colombiana E3F reconhece que “às vezes tem um encontro de estrangeiros ...estrangeiros com namorada e eu sozinha com minha filha...aí as vezes eu me sinto...ah, meu marido me faz falta” (E3F colombiana). Por sua vez, o participante italiano E4M reconhece ter conhecido “amigos de algumas meninas...conversei muito...pratiquei o português...conversei sobre Vitória...UFES...aprendi algumas coisas daqui...não ir na UFES de noite...como chegar em lugares...Morro do Moreno” (E4M italiano).

Para a participante caboverdiana E5F, o relacionamento romântico pouco afeta sua inserção social ou cultural:

É uma pessoa que me apoia em tudo, então isso de alguma forma te ajuda porque a gente tá aqui sozinho, sem a família e...estar com uma pessoa que você sabe que gosta de você e tipo assim, está aí pra o que você precisar , eu acho que sim, ajuda. Mas eu não vejo muita relação de piorar ou melhorar a nossa inserção, principalmente com a cultura. (E5F caboverdiana)

Para outros participantes, todavia, o relacionamento amoroso abriu novas possibilidades de inserção social e cultural, inclusive para a participante caboverdiana E5F, mesmo dizendo (conforme relatado anteriormente) que não percebia tal relação:

Às vezes que a gente sai pra passear e conhece lugares novos acho que ajuda...tem vez que eu to sozinha e ele me chama pra sair...a gente sai com os amigos dele...e tem vez também que a gente sai com minhas amigas da faculdade, sai com casal de brasileiros...a gente conversa...conhece...acho que isso ajuda a gente. (E5F caboverdiana)

Ele é uma pessoa que me apoia bastante... Ele gosta que eu interaja com as pessoas do Brasil assim, ele não tem dificuldade, acho que nesse ponto ele pode ajudar. Eu sou uma pessoa que gosta de sair mas ele sempre fala pra...não, eu não gosto de sair, eu gosto de ficar em casa, e ele é essa pessoa que fala “ ah, vai sair com seus amigos”...Ele não gosta que eu fique presa assim, ele gosta que eu saia, me divirta e não apenas estude. (E6F caboverdiana)

Porque com pessoas que eu falei mais de coisas mais culturais, políticas, mais da cultura daqui...porque é mais fácil quando você vai sair com uma pessoa acho que tem interesse ... falar dessas coisas, do que com uma pessoa que você conhece no bar , rua, bebendo cerveja e tal...eu usei o encontro como oportunidade para conhecer um pouco mais a cultura, como são direitos de LBGT aqui, como pessoas LBGT moram em Vitória, no Brasil, o que acha de Vitória, usei muito isso, muito com pessoas da universidade, que quando eu fiquei na aula “ah, você estuda aqui na UFES, tomar um café, comer num restaurante, eu usei muito para falar...da cultura brasileira, mais ou menos da política... política, economia, essas coisas assim. Também dos direitos LBGT aqui, da cultura LBGT aqui, sim...eu usei muito isso. (E7M italiano)

Depois de um tempo o português tava melhor...aí dava pra ter conversas boas...eu conheci amigos dos meninos. (E10M hondurenho)

Para o participante venezuelano E9M, o relacionamento sexual foi visto como um facilitador da integração: “tem a questão do sexo né, como eu te disse...é fácil...os brasileiros se interessam porque eu sou estrangeiro...então isso me ajuda a conhecer gente nova” (E9M venezuelano).

Por outro lado, também foi investigado se o relacionamento amoroso poderia, de alguma forma, dificultar a inserção social e cultural e adaptação ao país. Alguns participantes responderam que não dificultava (E2F alemã; E3F colombiana; E4M italiano; E5F caboverdiana; E7M italiano; E9M venezuelano; E10M hondurenho). Em um dos casos, a presença de um companheiro foi vista como uma limitação para o contato com amigos: “ter um companheiro impossibilita de ter um contato mais próximo com amigos, pessoas” (E6F caboverdiana) e “o fato dele existir na minha vida eu acho que impossibilita de ter um contato mais próximo com esses amigos” (E6F caboverdiana). E ainda, conforme o participante italiano E8M:

Acho que uma pessoa que está sozinha é mais fácil estar aqui para relação com meninas, porque para mim é muito difícil relacionar com uma menina porque...ela pode achar que eu...vou...como se diz...que eu preciso outras coisas ela e não só falar ou só fazer amizade, então...tenho que ser muito tranquilo. (E8M italiano)

1.4 Diferenças Culturais quanto a Sexo e Relacionamento Amoroso

Ao tratar de diferenças culturais nas relações românticas e sexuais, houve manifestações sobre relações hetero e homossexuais. Em relação às relações heterossexuais, foi apontado por participantes que o fato de ser estrangeiro tornaria o homem mais atraente para a mulher brasileira: “quando você é estrangeiro querem te conhecer” (E1M beninense), visto como interessante: “uma mulher que vem falar com você e te conhecer...se interessar por você (E1M beninense) e “ser estrangeiro ajuda a ficar com meninas” (E4M italiano).

Outro ponto destacado foi o machismo no Brasil: “no Brasil tem mais machismo...a sociedade é muito machista ... da mulher submissa ao homem” (E2F alemã). “aqui o homem acha que é dono da mulher” e “o homem ele não pode fazer coisas que mulher faz, tem que fazer determinadas coisas” (E9M venezuelano). Por outro lado, outros perceberam uma maior reação contra o machismo no Brasil que em seu país de origem: “não tem muita luta contra isso, os homens são muito, extremamente machistas ... Então é extremamente diferente da minha cultura, muito diferente, aqui tá com a mente mais aberta da população jovem, lá não” (E5F caboverdiana), “desconstruir a ideia do machismo eu acho que é mais difícil em Cabo Verde (E6F caboverdiana).

O compromisso nos relacionamentos amorosos é outro ponto destacado como diferente entre os países. Em comparação a Cabo Verde, “lá no meu país não tem muito de ficar. ... você tá com a pessoa já é uma coisa assim mais séria” (E5F caboverdiana) e “acho que...eles ficam mais do que a gente...a gente assim...a gente tá com uma pessoa, mesmo que a gente não tenha uma coisa muito sólida, ou que seja uma coisa oficial, a gente tem um respeito muito grande” (E6F caboverdiana). “Eu acho que aqui o relacionamento não é levado a sério como é pra gente lá na Colômbia ... aqui as pessoas ficam pouco tempo juntas e aí já estão com outras” (E3F colombiana). Quanto à

manifestação de afeto, ora os brasileiros são considerados mais românticos, ora mais frios: “os brasileiros ... comparados aos homens de Cabo Verde, são mais românticos, a relação brasileira é mais apegada, é uma coisa mais cobrada e... eu acho o namoro daqui muito....muito apegado um ao outro... lá a gente não beija na rua” (E5F caboverdiana). Por outro lado, para o estudante venezuelano, em seu país natal “as relações são mais quentes assim né, e aqui as pessoas são bem individuais e os relacionamentos são mais frios” (E9M venezuelano).

A participante colombiana E3F aponta diferenças entre mulheres brasileiras e colombianas, assim como fala dos homens brasileiros:

Eu acho que aqui as mulheres são mais possessivas, controladoras...sempre querem saber de tudo e as mulheres na Colômbia são mais...não estão...não estamos querendo saber porque você falou, a que horas você chegou...onde você estava...não...e eu acho que aqui isso é muito importante pra elas. (E3F colombiana)

Enquanto os homens...eles não tem tanta vontade de ter um relacionamento sério, estável...tipo na Colômbia, a gente começa a namorar e em poucos meses a gente mora junto...ou a gente casa...a gente ao menos daqui a algumas semanas a gente leva pra conhecer os pais, os sogros, tudo isso...mas aqui não, aqui é tudo menos sério. (E3F colombiana)

Em relação às relações sexuais, todos os participantes italianos consideraram que no Brasil “o sexo é mais fácil...aqui é mais rápido...você conhece uma menina e em pouco tempo vocês estão transando” (E4M italiano), como “uma cultura mais sexualizada, mais fácil fazer só sexo sem ter um relacionamento” (E7M italiano). Essa maior liberdade e interesse sexual parece ser mais expressiva pelo fato dos participantes serem estrangeiros “só porque eu sou gringo ela pode se interessar. Aqui é mais fácil...buscar meninas que tem interesse em você, porque nós somos gringos” (E8M italiano).

Quando conheci a primeira menina na praia...que em pouco tempo já estávamos transando... aqui a mulher é tratada diferente...menos importante...como se está em outro nível...pelo machismo. (E4M italiano)

Eu acho que é menos tabu que na Itália, ... tem esse tabu que relacionamento é uma coisa mais sexual, mais isso, tem dois...também tem uma cultura muito

conservadora sobre a mulher. Acho um pouco mais machista que na Itália. mas também tem uma cultura mais sexualizada...então...tem dois. (E7M italiano)

As relações homossexuais também são percebidas de modo diferente no Brasil e em outros países. Para uma caboverdiana, “quando eu cheguei aqui no Brasil a primeira vez que eu vi dois meninos se beijando eu fiquei horrorizada... Nunca vivenciei isso porque no meu país tem isso, tem lésbicas, tem gays, mas eles não são, eles não assumem isso” (E5F caboverdiana), além de que seria mais difícil de aceitar em Cabo Verde “que duas meninas podem namorar” (E6F caboverdiana). Assim, “ver casais homossexuais e aceitar isso, embora o Brasil tenha toda homofobia e essas questões, o caboverdiano ainda tem uma certa resistência em aceitar” (E6F caboverdiana). Na Venezuela a questão do “relacionamento entre homem e homem...às vezes é difícil lá...” (E9M venezuelano). “No Brasil as pessoas gays tem mais liberdade...são mais livres para andar juntas, abraçar, beijar...e a questão do relacionamento, do sexo...é diferente...é mais prático parece (E10M hondurenho).

Já o participante italiano E8M, por sua vez, relatou o seguinte:

Acho que aqui estão mais pessoas que são homossexual...e em Milão não é o mesmo...então a primeira vez para mim de encontrar...de viver perto a essa cultura...e estou aprendendo coisas novas para mim porque em Milão. (E8M italiano)

Deste modo, são apontadas diversas diferenças nos relacionamentos amorosos e sexuais no Brasil e nos países dos participantes, indicando que ao relacionar-se com uma pessoa de outro país, diferenças culturais estão presente na própria percepção do relacionamento.

1.5 Mudanças em Atitudes, Crenças e Expectativas sobre Relacionamentos

Amorosos

Enquanto alguns perceberam mudanças em suas atitudes, crenças e expectativas sobre relacionamento romântico, outros não as perceberam. O participante beninense E1M referiu-se a mudanças na liberdade no relacionamento:

Não é porque estamos juntos que você tem que fazer as minhas coisas e nem eu tenho que fazer as suas coisas. A gente tem essa liberdade de se entender... de fazer as coisas separado...você faz as coisas que gosta e eu também faço as coisas que gosto...a gente se respeita...isso mudou muito. (E1M beninense)

Ainda mencionou dois exemplos:

Uma vez que eu saí com os meus amigos para uma festa de africanos. Eu fui sem ela...ela não quis ir...teve outras vezes que ela saiu pro bar sozinha, com as amigas da faculdade...eu tinha prova e estava estudando...não poderia ir...e ela foi...tranquilo pra mim. (E1M beninense)

Outros participantes perceberam mudanças em suas relações românticas e sexuais:

“aqui eu to tendo experiências novas...aqui foi quando me relacionei a primeira vez com uma garota...também aqui to vivendo um relacionamento de poliamor [...] e eu to me permitindo conhecer um casal que po...são muito brother, a gente...fala que é brother...mas a gente se permitiu conhecer os três e tá sendo uma experiência nova pra mim, tá muito massa” (E9M venezuelano); “aqui eu comecei a ficar com os meninos...sem precisar de um compromisso, de uma relação séria” (E10M hondurenho), visto que em seu país natal, relações do tipo “ficar/pegar” não são comuns.

Diante do relato da experiência de poliamor vivenciada pelo participante venezuelano E9M, não poderíamos deixar de citar sua definição, assim como indicar ao leitor que nem todas as formas de relacionamento não-monogâmico consensuais são definidas como poliamor, visto que há semelhanças e diferenças com outros modelos de não-monogamia consensual, como poligamia, swing, relacionamento aberto, relações livres e anarquia relacional (Silvério, 2018). Conforme a autora, o modelo de poliamor

possibilita aos seus participantes o estabelecimento de relações íntimas, afetivas e/ou sexuais simultaneamente com mais de uma pessoa, com o conhecimento e aval de todos envolvidos na relação, sendo esse um movimento que suscita questões importantes sobre gênero, família, casamento, intimidade e amor, desafiando a monogamia compulsória (Silvério, 2018).

O participante venezuelano E9M cita a reação de sua mãe quando a informou sobre essa modalidade de relacionamento, assim como também questiona as normas de relacionamento amoroso impostas pela sociedade. Conforme podemos identificar em seu relato logo a seguir, apesar dos desafios desta modalidade de relação, prevalecem os aspectos positivos como apoio percebido e afinidade de ideias entre os parceiros:

[...] tipo mamãe, quando eu falei que tava me envolvendo com esses dois meninos ela abriu o olho mas eu falei “mãe, você parou pra pensar que a gente é ensinado a ter que estar num relacionamento um homem com uma mulher e é um relacionamento monogâmico?”, essa é uma coisa que é ensinada pra gente. Tem culturas que se você analisar, em outras culturas tem homem que tem outro papel, porque os relacionamentos são diferentes, então mais isso tudo uma composição da própria da sociedade, então a gente vai passando na cultura. Mas assim, ninguém diz que...não (inaudível) uma pessoa se relacionar com mais de uma pessoa, ter um poliamor assim...qual o problema? Por que não pode duas pessoas sentir, ou três ou quatro...sei lá, então esse tipo de coisa eu questiono às vezes...mas eu acho que por toda a experiência que eu tive que me fez ter essa cabeça, não sei, como enxergar as coisas [...] esses dois meninos que conheci agora, cara, eles abriram minha cabeça porque assim, eles falam...a gente troca...a gente tem uma relação que a gente troca muitas ideias, as coisas da nossa vida e tal...cara, eles valorizam tanto tudo que eu faço e eles me tratam tão bem cara que...não tem...assim, a experiência que eu to tendo com esses meninos, embora não é o comum de ter um relacionamento...a três neh...cara, tá sendo outra experiência louca, muito boa. Mas assim, claro que tem...às vezes...tem suas...desafios neh...se relacionar a três...porque ah...esse negócio de confiança e tal, mas a gente tem um relacionamento super tranquilo graças a Deus, mas assim...por eles entenderem o fato de eu estudar[...] (E9M)

Numa situação específica, por outro lado, para a participante alemã E2F em especial, foi a percepção do namorado que mudou a partir do relacionamento amoroso:

Isso mudou muito ... pra ele...porque os pais já se acostumaram, hoje a gente se dá super bem e tal...mais tranquilo...ele dorme lá em casa, eu durmo na casa dele...tranquilamente...só que eu sei que no início pros pais dele acho que isso foi um pouco um choque, então a gente teve que ser um pouco sensível né, pra não

arranjar confusão... agora aqui que mudou é que eu entendo que e ele e a família dele são mais tradicionais. (E2F alemã)

Outros participantes não perceberam mudança: “não...acho que não...não mudei não...certo que aqui é diferente...é fácil conhecer meninas para sexo...elas se interessam por eu ser gringo...querem conhecer o italiano” (E4M italiano); “acho que não...não teve mudança...certo que aqui é muito diferente de Cabo Verde mas não vejo mudanças” (E5F caboverdiana), “nos meus valores não” (E7M italiano).

O participante beninense E1M também se refere a ter passado a observar a população LGBT de uma outra forma:

Eu tinha outra mentalidade sobre ter também amigos que eram gays, porque no meu país não tinha. Quando eu cheguei aqui tinha também brasileiro que iam conversar comigo...gays...eu não gostava do jeito dele...olha...mas pra mim era normal...mas (inaudível) era eu com outra cultura, e também eles com outra cultura...aí eu fiquei, eu parei...era pessoa gentil, muito bacana...aí eu percebi que o problema não é o fato que...o fato dele ser gay, mas o fato que eu tinha outra educação, viu? Eu parei pra...tipo...pra aprender ainda...mudar essa mentalidade, que eu preciso, é uma coisa que eu tenho que fazer...que eu fiz. (E1M beninense)

1.6 Relacionamento e Internet: Aplicativos de Encontro

O uso de determinados aplicativos com a finalidade de proporcionar encontros foi uma estratégia que parece ter contribuído para alguns estudantes conhecerem novas pessoas. Em seu relato, o participante italiano E7M afirmou que costuma usar essa ferramenta para conhecer pessoas novas. Segundo o estudante, é mais fácil e rápido conhecer pessoas pelo aplicativo do que num “ambiente externo”. O aplicativo então, através de seus filtros, favorece o encontro de pessoas já com um perfil preestabelecido; no caso do estudante em questão, homens homossexuais. Além do encontro em si, o participante italiano E7M enfatiza que utilizava as experiências para conhecer um pouco mais sobre aspectos culturais do Brasil, em especial, questões relacionadas a população LGBT:

Ah estou saindo com um menino agora que eu não sei como geralmente a gente faz porque é no aplicativo da internet...porque eu sempre usei isso para conhecer

peessoas...é mais fácil, você já sabe se é um menino ou uma menina...um ambiente mais fora é mais difícil, também não é...você necessita de tempo...foi muito difícil porque eu conheci outras pessoas que eu gostei fora...dentro pode ser um ambiente na universidade, porque...sim, pode ser, mas necessita de tempo para entender se ele é gay ou não, para...também não é a primeira coisa que a gente fala...então não é assim fácil, é muito mais fácil usar o aplicativo, você no aplicativo no aplicativo, então eu conheci muita gente assim. Sem o aplicativo foi muito difícil, se eu não usasse o aplicativo...dois aplicativos que sempre usei. (E7M italiano)

Porque com pessoas que eu falei mais de coisas mais culturais, políticas, mais da cultura daqui...porque é mais fácil quando você vai sair com uma pessoa acho que tem interesse (inaudível), falar dessas coisas, do que com uma pessoa que você conhece no bar, rua, bebendo cerveja e tal...eu usei o encontro como oportunidade para conhecer um pouco mais a cultura, como são direitos de LBGT aqui, como pessoas LBGT moram em Vitória, no Brasil, o que acha de Vitória, usei muito isso, muito com pessoas da universidade, que quando eu fiquei na aula “ah, você estuda aqui na UFES, tomar um café, comer num restaurante, eu usei muito para falar...da cultura brasileira, mais ou menos da política como (inaudível) que eu gosto muito...política, economia, essas coisas assim. Também dos direitos LBGT aqui, da cultura LBGT aqui, sim...eu usei muito isso. (E7M italiano)

O participante venezuelano E9M ressaltou a importância da utilização do aplicativo e do sexo em si para conhecer pessoas novas. Segundo o estudante, essas experiências acabaram moldando-o a ser quem é hoje em dia:

O sexo pra mim é...aqui foi muito importante...pra eu me relacionar, pra conhecer pessoas...entendeu? E hoje sexo tá muito disponível... É muito disponível no aplicativo então é um cardápio que tem. Então...você se relaciona mais com meninos né? Se relaciona...se você quiser meu filho vinte e quatro horas por dia. Então...eu conheci muita gente e todas essas experiências me levaram a ser...a pessoa que to hoje. E acredito que toda a experiência que eu tenho a partir da relação vão me moldando...na vida, essas coisas. (E9M venezuelano)

1.7 Relacionamento à Distância

Dos dez estudantes participantes do estudo, seis deles (E2F alemã; E3F colombiana; E4M italiano; E5F caboverdiana; E6F caboverdiana; e E8M italiano) estavam envolvidos em relacionamentos amorosos quando vieram para o Brasil, sendo cinco deles com conterrâneos e um (E2F alemã) com estrangeiro de outra nacionalidade. No momento das entrevistas, três desses estudantes (E3F colombiana; E6F caboverdiana; e E8M italiano) ainda mantinham os mesmos relacionamentos, todavia, agora à distância.

Os outros três (E2F alemã; E4M italiano; e E5F caboverdiana) já não estavam mais envolvidos nessas relações, apesar de ainda as terem mantido por um tempo.

Nos relacionamentos à distância foi citado receber apoio e incentivo do parceiro para sair de casa, passear, fazer e encontrar amigos e se divertir, sendo considerado um aspecto positivo. Mesmo longe, há preocupação de seus parceiros quanto à importância e necessidade de não ficarem muito tempo em casa, reclusos, só estudando. Nos relatos das participantes E3F (colombiana) e E6F (caboverdiana) podemos observar tais questões:

Ele me pergunta se eu saio com os amigos...ele fica feliz quando eu falo “ ah, fui convidada pra um aniversário de uma venezuelana... Ele fica “ah, que bom...leva R.”...ele sabe que meus amigos gostam muita minha filha...minha filha é como um animalzinho de estimação do grupo de estrangeiros... Porque ela é pequenininha e todos gostam dela...ele fala “sai, conhece gente” ... motiva a sair de casa...quando eu fico em casa ele fala “ não, esse amigo que você falou, aquele colombiano, aquela venezuelana, não sei o que, por que você não vai visitar eles, vai na pracinha, levar R....”, por que as vezes eu não quero sair, não quero sair...ah, fui convidada pra um aniversário e (inaudível)..ele fala “não, tem que pegar um uber e a R. também precisa sair e vai ter outras crianças, vocês saem. É...isso é bom. (E3F colombiana)

Ele é uma pessoa que me apoia bastante. Tipo, sei lá...se eu to em casa e ele acha que eu não to saindo muito, que eu to estudando bastante, e ele sabe que eu tinha alguma coisa marcada com alguns amigos, ele não é o tipo de cara que vai falar “ você fica em casa”, ele gosta que eu interaja com as pessoas do Brasil assim, ele não tem dificuldade, acho que nesse ponto ele pode ajudar. Eu sou uma pessoa que gosta de sair mas ele sempre fala pra...não, eu não gosto de sair, eu gosto de ficar em casa, e ele é essa pessoa que fala “ ah, vai sair com seus amigos [...]. Ele não gosta que eu fique presa assim, ele gosta que eu saia , me divirta e não apenas estude. (E6F caboverdiana)

Os relatos acima opõem-se a situações identificadas em outros estudos, como o de Garcia e Goes (2010), no qual o ciúme que uma companheira de um estudante africano tinha de algumas de suas amigas foi uma influência negativa em relação à adaptação do estudante ao Brasil. No presente estudo, pelo contrário, as participantes relatam apoio do companheiro quanto a suas amigas, não havendo ciúmes dessas relações.

O relacionamento à distância possui peculiaridades e traz desafios aos envolvidos. Questões como disponibilidade de internet e fuso horário foram relacionadas à

dificuldade de comunicação entre os parceiros. Também foram evidenciados sentimentos de medo, insegurança, saudades e solidão, conforme podemos observar nos relatos a seguir:

Meu marido, ele voltava do programa acadêmico que estava fazendo na França em maio de 2018. Nessa época, pelo fato de estar longe, ele na França...não era só uma diferença de país...era agora uma diferença de continente...tinha um oceano que nos separava...começou um processo de distanciamento com o meu marido...passamos por um momento bem difícil nesse primeiro semestre de 2018 ... Às vezes tem um encontro de estrangeiros...estrangeiros com namorada e eu sozinha com minha filha...aí as vezes eu me sinto...ah, meu marido me faz falta... (E3F colombiana)

Porque a distância, primeiro que o meu país é um país que não tem muita tecnologia, digamos assim, a internet é uma coisa que estão trabalhando pra melhorar mas não é tão assim...era 3G, essas coisas, e o meu namorado entrava de vez em quando na internet e eu usava wifi, eu ficava o tempo todo. Então quando ele entrava ele falava assim...as coisas básicas e eu vi que estava faltando diálogo entre a gente. Eu vi que isso era uma perda de tempo, a gente não ia chegar a lugar nenhum, aí a gente acabou terminando de uma forma bem triste, que até hoje a gente não se fala mais, mas era praticamente por causa da distância que isso não ia dar certo, não tinha diálogo, não tinha comunicação no nosso dia a dia, isso não é uma relação. (E5F caboverdiana)

A gente era muito amigo, a gente começou a se envolver bastante e essa amizade tomou outras proporções...e ele decidiu ir pra Portugal e eu decidi ir pro Brasil ... Então foi muito difícil pra mim saber que ele iria pra lá, sei lá, ficar um cinco anos sem se ver...mas eu sabia que eu tinha que escolher vir pra cá, ou então eu iria pra lá e não ia ser feliz profissionalmente. Essa escolha que...depois...agora vendo a distância, como a gente lida com isso é muito difícil. Inicialmente porque a gente não sabe quando a gente vai se ver ... os meus familiares que tão lá a gente sente saudade mas eu tenho uma meta assim...eu não vou agora mas vou no outro ano, e eles vão tá lá. Mas ele talvez eu não vá conseguir vê-lo tão cedo, então uma das coisas que foram...que são complicadas ... Dificuldade principalmente da gente se comunicar. A gente se via todo dia e tal e...é muito bom esse negócio de tecnologia e tal, mas não é a mesma coisa. O que impossibilita é o horário, são quatro horas de diferença, eu chego da faculdade ele tá quase indo dormir, então é muito difícil, e é claro que porque as vezes bate insegurança e tal, sei lá, se ele tá conhecendo alguém, ou se eu to conhecendo alguém, então já ocorreram uns dois casos assim mas nada muito grave...coisa que a gente ficou abalado. (E6F caboverdiana)

Não foi fácil...porque o Brasil é muito longe da Europa. Isso significa que eu não posso voltar cada mês, cada dois meses. Então quando foi certo que eu viria aqui, não foi fácil porque isso significava que nós não podemos estar juntos por cinco meses. Então...nós...com o tempo, no início estávamos com medo. (E8M italiano)

2. RELAÇÕES DE AMIZADE

Relações de amizade foram um tema presente nos relatos dos participantes, especialmente na narrativa inicial sobre a experiência dos participantes como estudantes internacionais, ainda que o foco da narrativa fosse a relação entre sua experiência internacional e seus relacionamentos românticos.

2.1 Amizade e Relacionamento Amoroso

Esse foi um tema relevante abordado pelos estudantes entrevistados em situações nas quais iniciaram contato com parceiros amorosos potenciais. Durante o relato dos estudantes, quando não os faziam por meio de aplicativos de encontro, através de aparelho celular, os contatos e conversas iniciais com parceiros potenciais ocorriam sempre durante momentos de lazer/diversão enquanto estavam acompanhados por amigos, geralmente em locais comumente frequentados por jovens (universitários ou não), como praias, festas e bares.

Não é difícil imaginar que estudantes internacionais saiam mais frequentemente acompanhados por colegas e amigos, sendo eles estrangeiros de mesma nacionalidade, mas também por estrangeiros de outra nacionalidade e/ou brasileiros. Por estarem num país novo, conhecendo uma outra cultura, é possível que se sintam mais seguros e confortáveis para explorar esse “novo mundo” quando na companhia de um amigo. Em seu estudo, Andrade e Teixeira (2009) identificaram as amizades e a atenção que os estudantes recebem quando interagem com outras pessoas quanto à satisfação percebida pelos mesmos, assim como sair para festas com amigos, estabelecer novas amizades, relacionar-se com pessoas do sexo oposto e relacionar-se com estudantes de outra nacionalidade como atividades com baixo nível de dificuldade percebido.

Alguns relatos mostram a participação de amigos no início dos relacionamentos amorosos. Quando teve o primeiro contato com sua atual namorada brasileira, o

participante beninense E1M relatou que: “a gente se conheceu...a gente se conheceu na praia, num encontro com alguns amigos...até agora tá dando bem...num encontro...posso falar isso...numa festa” (E1M). Já a participante caboverdiana E5F conta que foi com suas amigas conterrâneas em uma comemoração de aniversário de um rapaz angolano, conhecendo lá seu atual namorado, que também é angolano. Assim como ela estava com amigas conterrâneas, o atual namorado estava também com amigo de seu país de origem (Angola). Ela disse o seguinte:

Eu conheci ele numa festa. Ele não estuda na UFES, estuda num outro lugar, outra universidade. Foi num aniversário de um amigo dele que também era de lá, que eu fui também com meus amigos...minhas amigas de Cabo Verde.” (E5F caboverdiana)

É comum que estudantes internacionais estabeleçam relações de amizade com outros estudantes internacionais, especialmente conterrâneos, ou ainda com outros estudantes internacionais provenientes de países próximos ou com culturas semelhantes às de seus países de origem, assim como frequentarem espaços comuns. Em seu relato, o participante hondurenho E10M disse que não chegou a namorar. Entretanto conheceu e se relacionou com algumas pessoas em festas promovidas em boates e também enquanto frequentava bares, quando na companhia de seus amigos: “eu conhecia quando tava em festas, com meus amigos...a gente ia sair sempre junto...a gente se divertia...a gente gostava de ir em festas na (boate) Bolt e de tomar cerveja na rua da lama” (E10M hondurenho).

O relato do participante italiano E8M, exemplifica como considera relevante ter vindo ao Brasil na companhia de outros quatro estudantes italianos:

Eu acho que nós fomos afortunados...afortunados. Sortudos...porque nós somos cinco. Sozinho acho que podia ser mais difícil... Nós somos cinco então...eu gosto de sair, não tenho nada com quem sair, eu posso chamar outros quatro meninos italianos...que estão aqui...para mim, sem nenhum problema, para tudo...sozinho seria acho que bem diferente, bem mais difícil...porque eu acho que todo mundo precisa de uma pessoa ou mais pessoas...para falar...se eu tenho um

problema...como diz...poder confiar nele...então sem eles não sei como seria.
(E8M italiano)

O aumento da quantidade de interações sociais promovido pelo relacionamento amoroso foi uma temática relevante no discurso dos estudantes internacionais, compreendido como fator importante para sua inserção sociocultural. A participante alemã E2F, apesar de dizer que “já tinha um pouco um círculo social” (E2F alemã), como por exemplo amigos e colegas do curso de mestrado na UFES, aumentou sua rede de contatos a partir de sua relação amorosa (com rapaz brasileiro), conhecendo outras pessoas (possivelmente a maioria também do Brasil) através do namorado, tendo ele então intermediado novas interações sociais. Em seu relato, ela diz que:

Eu acho que...eu vou dizer que assim...eu já tinha os meus amigos antes de conhecer o João(namorado)...(tinha) o Marcelo(amigo) e o pessoal lá do mestrado ...aí...então assim...eu já tinha um pouco um círculo social , mas é claro que a gente também não se via sempre, todo dia...e é claro que desde que eu tô com o João eu faço muito mais...a gente se vê todo final de semana...faz alguma coisa...viaja...enfim...e inserção sociocultural que na medida que através dele eu conheci um monte de gente também...muita gente que assim...a gente acabou se aproximando...vários....ah não sei...acho que atividade assim...querendo ou não quando você ta namorando você acaba sendo mais ativo, você sai...você viaja...vai correr ou sei lá...faz uns passeios...coisas assim, que hoje em dia...eu faço muito mais do que antes. (E2F alemã)

Os relatos abaixo dos participantes italianos E4M e E7M e da participante caboverdiana E5F também ilustram situações nas quais acabaram conhecendo e interagindo com pessoas novas, a partir de seus encontros e namoro.

Então eu fui na Tap House (bar) com meu amigo que moro junto (também italiano) e eu vi essa garota que estava cantando...porque você sabe que a Tap House tem um lugar onde...lá no alto...uma garota estava *sonando*...muito linda...quando eu vi, porque eu não fui acostumado a olhar uma garota que ... Eu disse “ah, meu Deus, finalmente, uma garota magnífica”, então eu achei que ela falava inglês porque ela cantava inglês também, aí ela falava...então eu tentei conhecer ela quando ela acabou...ela queria falar comigo...então uma hora depois ela acabou...ela queria ir embora pra deixar tudo e nós organizamos um compromisso um dia depois no lugar em frente, que eu não lembro como se chama...então...depois...quando ela me encontrou...eu me encontrei, sem falar em português...se eu estou falando assim agora você pode imaginar como eu falava há dois meses atrás...então...ela estava trabalhando, eu fui lá com ela e seus amigos e...passamos um dia muito bom. (E4M italiano)

Apesar de namorar com um angolano, a gente não sai só com angolano...a gente sai...eu principalmente já não saio com pessoas do meu...teve uma época mais no início que a gente fazia mais churrascos, umas coisas, festas angolanas, mas agora não, eu to saindo mais com as amigas da minha turma, com os namorados da minha amiga, então meio que...como eu falo...é uma mistura...eu com o namorado do outro país, minha amiga brasileira com o seu namorado aqui do Brasil, e a gente, por exemplo, tá na (Rua da) lama, conversando, bebendo uma cerveja, ... eu não saio só com caboverdiano. (E5F caboverdiana)

No relato acima da participante E5F, ela enfatiza que apesar de namorar um rapaz angolano, também sai com suas amigas e seus respectivos namorados e não somente com caboverdianos e angolanos.

Uma vez quando fui em viagem a Salvador, encontrei no mesmo hostel onde fiquei um menino lá, para dois, três dias ficamos lá juntos com os seus amigos...também fazemos coisas, mas também fiquei com seus amigos, então aí foi de boa porque fiquei lá no mesmo hostel, eles tão viajando também, foi diferente, foi mais encontrar pessoas novas. (E7M italiano)

Um ponto interessante identificado no relato de alguns estudantes foi a relação posterior de amizade estabelecida com pessoas com as quais se relacionaram amorosamente. O participante venezuelano E9M relata que a primeira vez que teve um contato íntimo com uma pessoa do sexo oposto foi durante sua vivência no Brasil e que acabou tornando-se amigo dessa pessoa, a qual diz tê-lo ajudado quanto a sua adaptação, como exemplifica a seguir:

Foi na faculdade a primeira vez que fiquei com uma menina, lá na UVV [antes de estudar na UFES era aluno da UVV]...e a gente é amigo até agora e sabe o que ela fez, a gente fazia teatro ... e a gente tem uma energia muito boa, ela foi uma menina assim, que abriu minha cabeça muito...pra chuchu ... e ela é do interior e tal e tem um jeitinho de pomerana...ela é pomerana na verdade, vamos dizer assim, então...ela me ajudou, a gente se ajudou mutuamente nesse processo de adaptação, de interação. (E9M venezuelano)

O participante hondurenho E10M também afirmou que mantém relacionamento de amizade com pessoas com as quais teve um envolvimento amoroso anterior: “alguns dos meus amigos são pessoas que eu fiquei lá na (boate) Bolt. Alguns fiquei algumas

vezes, mais de uma vez. Mas hoje somos amigos...falamos no whatsapp, encontramos...”
(E10M hondurenho).

Apesar do relacionamento amoroso proporcionar um aumento das relações sociais do estudante internacional, a partir do contato e interações que passa a fazer com o círculo social de seu companheiro, houve situações nas quais estar no relacionamento amoroso foi observado pelo entrevistado como possível obstáculo para a ampliação de sua rede de amigos. O participante venezuelano E9M, em seu relato, disse que somente tinha contato com pessoas a partir de seu namorado (à época), não havendo espaço para que de forma autônoma iniciasse interações e expandisse sua rede social. Ele exemplifica dizendo que:

Eu era o namorado do Luiz. Então ele conhecia muita gente mas eu conhecia só as amizades dele. Eu não conhecia, não tinha amizades. Então...a partir do momento que eu terminei com ele aí fui morar numa república, aí eu comecei a conhecer pessoas e eu tava com vinte e três, vinte quatro anos, que assim, todo mundo fica curioso com estrangeiro, então tipo assim, pra mim sexo era muito fácil. Então tipo, eu pegava os meninos, conversava com os meninos mais bonitos daqui, então isso ajudou também nesse processo de...de criar vínculos, criar relações...tem pessoas que conheci no início, de que chegar aqui e...hoje não faz mais parte da minha vida, porque assim a gente vai mudando, por que pra mim cara é uma experiência viva de que é um processo de transformação. (E9M venezuelano)

Através de seu relato observa-se que após terminar a relação de namoro parece que passou então a ter mais liberdade e autonomia para conhecer pessoas novas, por conta própria. Passar a morar em uma república, convivendo então diariamente com outras pessoas e parecer interessante aos olhos dos brasileiros, pelo fato de ser estrangeiro, parece tê-lo ajudado ampliar suas relações sociais.

Outra situação interessante relacionada a essa temática é mencionada pelo participante italiano E7M, que mostra como relações amorosas curtas o ajudaram em sua inserção social ao permitir que conhecesse e se envolvesse com mais pessoas:

Na verdade para mim não é mau (ter relacionamentos curtos, só de uma noite) porque eu estou aqui por pouco tempo, então não gostava de ter uma relação tão longa, porque eu sabia que tenho que voltar para concluir o estudo, então para mim foi bom. Eu percebi isso por isso eu não quero fazer uma relação longa.

Também agora estou saindo há duas, três semanas com a mesma pessoa, que estuda aqui na UFES, mora aqui perto... eu também conheço outras pessoas porque falamos assim...eu não estou aqui por muito tempo, eu gostaria de conhecer outras pessoas, não poderia...não tenho vontade de ter relação muito assim. (E7M italiano)

Para o participante italiano E7M, não é ruim ter relacionamentos curtos, “transar uma noite e depois por diferentes motivos não vai se ver mais depois” (E7M). Parece que um relacionamento amoroso um pouco mais duradouro e exclusivo, que o demandaria tempo e atenção, poderia privá-lo de ter outras experiências como sair, viajar e conhecer pessoas novas, seja para relações de amizade ou amorosas, visto que enquanto estudante internacional do programa de Mobilidade da UFES, está no Brasil para fazer apenas um semestre de estudos, sem possibilidade de prorrogação, pois precisa voltar e concluir os estudos na Itália.

Amizades e/ou interações com brasileiros que manifestaram “segundas intenções” foi uma temática relevante abordada por alguns participantes do estudo. Através de seus relatos, pôde-se perceber que vieram à tona sentimentos de frustração/decepção quando em interações com brasileiros percebiam algum tipo de interesse em sua aproximação ou quando percebiam suas reais intenções, que não a amizade em si.

A participante alemã E2F, no exemplo a seguir, fala sobre suas experiências de amizades com pessoas do sexo oposto (homens), deixando claro seu descontentamento diante de certas atitudes consideradas machistas, nas quais segundo o relato da estudante, o interesse principal de certos homens que considerava amigos não era a amizade em si, mas sim algum tipo de relação íntima.

Eu tive dificuldade de fazer amizades porque era muito assim, tipo...pessoal tinha um interesse em você, aí as vezes eu achava complicado também, porque querendo ou não eu tive muitas amizades aqui com homens e a partir do momento que eu deixava claro que eu não ia ficar com eles, eles também não queriam mais saber de mim...então...isso que eu falo que é meio machista, então...assim, o interesse é só a partir do momento que você tá disponível, se você não tá mais eles também não tem interesse em manter a amizade...isso já aconteceu algumas vezes. (E2F alemã)

Experiências semelhantes a essa podem ter dificultado para a participante iniciar e/ou manter interações com pessoas do sexo oposto. Aparentemente, conforme seu relato, grande parte dessas experiências não foram positivas. Conforme seu entendimento, é difícil para brasileiros do sexo masculino entenderem que uma mulher possa querer interagir com eles apenas para uma relação de amizade.

Estar em um relacionamento amoroso pode de alguma forma limitar e/ou dificultar interações e relacionamentos de amizade com outras pessoas. Conforme podemos observar nos relatos dos estudantes a seguir, isso pode acontecer por diversas razões, sendo elas: o estudante acredita que poderia faltar com respeito a seu companheiro caso tivesse um contato mais “próximo” com amigos, ou seja, caso saísse e falasse com mais frequência; um relacionamento amoroso mais duradouro e sério impediria o estudante de sair, passear, conhecer e ficar com novas pessoas, visto que a relação o demandaria tempo e exclusividade; quando num momento de interação com pessoas do sexo oposto, precisa tomar cuidado para não ser mal interpretado, como se tivesse segundas intenções, visto que se estivesse solteiro esses momentos de interação não seriam tão difíceis.

Eu não saio muito assim mas agora que é o segundo semestre eu to tentando sair mais, me divertir mais, porque tava muito focada só nos estudos. E é claro que eu posso conhecer pessoas interessantes e...eu tenho amigos lá na universidade e tal, mas o fato dele existir na minha vida eu acho que impossibilita de ter um contato mais próximo com esses amigos porque eu sempre vou pensar “ ah, ele tá lá”...então...não é uma dificuldade, é um respeito mesmo... Eu não tento muito ir além com amizade daqui, porque eu acho que isso não seria correto. (E6F caboverdiana)

Na verdade para mim não é mau porque eu estou aqui por pouco tempo, então não gostava de ter uma relação tão longe, porque eu sabia que tenho que voltar para concluir o estudo, então para mim foi bom. Eu percebi isso por isso eu não quero fazer uma relação longe. Também agora estou saindo há duas, três semanas com a mesma pessoa, que estuda aqui na UFES, mora aqui perto...mas não é uma coisa (inaudível), eu também conheço outras pessoas porque falamos assim...eu não estou aqui por muito tempo, eu gostaria de conhecer outras pessoas, não poderia...não tenho vontade de ter relação muito assim. (E7M italiano)

Acho que uma pessoa que está sozinha é mais fácil estar aqui para relação com meninas, porque para mim é muito difícil relacionar com uma menina porque...ela pode achar que eu...vou...como se diz...que eu preciso outras coisas ela e não só falar ou só fazer amizade, então...tenho que ser muito tranquilo, porque aqui se você fala um pouco mais depois a gente....pode acreditar que..fazer outras coisas, não sei como dizer. (E8M italiano)

2.2 Dificuldade para fazer amigos

Nos relatos abaixo dos participantes E1M (beninense), E7M (italiano) e E8M (italiano), observamos a dificuldade apontada para fazer amigos. Entretanto, depois que fizeram amigos, os participantes afirmam que acabaram sendo ajudados por eles. O participante E1M relata o seguinte:

Aí eu comecei o direito aqui...não foi fácil não...viu...não foi fácil não....comecei também quando eu entrei fazer amizades...foi difícil...a primeira vez....a primeira vez...eu fiz um mês sem fazer amizade, me adaptando...me colocando no meio...[inaudível] aí eu consegui...fiquei no meio...consegui alguns amigos que ajudaram bastante... (E1M beninense)

O relato do participante italiano E7M aponta a dificuldade em fazer amizades como um grande problema. Todavia, ressalta a importância das pessoas que conheceu, dizendo inclusive que talvez tenha sido o que mais o ajudou quanto à cultura local.

Quando você conhece a pessoa não é mau, o problema é como conhecer pessoas aqui pra fazer amizades...isso é o problema principal [...] Na verdade o que mais dificulta e o que mais ajuda pode ser a mesma coisa porque...mais ajuda são pessoas que eu conheci aqui, que começaram a explicar mais como funciona coisas aqui, não como cultura da gente, ... é mais dificuldade como conhecer essa pessoa, essa foi a dificuldade maior que eu encontrei aqui. Como fazer...como encontrar pessoas...que modo melhor para encontrar...que foi a dificuldade maior...mas depois, ... foi a coisa que mais me ajudou a entender um pouco...um pouco a cultura daqui...porque pra mim quando você encontra depois você conhece pessoas é mais fácil. (E7M italiano)

Em seu relato, o participante italiano E8M também enfatiza a dificuldade no início das amizades, especialmente no contexto universitário, fazendo uma comparação com seu país de origem:

Como a gente se relaciona com você...porque se eles não conhecem você não são muito abertos...você tem que falar pra conhecer muito uma pessoa, depois vamos frequentar, vamos sair juntos, mas antes é diferente, por exemplo...na universidade

o primeiro mês ninguém falava com nós. Na Itália, não é possível uma coisa assim. Porque se eu sou...se eu sei que na minha aula está um menino estrangeiro...eu tento falar com ele...tentar...como se diz...de...nós temos que enturmar na aula e...não o contrário, não tentaram de enturmar nós, acho que na Itália não acontece isso. (E8M italiano)

A seguir, temos uma série de relatos que associam a dificuldade em iniciar amizades com a cultura do capixaba, sendo esse considerado pouco amigável, fechado e pouco receptivo. Além de citar especificamente o capixaba, a participante alemã E2F também cita grupos fechados e/ou “panelas” na universidade, referindo-se a pessoas que já estudaram juntas antes e se conhecem há muitos anos:

Aí nesse meio tempo eu comecei a procurar emprego...estágio...não encontrei nada assim...foi super difícil esse começo, fiquei muito frustrada também...porque não conhecia gente...não tinha amigos ... No início eu sentia muita dificuldade aqui assim de fazer amizades...porque...eu...eu não sei porque, mas eu acho que o capixaba ele não tem fama de ser o mais amigável[...] então aqui tem muita panelinha...muita...ainda mais...quando...assim...você acaba conversando com o pessoal que estudou todo mundo na mesma escola...ensino médio...aí tá todo mundo morando naquele mesmo bairro...sempre...eu sinto que as pessoas aqui não se misturam muito. (E2F alemã)

O participante italiano E7M compara o capixaba com brasileiros de outras regiões do Brasil, os quais teve a oportunidade de conhecer durante algumas viagens realizadas nesse período de intercâmbio. O estudante cita ainda a dificuldade inicial de interagir na universidade, possivelmente, segundo supõe, pelo fato dos demais estudantes serem mais novos que ele e sua amiga italiana:

Primeiro dia de universidade não foi fácil conhecer pessoas... Então eu percebi uma certa distância... Primeiro já não foi muito fácil na universidade...fazer amigos. Na universidade foi muito difícil na verdade...isso é uma coisa que eu não sei porque...também a gente falou que era coisa mais daqui, cultura daqui desse estado...pode ser porque quando viajamos a gente percebeu diferença um pouco, capacidade de outras pessoas se relacionarem conosco. (E7M italiano)

A participante colombiana E3F diz não perceber o capixaba como fechado ou pouco receptivo. Todavia, relata que é comum ouvir de seus amigos estrangeiros que o capixaba tem certa fama, de não ser tão amável ou legal quanto outras pessoas do interior ou de outras regiões do Brasil, como os mineiros por exemplo:

Eu venho de uma região em que os colombianos são bem acolhedores...eu acho que em geral o povo brasileiro é muito, muito acolhedor. Isso faz com que eu me sinta muito bem pois é como se eu estivesse na minha região na Colômbia. É verdade que aqui os capixabas têm fama, porque eu nunca vi...porque eu não penso assim...mas parece que eles não são tão acolhedores...que eles são muito conservadores, parece que eles não são assim boa gente...eu acho que não, eu pessoalmente não tive problema nenhum com capixabas...já percebi que meus amigos estrangeiros falam que o capixaba não é muito amável...porque se comparam aos mineiros que são tão legais...as pessoas no interior que são tão legais...eu acho que eles ficam criticando muito os capixabas...mas comigo não aconteceu...aconteceu com outros amigos estrangeiros. (E3F colombiana)

Em determinado momento da entrevista na qual falava sobre certas semelhanças percebidas entre seu país natal e o Brasil, a participante caboverdiana E6F diz que tanto o caboverdiano quanto o brasileiro recebem muito bem as pessoas, mas o capixaba nem tanto assim:

Muita coisa assim...é...talvez não tanto o capixaba em si...mas eu é...ele recebe muito bem...e o caboverdiano também ele recebe as pessoas muito de boa...até agora eu não posso falar que eu fui mal recebida em algum lugar, as pessoas sempre tratam a gente... Você pode sempre perguntar alguma informação e sempre vão dar...o caboverdiano é assim. (E6F caboverdiana)

Assim como a participante colombiana E3F, o participante venezuelano E9M também falou da fama ruim do capixaba, quanto a não ser simpático e acolhedor, todavia supõe que devido ao tempo que está no Brasil possivelmente acabou se habituando ao jeito do povo capixaba:

Na Venezuela as relações são mais quentes assim né, e aqui as pessoas são bem individuais e os relacionamentos são mais frios, meus amigos falam que o capixaba ele é bem antipático e tal, então...eu não sei se sete anos aqui eu já me acostumei um pouco ao jeitinho...ser mais seco porque as pessoas aqui são muito individuais, eu vejo isso. (E9M venezuelano)

Além da dificuldade para fazer amigos, dois participantes italianos (E4M e E8M) sentiram que as amizades com brasileiros não eram verdadeiras, mas baseadas em interesses. O participante E4M percebeu que em momentos considerados “importantes” para ele, nos quais poderia demandar algum tipo de auxílio de “amigos brasileiros”, acabava não podendo contar com os mesmos:

Eles (brasileiros) estão falando contigo não é porque você é um estrangeiro mas porque por exemplo...quando está um momento importante pra duas pessoas...eu te disse antes...no início, pra o brasileiro é o momento somente pra conhecer uma pessoa não é importante pra ele...quando ele tem que fazer...eu não quero generalizar...as pessoas que eu conheci, que eu to falando, não posso dizer que você é assim obviamente...quando estava um momento importante pra aquelas pessoas, pro italiano e pro brasileiro, por exemplo, o italiano, por exemplo, estou dizendo o italiano porque eu sou italiano, não existe nunca mais...ele tem que fazer coisas , depois quando eles fazem tudo.... eles são muito amigos num momento não importante...quando tem que fazer uma coisa verdadeiramente importante pra você, você não existe. Então, este mundo das pessoas que estou vivendo aqui no Brasil é um mundo de aparência...tem muita aparência aqui...querem mostrar uma coisa que realmente não existe. (E4M italiano)

O interesse nas amigas também foi citado pelo participante E8M:

Uma coisa que não gosto é que estou olhando aqui que...muitas pessoas...alguma vez...são interessadas em você porque eles precisam de alguma coisa [...] isso eu não gosto...se eu faço alguma coisa...na minha vida..eu faço porque eu gosto de fazer. Não porque preciso outros. Eu estou aqui falando com você porque eu gostava de falar da minha experiência. Não porque você depois...porque eu preciso de você para fazer outra coisa. Aqui não encontrei a mesma coisa, a mesma mentalidade. (E8M italiano)

2.3 Relacionamento Amoroso e Relações com Familiares do Parceiro

O contato com a família do parceiro foi um tema relacionado à inserção sociocultural do estudante internacional. Durante esses momentos de interação, os estudantes tinham contato com a dinâmica familiar de seus parceiros, assim como seus costumes e tradições. Da mesma forma houve ocasiões nas quais o parceiro do estudante teve contato com sua família, entendendo também sua dinâmica, valores e costumes.

A mãe dele tem...ela é muito autoritária ... era uma situação meio estressante mas...eu assim, mamãe ela me educou, cara, a gente tem que se adaptar no lugar que a gente tá. E a gente tem que seguir alguns princípios que vai dar certo em qualquer lugar que você estiver. Ser educado, respeitoso, ajudar, ser proativo, não sei o que...então tipo assim, no início eu tive uma grande resistência com ela porque ela é aquela mãe ciumenta que não gosta que ninguém mexe com o filho dela...então desse jeito... então tipo assim eu fazia o que ela gostava ... E aí o relacionamento foi dando. (E9M venezuelano)

Os pais dele eles me apresentavam tudo o que era..."ah, isso aqui é daqui"...a sair, moqueca capixaba, aqueles cozidos, aquele frango com...uma galinha com quiabo, essas coisas bem típicas daqui, bem raízes, capixaba e brasileiro também, então

eles me ajudaram a transitar nesse processo de culturização, pra eu me adaptar aqui né...e também pra aprender porque eu estava novo e também estava aprendendo, não era fácil pra mim aprender, eles ensinaram bastante coisa, foi assim...eu tenho um bom relacionamento com eles até agora. [...] ...eu aprendi com os pais dele coisas que assim...eu não tinha noção...e com ele mesmo, então...isso eu levei pra mim. (E9M venezuelano)

Acho que também a família é muito importante. A família dele nos ajudou muito. (E3F colombiana)

A participante E3F ressaltou o apoio que percebeu da família do companheiro quando recebeu a notícia que tinha ganhado a bolsa de estudos para o Brasil e deveria aceitá-la, mesmo estando grávida.

[...] quando eu contei pra família do meu esposo, aí eles falaram “nossa, que legal, você ganhou uma bolsa e tal...quando é que você vai?” Falei assim, eu não vou, estou grávida, vou ficar aqui, agora tenho uma vida neh, diferente...com uma filha neh, e eles falaram “não, você tem que ir, tem que aproveitar essa oportunidade”. (E3F colombiana)

Evidencia-se ainda no relato da participante colombiana E3F a importância da presença de sua sogra, que por vezes veio da Colômbia para o Brasil ajudá-los nos cuidados iniciais com o bebê durante e após o parto: “e minha sogra, ela viria pra nos ajudar no parto neh, e essas coisas do cuidado de uma criança...que eu nem sabia nada, nem trocar uma fralda nem nada” (E3F); também quando decidiu junto com o esposo que sua filha iria para a Colômbia: “a gente decidiu que a minha filha, uma bebezinha de um mês iria para a Colômbia com minha sogra...então minha filha nasceu em junho e meu marido trabalhava o dia todo no colégio como professor de espanhol e...não tínhamos tempo suficiente para nos ocupar dela e...minha filha foi no final de agosto pra Colômbia, com minha sogra” (E3F); assim como ainda quando precisou de tempo para estudar para a qualificação de seu projeto de mestrado, quando sua filha já havia voltado da Colômbia para o Brasil:

E aí em fevereiro trouxemos ela pro Brasil...aí de novo meu marido trabalhava e eu ocupava todo o tempo dela...e ela ia pra uma creche privada, ali perto do bairro...mas esse semestre eu tinha que qualificar [...] eu não tava preparada, nunca fui educada pra ser mãe...preparar uma mamadeira, trocar uma fralda, tudo isso

era muito difícil pra mim, porque eu não tinha muita experiência, porque ela nasceu e foi pra Colômbia com minha sogra e aí...eu acho que comecei a passar por momentos de depressão...alguma coisa assim...eu lembro que eu busquei atendimento psicológico lá na UFMT e falei com psicólogo, então ele me ajudou um pouco e...mas assim, eu fiquei com estresse porque fazer a qualificação e ser dona de casa, e ser mãe...ficou muito complicado...mas no final das contas consegui fazer... e minha sogra voltou de novo, só que pra nos visitar...pra nos visitar porque eu precisava de ajuda pra qualificar, aí a gente ficou pensando...ou pagamos pra alguém cuidar da nossa filha, ou trazemos então sua mãe...eu falei assim pro meu marido...não tinha jeito...aí minha sogra voltou em junho, na metade do ano, na mesma época... (E3F colombiana)

Com uma participante específica, a estudante alemã E2F, através de um familiar, aconteceu de conhecer o rapaz que veio a se tornar seu atual namorado, quando todos juntos foram se divertir em uma boate de Vitória, próxima à UFES, num local bastante frequentado por jovens. Ela conta que esse seu familiar (primo) já conhecia o rapaz que hoje é seu atual namorado; que os dois já haviam estudado, trabalhado e até viajado juntos.

A gente tava na Bolt, aqui na Rua da Lama...e eu conheci ele através do meu primo. Meu primo fez com ele...eles fizeram técnico no IFES...e eles participaram lá daquele programa lá de ir pra Singapura...aí depois trabalharam na Jurong juntos...aí eu conheci ele praticamente através do meu primo...mas na Bolt...na boate. (E2F alemã)

3. FATORES QUE FACILITAM E DIFICULTAM A INSERÇÃO SOCIOCULTURAL

Outros fatores que facilitam ou dificultam a inserção social e cultural parecem ser da mesma natureza. Assim, por exemplo, conhecer o idioma pode facilitar, mas desconhecê-lo dificulta a inserção, assim como a presença ou ausência de relações interpessoais significativas. Um dos participantes apontou para essa dualidade: “o que mais dificulta e o que mais ajuda pode ser a mesma coisa” (E7M italiano), referindo-se ao que mais ajuda como as “pessoas que eu conheci aqui, que começaram a explicar mais como funciona coisas aqui” (E7M italiano). Por outro lado, a maior dificuldade é “como conhecer essa pessoa, essa foi a dificuldade maior que eu encontrei aqui. Como

fazer...como encontrar pessoas...que modo melhor para encontrar...que foi a dificuldade maior” (E7M italiano).

3.1 Características Individuais

Características individuais também foram apontadas como facilitadoras da adaptação. Por exemplo, “minha abertura mesmo...porque se eu fosse uma pessoa fechada não teria conseguido essas coisas...e minha abertura a entender viu ... minha abertura a conhecer” (E1M beninense). Contudo, ressalta-se que esse discurso do participante E1F vai de encontro à outras afirmações do próprio participante, quando já afirmou em outros momentos ser uma pessoa tímida/reservada.

Por outro lado, característica pessoais, como a timidez podem dificultar a inserção social: “eu sou tímida também, foi difícil fazer amigos, comunicar” (E5F caboverdiana). Outro fator é a própria experiência pessoal, assim ter experiência em outro país antes do Brasil é visto como algo positivo para a adaptação à nossa cultura “ter morado já em outro país...na França....tipo, eu aceitar mais facilmente que era diferente” (E3F colombiana) ou “acho que já ter morado fora me ajuda” (E9M venezuelano).

3.2 Diferenças Culturais: Idioma

O idioma também surge como um fator ora facilitador, ora dificultador da inserção social e cultural. Assim, estudar em outro idioma surgiu como dificuldade: “estudar numa outra língua que não é a sua...essa língua que você estuda seis meses” (E1M beninense) e “você tem que fazer tudo...estudar...fazer tudo mesmo...uma outra língua não é fácil” (E1M beninense).

O participante italiano E4M também evidencia sua dificuldade: “muito difícil falar com pessoas...principalmente no começo...na faculdade também não foi fácil...não falavam conosco...não se aproximavam...bem difícil” (E4M). Por outro lado, o domínio do idioma foi visto como facilitador. Assim “ser professora de línguas ... acho que

consegui aprender português mais rápido que talvez alguns dos meus colegas estrangeiros” (E3F colombiana) e “o idioma português com certeza ajudou” (E6F caboverdiana); “mesmo com sotaque lá de Cabo Verde o idioma é o mesmo né” (E5F caboverdiana).

Conhecimento do idioma e relações interpessoais estão intimamente interligadas. O idioma é apontado como uma dificuldade por limitar as relações com outras pessoas “acho que o idioma no começo foi bem difícil...porque eu não sabia me comunicar...não entendia quase nada... (E9M venezuelano) e “o idioma foi difícil no início para relacionar com pessoas, para estudar também” (E10M hondurenho).

Praticar e conhecer melhor o idioma é visto como uma forma de interagir mais e melhor com as pessoas do país, que por sua vez também contribuem para a aprendizagem do idioma: “interagir com o povo...conversar muito...praticar o português viu...isso...eu acho que é isso mesmo que me ajudou...bastante...também...o português né...quando você aprende uma língua você precisa praticar viu...praticando você vai descobrindo as coisas” (E1M beninense). Relacionamentos com pessoas dispostas a ajudar é um fator positivo, que também contribui para o conhecimento do idioma local: “eu encontrei pessoas que tentam muito te ajudar..., eles sabem que eu tenho muitos problemas, porque geralmente quando você mora num lugar que é totalmente diferente...é difícil adaptar...e tentam ajudar a aprender o português, a encontrar-me com meus amigos” (E4M italiano). Os amigos ajudam com o idioma: “acho que os amigos brasileiros que eu fiz ajudaram bastante...ajudaram com o português, também na faculdade...os professores ajudaram muito” (E10M hondurenho).

O idioma foi uma temática bastante presente na narrativa dos estudantes internacionais. Vale lembrar que apenas as duas participantes E5F e E6F eram provenientes de país (Cabo Verde) que tem o português como língua oficial. Mesmo

assim, uma das caboverdianas traz em seu relato questões acerca da dificuldade de comunicação. A falta de intimidade com o idioma português foi lembrada por alguns entrevistados como dificuldade importante relacionada ao contato inicial com possível parceiro íntimo.

O relato do participante italiano E4M exemplifica a dificuldade percebida no momento de interação inicial com possíveis candidatas a parceiras amorosas:

A primeira eu conheci na praia...eu falei com ela...porque eu vi ela sozinha...então porque não...por que não falar...então eu convidei ela pra um compromisso...conhecer pessoas...eu não falei nada em português...ela em inglês também, então foi muito difícil pra me comunicar. (E4M italiano)

Quando ela me encontrou...eu me encontrei, sem falar em português...se eu estou falando assim agora você pode imaginar como eu falava há dois meses atrás...então...ela estava trabalhando, eu fui lá com ela e seus amigos e...passamos um dia muito bom. (E4M italiano)

Em seu relato, o participante venezuelano E9M ressalta a dificuldade de comunicação com o antigo namorado no início da relação, ressaltando a velocidade com que o brasileiro fala como um agravante relacionado a comunicação:

Ele falava uma língua que eu não sabia falar, português, eu não entendia nada que ele falava em português porque naquele momento a gente não compreende muito...e vocês falam muito rápido e tal [...] e aí eu não falava português naquela época, então tudo era uma dificuldade. (E9M venezuelano)

Já o participante beninense E1M ressalta que sua relação de namoro o ajudou a melhorar o português, além ainda de ajudá-lo a compreender outros aspectos culturais:

Ajudou bastante mesmo a melhorar meu português...a entender mais a realidade do Brasil...porque essas realidades são bem diferentes das minhas, que eu tinha...a entender também alguns aspectos neh...das brasileiras daqui...posso falar que ajudou muito mesmo a entender a cultura brasileira...ajudou muito mesmo. (E1M)

Por sua vez, o participante hondurenho E10M também cita momentos de interação com antigos parceiros como favoráveis ao aprendizado e prática de seu português: “eu sou uma pessoa que gosta muito de conversar...então a gente falava muito...sobre muitas

coisas...até política...eu aproveitava mesmo o encontro pra falar o português” (E10M hondurenho).

Entretanto, colegas, amigos e professores também têm importância quanto ao aprendizado do idioma. Nos relatos do participante italiano E4M e da participante caboverdiana E5F, pode-se perceber a importância das relações de amizade quanto ao aprimoramento do português. Já no relato do participante beninense E1M, além das relações de amizade também é enfatizado o papel do professor:

Eu encontrei amigos que tentam muito te ajudar... eles sabem que eu tenho muitos problemas, porque geralmente quando você mora num lugar que é totalmente diferente, quando você tá onde você cresceu...é difícil adaptar...e tentam ajudar a aprender o português, a encontrar-me com meus amigos. (E4M italiano)

Em relação às amigas, a convivência...com as meninas do meu país tudo tranquilo né, a gente se conhece e tal, e também com as brasileiras, assim, tem gente lá da turma que foi super receptivos, curiosos...ah, você é de outro país...como é que é isso? E outros que nem tanto, tipo... não sei...não vou falar que foi preconceito da parte deles porque não sei...mas ah, a pessoa que veio da África, será que eu vou... falar com ela? Essas coisas todas. E fui muito tímida, eu fui me construindo, e olhando de uma forma diferente, hoje eu não tenho nada a ver com aquela E5F que chegou aqui no Brasil, eu sou totalmente diferente, eu jamais conseguiria falar com você dessa forma como falo, jamais, quando eu cheguei. Meu sotaque as meninas falavam que não entendiam quase nada do que eu falava, porque era uma coisa muito embolada, agora já consigo falar mais assim entendido. (E5F caboverdiana)

Mas com a ajuda do povo brasileiro...porque eu fiquei nessa universidade UFF do Rio de Janeiro, precisamente na cidade de Niterói...aí eu tive também ajuda...de alguns amigos brasileiros e professores que me ajudaram bastante...se não fosse por eles não estaríamos falando assim, viu...pra alguém que estudou a língua portuguesa durante seis meses...aí me associei, tive ajuda. (E1M beninense)

Apesar da participante caboverdiana E5F ser de origem de país que tem o português como idioma oficial, também passou por dificuldades de comunicação inicial devido a seu sotaque. Já a participante colombiana E3F ressaltou a importância de sua formação acadêmica para o aprendizado da língua portuguesa, em comparação a outros estudantes internacionais: “ser professora de línguas na questão da língua

portuguesa...acho que consegui aprender português mais rápido que talvez alguns dos meus colegas estrangeiros” (E3F).

3.3 Relações Interpessoais

As relações interpessoais ou a sua falta são fatores que ajudam ou dificultam a inserção social e cultural. Assim, estar em ambientes de estudo ou trabalho favorece as relações com outras pessoas, promovendo a adaptação: “o que mais me ajudou mesmo foi entrar na faculdade, porque ao mesmo tempo que me deu uma coisa pra fazer, um motivo pra estar aqui, eu comecei a conhecer pessoas, comecei a sair mais, comecei a me relacionar com mais gente” (E2F alemã), “a universidade também ajudou muito, os amigos que eu fiz lá” (E5F caboverdiana), “também trabalhar acho que ajuda muito” (E9M hondurenho), “também a universidade porque, pouco a pouco, tentando falar na aula, nos inserimos mesmo com a gente da universidade. Mas fomos nós a enturmar e a tentar falar e inserir a eles e não o contrário” (E8M italiano). Por outro lado, o isolamento dificulta a inserção, como relatou uma participante: “quando eu estava fazendo nada...estava em casa...” (E2F alemã).

Assim como a presença de amigos ajuda, a ausência de pessoas da família e amigos do local de origem dificultam: “mesmo morando com as meninas aqui eu sinto falta dos meus amigos, da minha família lá em Cabo Verde...também do meu namorado...tá todo mundo muito longe... e tem a dificuldade de comunicar...isso acho que atrapalha...porque você tá aqui mas a cabeça também tá lá” (E6F caboverdiana). A ausência de pessoas próximas também foi apontada por outro participante como algo negativo: “posso dizer saudade de casa, da minha família” (E10M hondurenho).

A possibilidade de manter relacionamentos com pessoas do mesmo país ou da mesma família parecer promover uma melhor adaptação. Relatos como “morar com as minhas amigas lá de Cabo Verde, a gente faz muita coisa...a gente se apoia...” (E5F

caboverdiana) ou “acho que morar com meninas lá de Cabo Verde também é bom...porque você sente que não tá sozinha...que tem gente aqui se você precisar” (E6F caboverdiana) apontam para esse ponto. Para outro participante, a dificuldade seria “a pessoa não tentar se enturmar na aula...se integrar na vida cotidiana aqui de Vitória”.

Contudo, considera que teve sorte por estar em um grupo:

Nós somos cinco então...eu gosto de sair, ... eu posso chamar outros quatro meninos italianos...que estão aqui...para mim, sem nenhum problema, para tudo...sozinho seria acho que bem diferente, bem mais difícil...porque eu acho que todo mundo precisa de uma pessoa ou mais pessoas...para falar...se eu tenho um problema...como diz...poder confiar nele...então sem eles não sei como seria. (E8M italiano)

Ter família no país também é algo positivo: “ter uma filha brasileira, às vezes isso me ajuda...tipo, às vezes ao menos pra...me dá mais certeza, mais segurança... às vezes eu posso passar como camuflada pelo fato de ser mãe de uma brasileira” (E3F colombiana).

3.4 Outras Dificuldades

3.4.1 Burocracia e questões financeiras

Outras dificuldades mencionadas para a inserção social e cultural ao país foram o fator financeiro: “...a vida daqui é mais caro do que a vida do meu país” (E1M beninense) e “o preço dos materiais do curso...muito caros” (E5F caboverdiana) e dificuldades burocráticas: “com a documentação que eu precisava tirar e também sem conhecer ninguém no Brasil” (E5F caboverdiana).

As dificuldades burocráticas e financeiras foram relatadas inclusive antes da chegada dos participantes ao Brasil, ainda em seus países de origem. Os estudantes que citaram tais dificuldades eram africanos do programa PEC-G. Os relatos abaixo, das estudantes caboverdianas E5F e E6F ilustram principalmente as dificuldades burocráticas enfrentadas ainda em seus países antes de sua vinda ao Brasil:

Só que vir pro Brasil não é uma coisa tão simples ... Tinha vários documentos que precisavam ser feitos, eram custos atrás de custos e tinha um termo que...tipo

assim...a pessoa que tá te mandando pro Brasil teria que ganhar acho que era duzentos mil dólares, tipo algo assim, uma coisa bem cara”. (E5F caboverdiana)

Pra saber que eu viria em fevereiro...foi bem complicado. E as burocracias também. O programa é ótimo, o PEC-G é ótimo... mas foram muitas burocracias, eu não estava acostumada a fazer tudo aquilo...sabe, assim... eram coisas que eu tinha que decidir e resolver por mim. (E6F caboverdiana)

3.4.2 Insegurança, violência e preconceito

A participante alemã E2F citou a sensação de insegurança percebida no Brasil, em comparação com a Alemanha. Segundo a estudante, no Brasil, começou a precisar planejar-se para sair de casa, analisando horário e itinerário, pois se não o fizesse, correria o risco de passar por uma situação de violência:

[...] a segurança também é uma questão neh...transporte público...ainda mais que eu sou de uma cidade em que o sistema de transporte público é maravilhoso....verdade...lá você não precisa de um carro pra nada...e uma coisa que eu senti muito a diferença aqui...é assim...tudo tem que ser um pouco mais planejado, porque querendo ou não a segurança é uma questão. Então você sair de casa você sempre vai tá refletindocomo, quando, com quem você vai pra casa...ou não vai pra casa...tipo, vou dividir um uber com fulano se eu voltar tarde...vai ficar perigoso pra num sei que...se eu voltar tarde mais de noite não vai ter ônibus...querendo ou não você planeja sua vida um pouco mais neh...também assim, você se planeja em relação ao que que eu to levando, ao que que eu to usando, neh...sei lah...se você vai no banco sacar dinheiro você não vai mais dar uma volta no centro...então assim esse planejamento foi algo que no início me incomodou muito assim, as vezes eu achava um saco de sempre ter que ficar planejando, se agora eu vou de carro, se eu vou de ônibus, se eu vou a pé, se não vai dar...enfim...lá eu poderia sair de manhã e não saber que horas eu ia voltar...é outra coisa neh? (E2F alemã)

Já o participante E1M beninense, além de enfatizar a violência percebida já antes de chegar ao Espírito Santo, quando ainda estava em São Paulo (onde desembarcou) e no Rio de Janeiro (onde estudou para fazer a prova de proficiência em língua portuguesa), também mencionou situações nas quais sofreu racismo. Conforme o relato do estudante, até os negros brasileiros acabam praticando o racismo. Ainda de acordo com o participante, quando os nativos brasileiros perceberam que se tratava de um estrangeiro, o preconceito diminuiu:

É que quando eu cheguei aqui não conseguia entender algumas coisas...algumas coisas relacionadas à violência...viu...o Rio de Janeiro é bem barulhento...bagunça, violência, crime, essas coisas...porque morava também perto da favela quando eu cheguei...quando eu cheguei eu fui em São Paulo, cheguei aqui...alguns amigos me ajudaram, morei com eles...aí tem também esse impacto que eu vivi com violência e também com racismo...Brasil é o primeiro país onde eu vivi...tipo...o racismo na verdade...foi quando eu cheguei...eu fiz duas semanas...eu fui lá na Lapa neh, no Rio de Janeiro. Indo pra lá eu peguei o metrô. Dentro do metrô tinha um velho neh...idoso que tava sentado...aí eu sentei perto dele e ele se levantou...aí ficou de pé durante o trajeto todo...aí isso me marcou mesmo...isso por causa mim você se levantou para ficar de pé durante o trajeto todo...fiquei um pouco [inaudível]...será que é da minha cabeça ou será que ele levantou...ah...[inaudível] pra entender...pra tentar entender...viu...seguinte eu tive também outra vivência...você anda na rua as pessoas com medo...mas até agora...não sei...não consigo mais entender esse fato neh do racismo no Brasil...é muito intenso...é muito intenso aqui no Brasil o racismo...porque a gente...quando percebe que você é estrangeiro aí esse racismo diminui...quando não percebe que você é estrangeiro...a questão é que quando você é negro daqui...eu acho mesmo que os negros não tem esse respeito...porque eu vi tantas coisas aqui...teve uma vez no Rio de Janeiro que eu fui no mercado...eu fui no mercado e comprei uma coisa de cento e vinte (reais), aí eu não tinha feito um cartão...só recebia dinheiro pelo Western Union...tinha só dinheiro neh [inaudível]...eu fiz uma compra de cento e vinte (reais)...a moça me falou como eu ia pagar...falei pra ela dinheiro...aí eu dei o dinheiro pra ela...ela ficou olhando o dinheiro, observando o dinheiro...fiquei também lesado, muito machucado por isso...e também isso não aconteceu uma vez, aconteceu várias vezes, até que por causa disso eu fui fazer um cartão mesmo...pra poder pagar pelo cartão...pra eles aqui um negro não pode pagar assim, não sei...não consigo entender essas coisas pelas quais eu passei...agora não...tipo...não reflito sobre isso mais...eu tento tipo afastar...deixar isso...normal então...normal daqui...até que eu fui numa palestra do direito onde eu falei com o promotor...a gente discutiu sobre isso...esse fato do Brasil, viu...esse fato dessa injustiça porque eu acho que isso é uma injustiça mesmo. (E1M beninense)

A participante E5F, de Cabo Verde, relatou que seu maior medo ao chegar ao Brasil seria sofrer preconceito. Apesar de dizer que nunca sofreu preconceito de forma explícita, tem dúvidas quanto a uma situação na qual não recebeu a mesma atenção/atendimento de uma colega de turma brasileira:

[...] o meu maior medo era chegar no Brasil e sofrer preconceito. E assim, eu nunca sofri uma coisa que fosse assim...agredida de uma forma que eu nunca esqueço disso...eu não lembro de um episódio assim que foi tão tenso...assim, pra considerar preconceito, porque é uma coisa que eu tento não absorver, tento não dar importância, talvez eu já sofri mas eu não dei importância, pra mim não foi preconceito entende...teve assim um caso que eu não sei dizer se foi

preconceito...eu to formando no meio do ano que vem e agora vão ser as fotos, eu já to procurando maquiador... a gente tava vendo no instagram e a gente encontrou um maquiador bem famoso, tipo bem famoso...dez mil seguidores e tal...a gente mandou mensagem pra ver o preço, eu e a minha amiga no mesmo horário, na mesma hora. Ele visualizou as mensagens, respondeu da mesma forma, só que pra mim ele falou que vai mandar um pessoal dele pra entrar em contato comigo e a minha amiga ele já mandou preço, já conversou com ela e dava entender que ele quer ela...e comigo ele falou que ia mandar uma galera aí e não mandou...aí outro dia eu falei assim “ e aí, eu fiquei esperando o senhor mandar o contato, é porque eu to com pressa pra poder agendar logo”, ele “ ah, não entraram em contato?”, falei “não”, “daqui a pouco eles vão entrar”, e não entraram, entende? Então eu não sei classificar se foi preconceito...ou algo assim...foi uma situação que eu vivi, não sei...(E5F caboverdiana)

Por fim, a participante E3F, da Colômbia, diz que nunca vivenciou qualquer forma de violência, nem no Espírito Santo, nem em Mato Grosso quando realizava o mestrado e nem quando esteve na França. Contudo, a estudante disse que não é incomum ouvir de seus colegas estudantes internacionais situações nas quais vivenciaram e/ou presenciaram situações de violência e/ou preconceito:

Comigo nunca aconteceu...nem aqui, nem em Mato Grosso e nem na França...mas meus amigos estrangeiros reclamam muito...porque não sei com quem vocês falam, onde vocês vão, porque comigo nunca aconteceu...mas vários amigos me contam...fui num bar e aconteceu por exemplo com uma menina colombiana...foi num bar e parece que no banheiro estava escrito “pra sair do banheiro falava sair de Bogotá”, Bogotá é a capital da Colômbia, então era como mostrando como se Bogotá fosse banheiro, como se fosse sujo...e assim, tem vários comentários que eles fazem tipo (inaudível), mas comigo nunca aconteceu, eu nunca me senti rejeitada, visto de um jeito diferente pelo fato de ser estrangeira, eu não, nunca aconteceu comigo. (E3F colombiana)

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo descrever e analisar os relacionamentos amorosos de estudantes internacionais da UFES e seu papel em sua inserção sociocultural. O relacionamento amoroso de estudantes internacionais ainda é pouco pesquisado, sendo poucas as investigações realizadas que poderiam possibilitar uma comparação mais ampla com os dados obtidos.

Neste estudo foram considerados relacionamentos amorosos relacionamentos afetivo-sexuais, com ou sem coito, monogâmicos ou não, heteros ou não, presenciais ou à distância e sem duração mínima definida. Esse conceito aceita as definições de namorar, “ficar” e “pegar”. Consideramos que os relacionamentos amorosos de estudantes internacionais, quando seus respectivos parceiros são estrangeiros de outra nacionalidade ou nativos do país de destino podem ser denominados como relacionamentos amorosos interculturais, pois envolvem pessoas de culturas distintas. As temáticas identificadas durante a análise dos dados revelaram que os relacionamentos amorosos dos estudantes internacionais tanto podem ser vistos como aspectos positivos quanto aspectos negativos para sua inserção sociocultural. A riqueza dos dados obtidos através das entrevistas realizadas evidenciou uma diversidade de realidades e dinâmicas dos relacionamentos amorosos dos estudantes participantes do estudo, desde a nacionalidade do parceiro até a modalidade de relacionamento (à distância ou não), incluindo temáticas relacionadas à sua inserção social e cultural.

O presente trabalho buscou contribuir com uma perspectiva do relacionamento interpessoal para a compreensão do fenômeno migratório, ampliando a possibilidade de enfoques teóricos (Ojima et al., 2014). O número de estudantes internacionais tem crescido nos últimos anos (UNESCO, 2015a; Stallivieri, Pilotto & Gonçalves, 2015) e ainda são poucas as investigações de suas relações interpessoais. De forma diferenciada

dos imigrantes permanentes, os estudantes internacionais são considerados imigrantes temporários (Desidério, 2006; Gusmão, 2012; Lima & Feitosa, 2017), o que pode afetar o estabelecimento e manutenção de relações interpessoais com pessoas no país de destino, especialmente as de natureza amorosa, pela perspectiva de separação, como foi observado nos relatos das participantes E2F e E6F. Contudo, não é incomum que estudantes acabem ficando no país de destino, para trabalhar ou estudar, por exemplo (Lima & Feitosa, 2017), conforme identificado no relato de vários participantes deste estudo.

Os estudantes entrevistados tinham parceiros de diversas nacionalidades, incluindo brasileiros, o que tem sido possibilitado pela ampliação do intercâmbio internacional (Garcia, 2012a, Stallivieri, Pilotto & Gonçalves, 2015). Os estudantes em sua maioria eram provenientes da África e América Latina, que reúnem os principais países que enviam estudantes para o Brasil (UNESCO, 2015b), decorrentes de acordos existentes com países da América Latina e África (Ojima et al., 2014), como o PEC-G, PEC-PG e PAEC-OEA.

Estudos sobre relações interpessoais de estudantes universitários internacionais no Brasil têm focado principalmente em relações de amizade (e.g. Garcia, Goes, Moura & Pepino, 2010; Garcia, Brandão, Costa & Togatlian, 2010; Garcia, Dettogni, Costa & Togatlian, 2010; Garcia, Neto, Moura & Pepino, 2010; Souza & Sedyiama, 2012, entre outros). Há uma lacuna na literatura de estudos envolvendo relacionamentos amorosos destes estudantes em universidades brasileiras e seu possível papel na sua integração sociocultural. Por vezes, há referências na literatura internacional sobre relações amorosas insatisfatórias enfrentadas por estes estudantes junto com xenofobia, entre outros problemas (Iwara, Kativhu & Obadire, 2017). Referindo-se a estudantes internacionais, os estudos focados no papel de relacionamentos íntimos, como casamento ou relacionamentos amorosos, são poucos em número (Lin & Kingminghae, 2018).

O relacionamento amoroso ou romântico de estudantes internacionais é um tema complexo pelas diferentes situações que envolve, como o fato de o parceiro viver no mesmo local ou em outro país. Podem relacionar-se com pessoas da mesma nacionalidade ou de nacionalidades diferentes. Assim, o início e o desenvolvimento do relacionamento podem sofrer alterações devido a essas condições. Em relação aos fatores de atração, alguns participantes sugeriram a preferência de brasileiros por estrangeiros, especialmente no caso de mulheres.

A começar pela origem dos parceiros amorosos, foram identificados relacionamentos com brasileiros, com estrangeiros de outra nacionalidade e também com estrangeiros de mesma nacionalidade, sendo que dos dez participantes do estudo, sete deles haviam se envolvido em relacionamentos amorosos com brasileiros, sendo esse fato considerado um bom indicativo de inserção sociocultural. Os outros três participantes que não se envolveram em relacionamentos amorosos com brasileiros estavam desde antes de sua vinda ao Brasil envolvidos em outros relacionamentos, com conterrâneos, sendo um deles uma união estável e os outros dois relações de namoro.

Quanto à dinâmica dos relacionamentos, foi observado que sua duração variou de um dia até sete anos e que ocorriam à distância ou não. Com relação aos relacionamentos à distância, seis estudantes enquadravam-se nessa categoria quando chegaram ao Brasil, mas no momento das entrevistas somente três deles mantinham essa relação, com conterrâneos que também por questões de estudo estavam em outros países que não o de origem. Ao longo das entrevistas foram evidenciados aspectos positivos e negativos desta modalidade de relacionamento, inclusive para a inserção social e cultural destes estudantes. Como aspectos negativos foram citadas dificuldade de comunicação, saudades, sentimento de solidão e receio/insegurança quanto às relações do parceiro no país onde se encontrava, como o envolvimento romântico com outra pessoa. Também foi

observado que estar nessa relação os impedia, de algum modo, de realizarem contatos mais frequentes e íntimos com outras pessoas no Brasil, nativos ou não. Em um dos relatos uma das participantes disse que seria falta de respeito com o companheiro caso tivesse mais contato com seus amigos. Em outro caso, o estudante disse que por estar em uma relação de namoro corre o risco de ser mal interpretado quando interage com pessoas do sexo oposto e, por isso, acaba tendo dificuldades e/ou evitando essas interações.

Por outro lado, o apoio e incentivo recebidos do parceiro para que o estudante não ficasse em casa sozinho, ou somente estudando, mas que buscasse sair, passear e se divertir com amigos foi um aspecto positivo retratado em seus relatos, contribuindo para a participação em interações sociais e, conseqüentemente, os ajudando na inserção sociocultural.

Com relação à duração dos relacionamentos, mesmo aqueles de curta duração foram considerados importantes por alguns participantes pois, segundo eles, mesmo esse curto espaço de tempo proporcionava ocasião para conhecerem outras pessoas a partir do parceiro (amigos e conhecidos do parceiro) e conversarem sobre temas relevantes como política e cultura. Também foi evidenciado que envolver-se em relacionamentos de curta duração poderia ser considerado positivo para a inserção sociocultural do estudante, visto que um relacionamento mais duradouro e de exclusividade poderia privá-lo de sair, viajar, conhecer e ficar com outras pessoas.

Por outro lado, estudantes que estavam envolvidos em relacionamentos mais duradouros também elencaram aspectos considerados positivos relacionados à sua inserção social e cultural. Realizar frequentemente atividades em comum com o parceiro como atividades físicas (corrida), sair, passear e viajar foram elencados como fatores relevantes, assim como o aumento do número de amizades a partir do círculo social do parceiro e ainda o contato e vivência com seus familiares, sendo que nessas ocasiões

conheciam seus costumes, valores e eram apresentados a culinária local e brasileira, além de pontos turísticos. Entretanto, também foi observado que o relacionamento amoroso poderia privar o início de novas relações de amizade, visto que o estudante não tinha autonomia para interagir e iniciar por si mesmo novos relacionamentos deste tipo, pois convivia somente com pessoas do círculo social do parceiro.

Quanto ao início do relacionamento, fatores de atração e subsequente desenvolvimento da relação, alguns dados podem ser comparados com dados da literatura. Com relação aos aspectos envolvidos na escolha do possível parceiro e estabelecimento ou não de relacionamentos amorosos (namoro, casamento), estudos têm levantado uma série de questões. Por exemplo, no caso de imigrantes, pesquisas mostram que o grau de aculturação familiar, gênero, religião, ordem de nascimento, nível de escolaridade e status socioeconômico dos pais, e presença ou não de nativos do mesmo país na vizinhança e no contexto escolar, têm certa influência no estabelecimento desse tipo de relacionamento e na escolha do possível parceiro (Gillum, 2016; Nesteruk & Gramescu, 2012; Samuel, 2010; van Zantvliet et al., 2015).

Em uma das poucas pesquisas sobre experiências amorosas de estudantes internacionais, Stoner, Aamlid, Hilliard e Knox (2019) observaram, em duas universidades dos Estados Unidos que as mulheres, comparadas aos homens, perceberam que as diferenças culturais representavam um desafio maior ao namorar estudantes norte-americanos. Estudantes internacionais do sexo masculino, em comparação com as mulheres, estavam mais abertos a namorar norte-americanos ou alguém de outro país.

Samuel (2010) e Nesteruk e Gramescu (2012), ao estudarem imigrantes de origem asiática em países ocidentais, observaram que, de modo geral, jovens imigrantes preferem relacionar-se afetivamente com alguém com mesmos valores e cultura. Todavia, principalmente mulheres imigrantes, querem ainda que seu parceiro esteja também bem

familiarizado com a cultura do país anfitrião, quando também imigrante, para que não fique “preso” à cultura de seu país de origem, evitando assim principalmente práticas machistas patriarcais, relacionadas à dominação e inferiorização da mulher, conflituosas teoricamente com a cultura ocidental que promove maior independência e empoderamento feminino. Nesteruk & Gramescu (2012) relatam ainda que jovens imigrantes, por vezes, acabam mentindo ou escondendo de seus pais seus relacionamentos amorosos no país anfitrião, quando seus companheiros são nativos desse país e/ou pertencem a um grupo social distinto do deles, para evitarem conflitos familiares e críticas de seu grupo étnico racial.

Para alguns entrevistados, ser estrangeiro facilita conhecer pessoas, seja para amizades, seja para relacionamentos amorosos, devido ao interesse que o brasileiro manifesta em pessoas de outros países. Segundo estudo de Vaccarino e Dresler-Hawke (2011), estudantes nativos buscam fazer amizades com estudantes internacionais porque os veem como diferentes e acreditam que podem aprender algo com eles. Todavia, conforme Silva e Morais (2012), quando questionados a respeito do distanciamento com colegas brasileiros, estudantes do PALOP relataram falta de interesse e iniciativa dos anfitriões em aproximar-se, visto que este papel seria deles.

Conforme Kudo e Simkin (2003), diferenças culturais podem ser consideradas como aspectos positivos para o início de relacionamentos interculturais, quando os envolvidos demonstram empatia com pessoas de outra cultura. Quanto ao estado civil, com exceção da participante colombiana E3F, todos os demais estudantes entrevistados afirmaram ser solteiros. Essa informação vai ao encontro de estudos como o de Silva et al. (2018), que sugerem que o fato de ser solteiro possivelmente facilita o deslocamento de estudantes internacionais quando comparados a outros indivíduos com vínculos e

compromissos familiares, possivelmente por não terem obrigações para com filhos e cônjuges.

Relacionamentos amorosos de estrangeiros em outro país têm sido vistos como algo positivo em relação à sua integração. Por outro lado, também há dificuldades nesses relacionamentos. Os pontos positivos e dificuldades também dependem da configuração dessas díades. Assim, pontos positivos podem envolver aspectos voltados para a inserção cultural, como a prática de um idioma. As dificuldades no relacionamento amoroso também estão relacionadas com as diferentes configurações. Assim, casais separados pela distância sofrem com essa condição enquanto casais de diferentes nacionalidades podem ter dificuldades de comunicação. De forma geral, um relacionamento romântico ou amoroso pode contribuir ou dificultar a inserção sociocultural e adaptação ao país de destino. Comumente relações com pessoas do país de destino podem ajudar na aprendizagem do idioma e de costumes do local. Isto se estende à contribuição de sua rede de amigos e familiares para a inserção do estrangeiro.

Sete dos dez estudantes entrevistados já haviam tido ao menos um relacionamento amoroso com brasileiros, sendo esse dado um importante termômetro de sua inserção sociocultural. Em relação a imigrantes, segundo van Zantvliet et al. (2015), envolver-se em relacionamento amoroso pode ser considerado um bom indicador de integração social do imigrante ao país de destino, principalmente quando esse relacionamento ocorre com um nativo, ao invés de também com um imigrante. De acordo com Oberg (citado por Stallivieri, Pilotto & Gonçalves, 2015 p.42), o relacionamento amoroso pode influenciar a adaptação a uma nova cultura.

González-Ferrer, Hannemann e Castro-Martín (2016) observaram que relacionamentos amorosos de mulheres imigrantes de várias origens na Espanha são mais instáveis que os relacionamentos amorosos de nativas espanholas, possivelmente pelo

fato de um casal intercultural enfrentar desafios maiores que um casal monocultural. Apesar da existência de referências à presença de violência nos relacionamentos românticos de estrangeiros em outro país (e.g. Black et al., 2015; Gillum, 2016; Kim e Sung, 2016), em apenas um caso desta pesquisa (E9M) há menção a agressão. Gillum (2016), por exemplo, tratou da violência envolvendo imigrantes africanos nos Estados Unidos, especialmente jovens imigrantes africanas cuja posição de risco e vulnerabilidade de serem vítimas de violência cometida por parceiro íntimo, seja imigrante ou não, também seria influenciada pela cultura de “submissão” da mulher ao homem, comum em seus países de origem.

Em alguns estudos, como Garcia e Goes (2010), o ciúme que a companheira de um estudante africano tinha de algumas de suas amigas foi uma influência negativa em relação à sua adaptação ao Brasil. No presente estudo, ao contrário, as participantes relataram apoio do companheiro quanto a suas amigas, não havendo ciúmes dessas relações.

Ao tratar das diferenças percebidas entre relações amorosas no país de origem e no Brasil, foram observadas diferentes concepções de gênero (Rodrigues & Strey, 2010), estando a temática da sexualidade também presente. No presente estudo, também foram percebidas diferenças quanto ao homem “ficar” com mulheres brasileiras, consideradas mais rápidas para namorar, quando comparadas às mulheres de seu país natal. Diferenças culturais quanto a sexo e relacionamento amoroso foram claramente observadas. Apesar de raramente estudado, também foram descobertas diferenças culturais nas expectativas conjugais de estudantes internacionais turcos nos EUA, que poderiam impedir a formação de novos relacionamentos românticos (Delevi & Bugay, 2010).

Os relatos apontam que mudanças em atitudes, crenças e expectativas sobre relacionamentos amorosos podem ocorrer ou não. Contudo, é comum mencionarem

diferenças culturais quanto a sexo e relacionamento amoroso. Estudos em outros países indicam algumas mudanças nas expectativas de relacionamento romântico de estudantes internacionais. Nos casos de estudantes turcos nos EUA, entre os que mudaram, parece que morar nos EUA os fez aceitar mais facilmente determinados tópicos, enquanto para outros que não mudaram, manter sua herança cultural era mais importante (Delevi & Bugay, 2010).

Apesar do foco nas relações amorosas, relações de amizade também se mostraram muito presentes nos relatos dos participantes. Relações de amizade têm papel fundamental na adaptação de estudantes internacionais ao país anfitrião (Garcia, Pereira & Oliveira, 2013). Andrade e Teixeira (2009) identificaram as amizades e a atenção que os estudantes recebem quando interagem com outras pessoas como fatores que contribuem para a satisfação percebida. Sair para festas com amigos, estabelecer novas amizades, relacionar-se com pessoas do sexo oposto e relacionar-se com estudantes de outra nacionalidade foram consideradas atividades com baixo nível de dificuldade percebido.

A amizade com conterrâneos tende a ser importante para estudantes internacionais pois os auxiliam na redução de estresse e solidão, proporcionando diversas formas de apoio, como emocional e espiritual (Garcia, Pereira e Oliveira, 2013). Estes estudantes compartilham o mesmo idioma e bagagem cultural e a falta de contatos com pessoas do país anfitrião (Brown, 2009). Conforme Hendrickson, Rosen e Aune (2011), estudantes internacionais tendem a ter mais amigos de seu país natal.

Os relacionamentos de amizade também estão relacionados com relações românticas e sexuais, de modo que assuntos amorosos e sexo são alguns dos interesses em comum compartilhados nas amizades internacionais de universitários brasileiros (Garcia, 2012b). Ainda em relação à amizade, de acordo com estudos como o de Gareis,

Merkin e Goldman (2011), é comum estudantes internacionais se queixarem quanto a dificuldade ou falta de amizades com pessoas nativas do país de destino. Essa temática observada por alguns entrevistados é um tópico bastante relevante relacionado à sua inserção sociocultural e se aproxima de estudos como o de Garcia, Pereira e Oliveira (2013), que relatam que estudantes internacionais comumente encontram dificuldades para fazer amizades com nativos e tendem a aproximar-se de outros estudantes estrangeiros, conterrâneos ou não. Diante de tais informações, seria plausível supor que diferenças culturais podem, de alguma forma, dificultar o início de amizades, pois crenças, valores, comportamentos, símbolos e significados de culturas distintas são colocados frente a frente.

Entretanto, da mesma forma que perceberam essa dificuldade, os estudantes também ressaltam a importância dos amigos nativos que fizeram. De acordo com Garcia, Pereira e Oliveira (2013), as amizades com nativos tendem a ajudá-los com o aprendizado do idioma e cultura local, facilitando sua inserção sociocultural. Na mesma direção, Subuhana (2009) relata a amizade com brasileiros como fator relevante para a adaptação de estudantes internacionais africanos no Brasil.

Em determinado momento da entrevista, sobre semelhanças percebidas entre seu país natal e o Brasil, a participante caboverdiana E6F disse que tanto o caboverdiano quanto o brasileiro recebem muito bem as pessoas, o que não parece ser o caso dos capixabas. Seu relato vai ao encontro do estudo de Desidério (2006), que indicou dificuldades de estudantes africanos do PEC-G em fazer amizades com nativos brasileiros.

Fatores que facilitam e dificultam a inserção sociocultural já foram mencionadas dentro das relações amorosas. Os participantes relataram como fatores que podem facilitar ou dificultar a inserção cultural, características individuais (como a timidez ou

ser mais proativo), diferenças culturais, especialmente o idioma e a presença de uma rede de relações interpessoais, incluindo amigos e outras pessoas. De forma geral, os dois fatores mais importantes parecem ser as diferenças culturais (idioma) e relações interpessoais.

Quanto ao idioma, tanto relacionamentos amorosos quanto relacionamentos de amizade foram considerados relevantes para os estudantes entrevistados aprenderem e praticarem o português, inclusive aqueles oriundos de países que tem o português como idioma oficial. Apesar dos estudantes internacionais oriundos de países de idioma oficial não português precisarem estudar e fazer prova de proficiência de língua portuguesa antes de iniciarem seus estudos no Brasil, em seus relatos foi observado que foram as interações diárias e cotidianas que os ajudaram com o idioma e que o curso realizado pouco ajudou. Ainda com relação ao idioma, a falta de familiaridade com a língua portuguesa dificultava a aproximação e contato inicial com possíveis parceiros para relações amorosas e também relações de amizade, todavia não os impedia de buscar esses contatos e interações.

Silva e Morais (2012), em seu estudo com estudantes vindos de países de língua oficial portuguesa para universidades brasileiras, ressaltam as dificuldades com o manejo do idioma citadas pelos participantes, fazendo com que os mesmos, por receio ou vergonha de serem repreendidos por colegas e professores, evitassem se manifestar. Stallivieri, Pilotto e Gonçalves (2015) identificaram que mesmo estudantes de países como Angola, Guiné Bissau e Portugal, oriundos de países que tem o português como idioma oficial, passam por dificuldades de comunicação.

Ainda quanto ao idioma, em seu estudo sobre a presença de estudantes estrangeiros no Ceará, Maciel (2017) identificou que o *crioulo* era o principal meio de comunicação de estudantes de Guiné Bissau e Cabo Verde em suas interações cotidianas. Também Silva e Morais (2012), em seu estudo com estudantes do Palop (países de língua

oficial portuguesa) em duas universidades brasileiras, em Brasília e em São Paulo, identificaram o crioulo como idioma utilizado no cotidiano com colegas e amigos e o português em situações formais, nas faculdades, órgãos do governo e embaixadas. Essa foi uma questão que não ficou evidente nas entrevistas com as estudantes caboverdianas no presente estudo. Em momento algum durante as entrevistas foram mencionadas questões relativas ao uso do crioulo e/ou outro idioma e/ou dialeto que não o português, seja entre elas, com outros conterrâneos ou ainda com outros estrangeiros, na universidade ou fora dela, apesar das estudantes terem relatado diferenças quanto ao português de Cabo Verde e o português falado no Brasil.

Relações interpessoais têm sido consideradas centrais para a inserção social e cultural de estudantes internacionais. Estudos anteriores no Brasil apontaram para as dificuldades de estudantes internacionais no país, especialmente as dificuldades para estabelecer relações de amizade (Garcia, 2012a; Garcia, Pereira & Oliveira, 2013; Garcia & Goes, 2010; Garcia, Goes, Moura & Pepino, 2010).

Como proposto por Hinde (1997), no presente estudo foi observado que diferentes formas de relacionamento estão entrelaçadas, de modo que amizades e relações românticas e mesmo relações familiares estão conectadas. As relações de amizade estiveram relacionadas com relacionamento romântico e também fazem parte do convívio e adaptação dos estudantes estrangeiros ao ambiente local. A conexão entre relacionamentos e grupos também se mostra importante neste estudo, assim, como a consideração de estruturas socioculturais, como idioma e normas de relacionamento, e também a questão do ambiente físico. Assim, uma compreensão mais ampla das relações amorosas deste grupo não pode se restringir à díade, mas deve considerar fatores mais amplos, como outros relacionamentos, grupos, além de fatores socioculturais e ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos na presente pesquisa apontam para a complexidade das relações românticas ou amorosas de estudantes internacionais devido à diversidade cultural dos participantes, às diferentes modalidades de relacionamentos possíveis, aos diferentes contextos, às relações com pessoas do mesmo país ou de outros países, e relacionamentos com pessoas na mesma área ou à distância, entre outros pontos. O papel dos relacionamentos amorosos para a inserção social e cultural também é diversificado, de acordo com estes diferentes contextos. Em geral, pode-se considerar que relações de estudantes estrangeiros com pessoas do país de destino poderiam contribuir de forma mais concreta para sua inserção social e cultural neste país.

Algumas das limitações deste estudo podem ser apontadas, como o pequeno grupo de participantes, os estudantes pertencerem a uma única universidade, a possibilidade dos participantes serem aqueles que se sentiram mais à vontade para falar sobre seus relacionamentos amorosos e sua inserção sociocultural, sem maiores dificuldades com o idioma, entre outros fatores. Outra limitação é uma possível resposta socialmente desejável ao pesquisador, para evitarem transmitir uma imagem de incapacidade ou inadequação quanto a adaptação/inserção sociocultural.

Futuras pesquisas poderiam investigar em maior profundidade a diversidade de relações amorosas, além de outros fatores, como características da personalidade que podem estar ligadas ao processo de inserção sociocultural, além da participação de díades. O tema torna-se cada vez mais importante à medida que a internacionalização da educação superior avança, gerando um número cada vez maior de estudantes internacionais, inclusive no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. (2020). Portal do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Retirado de <https://www.acnur.org/portugues/catedra-sergio-vieira-de-mello/>
- Amaral, J. B. (2013). *Atravessando o atlântico: o Programa Estudante Convênio de Graduação e a cooperação educacional brasileira* (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) - Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM, Brasília.
- Andrade, A. M. J., & Teixeira, M. A. P. (2009). Adaptação à universidade de estudantes internacionais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 33-44. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v10n1/v10n1a06.pdf>
- António, M. (2013). Os estudantes angolanos do ensino superior em Lisboa: uma perspectiva antropológica sobre as suas motivações e bem-estar subjetivo. *Análise Social*, (208), 660-682. Retirado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732013000300007&lng=pt&tlng=pt.
- Barbosa, M. L., Celino, S. D. de M., Carneiro, A. G., & Costa, G. M. C. (2016). Assistência à saúde prestada pelo SUS: a experiência de estudantes estrangeiros. *Escola Anna Nery*, 20(4). doi: <https://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20160092>
- Barreto, L. P. T. F. (2001). Considerações sobre a imigração no Brasil contemporâneo. In: M. G. Castro (Org.). *Migrações Internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento.
- Batista, H. S. (2015). *O Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (PROMISAES) como Política de Assistência Estudantil ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)* (Dissertação de Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Brasília, Gestão de Políticas e Sistemas Educacionais,

Brasília.

- Bello, K. Q., & Guerra, V. M. (2018). Explicando o bem-estar de estudantes latino-americanos de pós-graduação no Brasil. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 36(1), 111–128. doi: <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5117>
- Bermúdez Rico, R. E. (2015). La movilidad internacional por razones de estudio: Geografía de un fenómeno global. *Migraciones Internacionales*, 8(1), 95–125. Retirado de http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-89062015000100004&lng=es&tlng=es.
- Bizon, A. C. C. (2013). *Narrando o Exame CELPE-BRAS e o Convênio PEC-G: A Construção de Territorialidades em Tempos de Internacionalização* (Tese de Doutorado em Linguística aplicada, na área de Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilíngue) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.
- Black, B. M., Chido, L. M., Preble, K. M., Weisz, A. N., Yoon, J. S., Delaney-black, V., Kernsmith, P., & Lewandowski, L. (2015). Violence Exposure and Teen Dating Violence Among African American Youth. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(12), 2174–2195. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260514552271>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. doi: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V. & Clarke, V. (2012). Thematic Analysis. In: H. Cooper (Ed.). *APA Handbook of Research Methods in Psychology*, 2, 57-71. Washington: APA. doi: <https://doi.org/10.1037/13620-004>
- Brown, L. (2009). An ethnographic study of the friendship patterns of international

- students in England: an attempt to recreate home through conational interaction. *International Journal of Educational Research*, 48(3), 184-193.
- Cabral, F. M. A. (2015). *Os estudantes africanos nas Instituições de Ensino Brasileiras: O Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G)* (Dissertação de Mestrado em Sociologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Cavalcante, I. M. S., Guedes, G. F., & Püschel, V. A. A. (2018). Mobilidade internacional estudantil de Enfermagem da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(4), 1619-1625. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0754>
- Challinor, E. P. (2014). O estado do corpo imigrante e o corpo do Estado: negociações na interface. *Saúde e Sociedade*, 23(1), 54-66. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000100004>.
- Có, J. P. P. (2011). *Filhos da Independência: Etnografando os estudantes bissau-guineenses do PEC-G em Fortaleza-CE e Natal-RN* (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Coelho, E. M. B., & Silva, A. (2015, agosto). Ser africano e negro no Brasil: estudantes africanos na UFMA. *VII Jornada Internacional Políticas Públicas*. Jornada conduzida pelo Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, São Luiz.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Delevi, R., & Bugay, A. (2010). Understanding change in romantic relationship expectations of international female students from Turkey. *Contemporary family therapy*, 32(3), 257-272. doi: 10.1007/s10591-010-9124-4

- Delevi, R., & Bugay, A. (2013). Gender Differences in the Meaning of Dating and Marriage among International Students from Turkey. *Multidisciplinary Journal of Gender Studies*, 2(2), 127-149. doi: <http://dx.doi.org/10.4471/generos.2013.23>
- Desidério, E. J. (2006). Imigração internacional com fins de estudo: o caso dos estudantes africanos do Programa Estudante Convênio de Graduação em três universidades públicas do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais, Escola Nacional de Ciências Estatísticas, IBGE, Rio de Janeiro.
- Ferreira, R. S. (2018). Estudantes internacionais nas universidades brasileiras: motivações e produção de diferença. *Revista GeoPantanal*, 25, 109-127. Retirado de: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/7374>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, Brasil: Artmed
- Garcia, A. (2012a). Amizades de universitários estrangeiros no Brasil: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 29(4). doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400002>.
- Garcia, A. (2012b). Amizades internacionais de universitários brasileiros: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 17(2), 313-319. Retirado de: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n2/16.pdf>
- Garcia, A., & Maciel, M. G. (2008). A influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. *Psicologia: teoria e prática*, 10(1), 95-112. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100008
- Garcia, A., Brandão, L. R., Costa, L. Q. M., & Togatlian, M. A. (2010). Amizades Interamericanas de Estudantes Universitários Brasileiros: Um Estudo Descritivo. In

- A. Garcia (Org.), *Relacionamento Interpessoal - Uma Perspectiva Interdisciplinar* (pp. 169-181). Vitória.
- Garcia, A., Dettogni, F. G., Costa, L. Q. M., & Togatlian, M. A. (2010). Amizades Intercontinentais de Estudantes Universitários Brasileiros: Um Estudo Exploratório. In A. Garcia (Org.), *Relacionamento Interpessoal - Uma Perspectiva Interdisciplinar* (pp. 182-195). Vitória.
- Garcia, A., & Goes, D.C. (2010). Amizades de estudantes africanos residindo no Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(1), 138-153. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v12n1/v12n1a12.pdf>.
- Garcia, A., Goes, D. C., Moura, L. T., & Pepino, C. B. (2010). Amizades de Universitários Africanos no Brasil: Uma Análise dos Episódios Marcantes. In A. Garcia (Org.), *Relacionamento Interpessoal - Uma Perspectiva Interdisciplinar* (pp. 209-222). Vitória.
- Garcia, A., Neto, C. B., Moura, L. T., & Pepino, C. B. (2010). Amizades Internacionais de Universitários Brasileiros: Uma Análise dos Episódios Marcantes. In A. Garcia (Org.), *Relacionamento Interpessoal - Uma Perspectiva Interdisciplinar* (pp. 196-208). Vitória.
- Garcia, A., Pereira, F. N., & Oliveira, M. S. P. (2013). Amizade e educação internacional. In A. Garcia, F. N. Pereira & M. S. P. Oliveira (Orgs.), *Relações Interpessoais e Sociedade* (pp. 93-105). Vitória.
- Gareis, E., Merkin, R., & Goldman, J. (2011). Intercultural friendship: linking communication variables and friendship success. *Journal of Intercultural Communication Research*, 40 (2), 153-171. doi: <https://10.1080/17475759.2011.581034>
- Gillum, T. L. (2016). Dating Violence and African Immigrant Youth. *Journal of*

Agression, Maltreatment & Trauma, 25(1), 18–32. doi:
<https://doi.org/10.1080/10926771.2016.1107168>

Gonçalves, S. M. M. R. (2004). *A política educativa de envio de estudantes para instituições de ensino externas como estratégia de desenvolvimento: o caso africano* (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional). Instituto Superior de Economia e Gestão – Universidade Técnica de Lisboa.

González-Ferrer, A., Hannemann, T., & Castro-Martín, T. (2016). Partnership formation and dissolution among immigrants in the Spanish context. *Demographic Research*, 35, 1–30. doi: <https://doi.org/10.4054/DemRes.2016.35.1>

Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras - GCUB. (2020). Portal do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras. Recuperado de <http://www.grupocoimbra.org.br/Programas/PaginaProgramas.aspx?programaID=1>

Gusmão, N. M. M. (2008). África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. In: Colóquio Saber e Poder. Unicamp, Campinas, SP

Gusmão, N. M. M. (2012). Africanos no Brasil, Hoje: Imigrantes, refugiados e estudantes. *Revista Tomo*, 21, 13-36. doi: <http://dx.doi.org/10.21669/tomo.v0i21.895>

Haslberger, A. (2005). Facets and dimensions of cross-cultural adaptation: refining the tools. *Personnel Review*, 34(1), 85-109. doi: 10.1108/00483480510571897

Hendrickson, B., Rosen, D., & Aune, R.K. (2011). An analysis of friendship networks, social connectedness, homesickness, and satisfaction levels of international students. *International Journal of Intercultural Relations*, 35, 281-295. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2010.08.001>

Hinde, R. A. (1997). *Relationships: A Dialectical Perspective*. Hove: Psychology Press

Hynie, M., Lalonde, R. N., & Lee, N. S. (2006). Parent-Child Value Transmission Among Chinese Immigrants to North America : The Case of Traditional Mate Preferences.

- Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 12(2), 230–244. doi: <https://doi.org/10.1037/1099-9809.12.2.230>
- International Organization for Migration - IOM. (2016). 2015 Global migration trends factsheet. Berlin, Germany: IOM's Global Migration Data Analysis Centre. Recuperado de <https://www.iom.int/world-migration>
- Iwara, I. O., Kativhu, S., & Obadire, O. S. (2017). Factors hindering socio-cultural integration of international students: a case of University of Zululand and University of Venda. *Gender and Behaviour*, 15(4), 10628-10643. Retirado de <https://www.ajol.info/index.php/gab/article/view/165897>
- Kaly, A. P. (2001). Os estudantes africanos no Brasil e o preconceito racial. In: M. G. Castro (Coord.). *Migrações internacionais: contribuições para Políticas*. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento
- Kim, C., & Sung, H. E. (2016). The Effects of Acculturation on Intimate Partner Violence Among Chinese Immigrants in New York City. *Journal of Family Violence*, 31, 325–336. doi: <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9761-3>
- Kudo, K., & Simkin, K. A. (2003). Intercultural friendship formation: the case of Japanese students at an Australian university. *Journal of Intercultural Studies*, 24(2), 91-114. doi: <https://doi.org/10.1080/0725686032000165351>
- Leal, F. G., & Moraes, M. C. B. (2018). Política externa brasileira, cooperação sul-sul e educação superior: o caso do programa estudante-convênio de graduação. *Educação & Sociedade*, 39(143), 343-359. doi: <https://doi.org/10.1590/es0101-73302018174127>
- Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017. Dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes

- para as políticas públicas para o imigrante. Retirado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm
- Levin, S., Taylor, P. L., & Caudle, E. (2007). Interethnic and interracial dating in college: A longitudinal study. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(3), 323–341. doi: <https://doi.org/10.1177/0265407507077225>
- Lima, L. de S., & Feitosa, G. G. (2017). Sair Da África Para Estudar No Brasil: Fluxos Em Discussão. *Psicologia & Sociedade*, 29. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i162231>
- Lin, Y., & Kingminghae, W. (2018). Intimate relationships and mobility intentions of Thai international students in Chinese universities: A gendered analysis. *Population, Space and Place*, 24(5). doi: <https://doi.org/10.1002/psp.2120>
- Maciel, W. (2017). Usos de uma cidade da liberdade: estudantes africanos em Redenção. *Caderno CRH*, 30(79), 189-201. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/s0103-49792017000100012>
- Melo, F. M. S., Santos, M. P., Sousa, L. B., Holanda, V. M. S., Araújo, M. F. V., Joventino, E. S. (2018). Experiências de estudantes internacionais ao gestar longe do seu país de origem. *Avances en Enfermería*, 36(3). doi: <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v36n3.65010>
- Mendes, A. (2019). A presença dos estudantes internacionais em Redenção: práticas de sociabilidade e segregação no espaço urbano. *Revista África e Africanidades*, 32. Retirado de: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/0050112019.pdf>
- Mera, M. J., Martínez-Zelayaa, G., Bilbao, M. A., & Garrido, A. (2017). Chilenos ante la inmigración: un estudio de las relaciones entre orientaciones de aculturación, percepción de amenaza y bienestar social en el Gran Concepción. *Universitas Psychologica*, 16(5). Retirado de

<https://www.redalyc.org/jatsRepo/647/64753989005/64753989005.pdf>

Ministério das Relações Exteriores. (2018). Portal do Ministério das Relações Exteriores.

Recuperado de <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>

Muller, M. L. R., & Silva, A. G. S. (2016). A experiência de estudantes africanos no Brasil. *Revista da FAEBRA - Educação e Contemporaneidade*, 25(45), 55-70.

Retirado de: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/2283>

Mungoi, D. M. D. C. J. (2006) *O mito atlântico: relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de construção e reconstrução de suas identidades étnicas* (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio grande do Sul.

Nesteruk, O., & Gramescu, A. (2012). Dating and Mate Selection Among Young Adults from Immigrant Families. *Marriage & Family Review*, 40–58. doi: <https://doi.org/10.1080/01494929.2011.620732>

Ojima, R., Aguirre, M. A. C., da Silva, B. L., & Lima, W. M. (2014). Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. *Revista Percursos*, 15(28), 166–189. doi: <https://doi.org/10.5965/1984724215282014166>

Oliveira, A. L., & Freitas, M. E. (2016). Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. *Educação em Revista. Belo Horizonte*, 32(03), 217-246. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n3/1982-6621-edur-32-03-00217.pdf>

Oliveira, A. L., & Freitas, M. E. (2017). Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes. *Revista Brasileira de Educação*, 22(70), 774-801. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/s1413->

24782017227039

- Pepino, C. B. (2014). *Relacionamento romântico entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros* (Tese de Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Espírito Santo.
- Perugini, M. L. P., & Solano, A. C. (2014). Predictores de adaptación psicológica y académica de estudiantes universitarios extranjeros en argentina/ar. *Interamerican Journal of Psychology*, 48(3), 328-337. Retirado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28437897009>
- Popadiuk, N. E. (2008). Intimate relationships of female international students. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 36(4), 206–218. doi: <https://doi.org/10.1002/j.2161-1912.2008.tb00083.x>
- Riessman, C. K. (2005). Narrative Analysis. In: Narrative, Memory & Everyday Life. *University of Huddersfield, Huddersfield*, (pp. 1-7). Retirado de <http://eprints.hud.ac.uk/id/eprint/4920/>
- Rodrigues, R. A., & Strey, M. N. (2006). A Perspectiva do Gênero e da Sexualidade no Processo de Acluturação de Estudantes Estrangeiros (as) Latino-Americanos (as). *Revista Práxis*, (1), 59-65. Retirado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=525552614010>
- Rodrigues, R. A., & Strey, M. N. (2010). Orquestrando vozes de gênero de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as. *Psico*, 41(1), 47-56. Retirado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/3755/5216>
- Samuel, L. (2010). Mating , Dating and Marriage : Intergenerational Cultural Retention and the Construction of Diasporic Identities among South Asian Immigrants in Canada. *Journal of Intercultural Studies*, 31(1), 95-110. doi:

<https://doi.org/10.1080/07256860903477712>

- Seyferth, G. (2007). Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção multidisciplinar. In: G. Seyferth, H. Póvoa, & M. C. Zanini (Orgs.). *Mundos em movimento: ensaios sobre migrações*. Santa Maria: Ed. UFSM.
- Silva, F. L. R. (2018). *Programa de estudantes-convênio de graduação (PEC-G): percepção da vivência de estudantes-convênio em uma instituição pública de ensino superior* (Dissertação de Mestrado Profissional em Gestão Pública) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Espírito Santo.
- Silva, H. F.C., Benedito, F. C. S., F., Joaquim, D. C., Sousa, D. F., & Leite, A. C. R. M. (2018). Saúde bucal: dos hábitos e conhecimento de higiene ao comportamento e acesso a serviços odontológicos de universitários brasileiros e estrangeiros. *RFO, Passo Fundo*, 23(1), 17–23. doi: <https://doi.org/10.5335/rfo.v23i1.8498>
- Silva, K., & Morais, S. S. (2012). Tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos Palop em duas universidades brasileiras. *Pro-Posições*, 23(1), 163-182. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072012000100011>
- Silvério, M. S. (2018). *Eu, Tu...Ilus: Poliamor e não-monogamias consensuais* (Tese de Doutorado em Antropologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Antropologia, Lisboa.
- Solano, A. C., & Perugini, M. L. L. (2013). Predictores de la adaptación sociocultural de estudiantes universitarios extranjeros en Argentina. *Interdisciplinaria*, 30(2), 265-281. Retirado de http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1668-70272013000200006&lng=pt&tlng=es
- Sosa, M. L. (2016). Migrantes en el sistema educativo argentino. Un estudio sobre la

- presencia de alumnos extranjeros en los estudios de nivel superior. *Revista iberoamericana de educación superior*, 7(19), 97-116. Retirado de http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-28722016000200097&lng=es&tlng=es.
- Sosa, F. M., Fernández, O. D., Zubieta, E. M. (2014). Bienestar social y aculturación psicológica en estudiantes universitarios migrantes. *Liberabit. Revista de Psicología*, 20(1), 151-163. Retirado de http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272014000100014&lng=es&tlng=es.
- Sosa, F. M., & Zubieta, E. (2015). La experiencia de migración y adaptación sociocultural: identidad, contacto y apoyo social en estudiantes universitarios migrantes. *Psicogente*, 18(33), 36-51. Retirado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=497551992005>
- Sousa, C., & Gonçalves, G. (2015). Imigrantes e sociedade de acolhimento: percepções e realidades no caso de Portugal. *Psicologia & Sociedade*, 27 (3), 548-557. Retirado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309341510008>
- Souza, F. S. F. (2019). *Acolhimento e integração dos estudantes internacionais na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira - UNILAB*. Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro*, 71(2), 51-67. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Souza, O. R., & Malomalo, B. (2016). Universidade da Integração Internacional da

- Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos(as) no Ceará. *Interfaces Brasil/Canadá*, 16(01). doi: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.15210/INTERFACES.V16I1.7731](http://dx.doi.org/10.15210/interfases.v16i1.7731)
- Souza, L. K., & Sedyiama, C. Y. N. (2012). Amizades internacionais: panorama da literatura empírica e um estudo descritivo. *Barbaroi (Santa Cruz do Sul)*, 36, 6-28. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n36/n36a02.pdf>
- Soweto, D., & Martins, J. (2016, setembro). Na pele do estudante africano no Brasil: adaptação, racismo e sociabilidade. *XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Congresso conduzido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, São Paulo.
- Stallivieri, L. (2009). *As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional* (Tese de Doutorado em Línguas Modernas) - Universidad Del Salvador, Buenos Aires, Argentina.
- Stallivieri, L., Pilotto, D. Z., & Gonçalves, R. B. (2015). Análise da adaptação cultural de estudantes internacionais sob o ponto de vista das teorias da curva “u” e da curva “w”. *Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL*, 8 (3), 26-47. Retirado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=319342694002>
- Stoner, M., Aamlid, C., Hilliard, T., & Knox, D. (2019). What Parents Don't Know: International Students' Romantic Relationships in the United States. *College Student Journal*, 53(1), 42-46. Retirado de <https://www.questia.com/library/journal/1G1-584328136/what-parents-don-t-know-international-students-romantic>
- Subuhana, C. (2005). *Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro* (Tese de Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, Rio de Janeiro.
- Subuhana, C. (2007). *Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade*

- e redes sociais. *Imaginário (USP)*, 13(14), 321-355. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ima/v13n14/v13n14a15.pdf>
- Subuhana, C. (2009). A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias. *Pro-Posições*, 20(1), 103-126. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072009000100007>
- Teichler, U. (2003). Mutual recognition and credit transfer in Europe: experience and Problems. *Journal of Studies in International Education*, 7(4) doi: <https://doi.org/10.1177/1028315303257118>.
- Unesco. (2015a). Portal da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Recuperado de https://en.unesco.org/sites/default/files/1-4_growth_international_students.pdf
- Unesco. (2015b). Portal da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Recuperado de <http://uis.unesco.org/en/uis-student-flow>.
- Unesco. (2018). Portal da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Recuperado de <http://uis.unesco.org/node/334686>.
- Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. (2018). Portal da Universidade Federal do Espírito Santo. Recuperado de <http://www.UFES.br/institui%C3%A7%C3%A3o>
- Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. (2020a). Portal da Universidade Federal do Espírito Santo. Recuperado de <http://internacional.UFES.br/pt-br/mobilidade-para-UFES>
- Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. (2020b). Portal da Universidade Federal do Espírito Santo. Recuperado de <http://www.internacional.ufes.br/pt-br/c%C3%A1tedra-das-na%C3%A7%C3%B5es-unidas-para-refugiados-%C3%A9-apresentada-na-ufes>

- Vaccarino, F., & Dresler-Hawke, E. (2011). How You Doing, Mate? The Perceptions of benefits and Barriers in Forming Friendships with International Students: A New Zealand Perspective. *Intercultural Communication Studies*, 20(2), 177-189. Retirado de https://www.researchgate.net/publication/286631150_How_you_doing_mate_The_perceptions_of_benefits_and_barriers_in_forming_friendships_with_international_students_a_New_Zealand_perspective
- van Zantvliet, P. I., Kalmijn, M., & Verbakel, E. (2015). Early Partner Choices of Immigrants: The Effect of Preferences, Opportunities and Parents on Dating a Native. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 41(5), 772–794. doi: <https://doi.org/10.1080/1369183X.2014.948391>
- Vida, S. S. (2001). Africanos no Brasil: ameaça ao paraíso racial. In: M. G. Castro(Org.). *Migrações internacionais: contribuições para Políticas*. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas, Campinas*, 22(44), 203-220. Retirado de <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre, Brasil: Bookman.

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Você foi convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **RELACIONAMENTOS AMOROSOS E INTEGRAÇÃO SOCIOCULTURAL DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS DA UFES**, sob a responsabilidade de VINÍCIUS GRASSI VIEIRA RAMOS, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação do Professor Doutor Agnaldo Garcia.

JUSTIFICATIVA

Devido ao fluxo cada vez mais crescente de migrações de estudantes internacionais; pela grande maioria dos estudos científicos privilegiarem esta temática no contexto de universidades norte americanas e europeias; e devido a lacuna de estudos envolvendo relacionamentos amorosos e seu papel na inserção sociocultural dos estudantes internacionais em países latino americanos, faz-se necessário compreender a importância dessa modalidade de relacionamento interpessoal com a integração sociocultural dos estudantes universitários internacionais no Brasil.

OBJETIVO DA PESQUISA

Descrever relacionamentos amorosos de estudantes universitários internacionais no Brasil e seu papel na integração sociocultural ao país anfitrião.

PROCEDIMENTOS

A pesquisa será realizada por meio de entrevista semiestruturada a respeito dos relacionamentos românticos e integração sociocultural de estudantes universitários internacionais na UFES. As entrevistas serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

DURAÇÃO

O tempo aproximado de resposta à entrevista é de 20 a 40 minutos.

RISCOS E DESCONFORTO

O risco da pesquisa é considerado mínimo por envolver apenas respostas a uma entrevista. Todavia, eventualmente pode haver desconforto e cansaço, assim como questionamentos, insatisfação e insegurança acerca da condição de estudante internacional e dos relacionamentos amorosos. Neste caso, você pode interromper e cessar a entrevista no momento em que achar conveniente.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO

É garantida ao participante o direito de buscar indenização diante de eventuais danos comprovadamente decorrentes de sua participação na pesquisa.

BENEFÍCIOS

Não existe benefício ou vantagem direta em participar deste estudo. Os benefícios e vantagens em participar são indiretos, proporcionado ao participante momentos de reflexão sobre sua condição de estudante internacional, seus relacionamentos amorosos e sobre sua integração sociocultural ao Brasil, assim como a valorização científica deste grupo. O retorno social será através da melhor compreensão acerca da importância dos relacionamentos amorosos com a integração sociocultural desta população e da publicação dos resultados da pesquisa em periódico científico. Caso desejar, o(a) participante poderá receber por e-mail os resultados da pesquisa.

ACOMPANHAMENTO E ASSITÊNCIA

O pesquisador responsável é psicólogo com experiência em atendimento psicológico. Caso o participante venha a sofrer algum tipo de desconforto relacionado ao tema da pesquisa, a entrevista poderá ser interrompida para que o devido acolhimento e atendimento sejam prestados.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO

Você não é obrigado a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento as informações fornecidas até então serão descartadas.

GARANTIA DA MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE

O pesquisador compromete-se a resguardar sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos resultados, os quais serão apresentados de forma geral e não individualmente.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO

O participante não precisará arcar com qualquer valor para participar da pesquisa. Também não será pago para participar dela. Todavia, caso haja qualquer despesa decorrente de sua participação na pesquisa, o participante será ressarcido integralmente.

ESCLARECIMENTOS E DÚVIDAS

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, o participante poderá contatar o pesquisador Vinícius Grassi Vieira Ramos, através do telefone (27) 99629-6426, na Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Psicologia, Prédio Professor Lídio de Souza, Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), e-mail vinicius_grassi87@hotmail.com. Diante da necessidade de qualquer denúncia, reportar qualquer intercorrência, injúria ou dano relacionado com o estudo o participante poderá entrar em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no endereço Avenida Fernando Ferrari, 514 – Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória – ES, CEP 29.075-910.

Serão impressas duas vias deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas por ambos, pesquisador e participante.

Eu, abaixo assinado, declaro que fui informado e esclarecido sobre a presente pesquisa, recebi uma via deste termo de consentimento, entendendo todos os termos acima expostos e que voluntariamente aceito participar deste estudo.

Assinatura do Participante

Vitória, ___/___/___

Vinícius Grassi Vieira Ramos

CRP 16/4526

Apêndice B – Guia de Entrevista Semiestruturada**DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS****A) IDENTIFICAÇÃO**

- 1-Idade:
- 2-Sexo:
- 3-Estado civil:
- 4-Possui filhos? Quantos?
- 5-Com quem residia antes de vir ao Brasil?
- 6-Nacionalidade:
- 7-Profissão:
- 8-Escolaridade:
- 9-Tempo de residência no Brasil:
- 10-Curso que realiza na UFES:
- 11-Bairro em que reside no Brasil:
- 12-Com quem mora no Brasil:
- 13-Já morou anteriormente em outro país? Onde?
- 14-Já havia visitado anteriormente outro país? Qual país(es)? Qual o motivo da viagem (estudo, trabalho, lazer, turismo)?
- 15- É aluno de programa e/ou convênio (PEC-G, PEC-PG, PAEC, ETC)?
- 16-Por que escolheu o Brasil para estudar? Foi sua primeira opção?
- 17- Quais são as suas expectativas após o término do curso?

B- IDENTIFICAÇÃO DO(A) COMPANHEIRO(A)

Obs: Antigos e/ou atuais

- 1- Nacionalidade
- 2- Idade
- 3- Escolaridade
- 4- Há quanto tempo o(a) conhece?
- 5- Onde se conheceram?
- 6- Qual o tempo de relacionamento?
- 7- Onde mora (cidade, país)?

Incentivo de narrativa:

Gostaria que você me contasse a história do seu percurso enquanto estudante internacional/estrangeiro/migrante. Uma boa maneira de fazer isso seria começar por quando ainda estava em seu país natal e despertou interesse em estudar num outro país, relatando todo o caminho que percorreu desde então, um passo após o outro, até os dias de hoje, as dificuldades encontradas, o apoio recebido e os pontos positivos, com todos os detalhes que achar relevantes, especialmente aqueles relacionados a seus relacionamentos amorosos. Fique à vontade para levar o tempo que achar necessário. Nós não temos pressa.

RELACIONAMENTOS AMOROSOS E INSERÇÃO SOCIOCULTURAL

- 1 – Como vocês se conheceram e em que situação?
- 2 – O que te atraiu por essa pessoa? O que chamou sua atenção?
- 3 – De que forma o contato inicial passou para o relacionamento amoroso? Quando é que percebeu que estava em um relacionamento?
- 4 – Quais são os pontos positivos do seu relacionamento?
- 5 – Você pode relatar algum episódio marcante que revele algum ponto positivo de seu relacionamento?
- 6 – Vocês têm ou já tiveram dificuldades durante o relacionamento? Que tipo de dificuldades foram essas?
- 7 – Você pode relatar algum momento marcante que revele alguma dificuldade entre vocês?
- 8 – Você acha que seu relacionamento amoroso de alguma forma facilita sua inserção sociocultural e adaptação ao Brasil? De que forma?
- 9 – Você pode relatar alguma situação na qual seu relacionamento amoroso tenha facilitado sua inserção a cultura e adaptação ao Brasil?
- 10 – Você acha que seu relacionamento amoroso de alguma forma dificulta e/ou prejudica sua inserção sociocultural e adaptação ao Brasil? De que forma?
- 11 - Você pode relatar alguma situação em que seu relacionamento amoroso tenha dificultado e/ou prejudicado sua inserção a cultura e adaptação ao Brasil?
- 12 – Houve mudanças em suas atitudes, crenças e expectativas sobre relacionamentos amorosos (significados de sexo, encontro, namoro, casamento e

papéis do homem e da mulher num relacionamento romântico) desde sua chegada ao Brasil? Que mudanças foram essas?

13 - Você pode relatar alguma situação na qual percebeu mudanças em suas atitudes, crenças e expectativas sobre relacionamentos amorosos (significados de sexo, encontro, namoro, casamento e papéis do homem e da mulher num relacionamento romântico) desde sua chegada ao Brasil?

14 – Você percebe diferenças quanto a cultura e valores entre seu país natal e o Brasil quanto aos significados de sexo, encontro, namoro, casamento e papéis do homem e da mulher num relacionamento amoroso?

15 – Você pode relatar episódios ou situações nas quais percebeu diferenças quanto a cultura e valores entre seu país natal e o Brasil quanto aos significados de sexo, encontro, namoro, casamento e papéis do homem e da mulher num relacionamento amoroso?

16 – Quais as principais semelhanças que você percebe entre o Brasil e seu país natal?

17 – Quais as principais diferenças que você percebe entre o Brasil e seu país natal?

18 – Quais foram e/ou são os principais fatores que facilitam e/ou facilitaram sua inserção e adaptação a cultura brasileira? Pode relatar episódios ou situações nas quais estes fatores estiveram presentes?

19 - Quais foram e/ou são os principais fatores que dificultam e/ou dificultaram sua inserção e adaptação a cultura brasileira? Pode relatar episódios ou situações nas quais estes fatores estiveram presentes?

Apêndice C – Cartaz de divulgação da pesquisa e recrutamento de participantes



Convite para participação em pesquisa

RELACIONAMENTOS AMOROSOS E INTEGRAÇÃO SOCIOCULTURAL DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS NA UFES

Convidamos estudantes internacionais devidamente matriculados em cursos de graduação e pós graduação da UFES que possam participar e contribuir com pesquisa sobre relacionamentos amorosos e integração sociocultural.

Caso tenha interesse em colaborar, entre em contato:

Vinícius Grassi Vieira Ramos CRP 16/4526
Mestrando em Psicologia – UFES
WhatsApp: (27) 99629-6426
Email: vinicius_grassi87@hotmail.com
Orientador: Profº Drº Agnaldo Garcia

